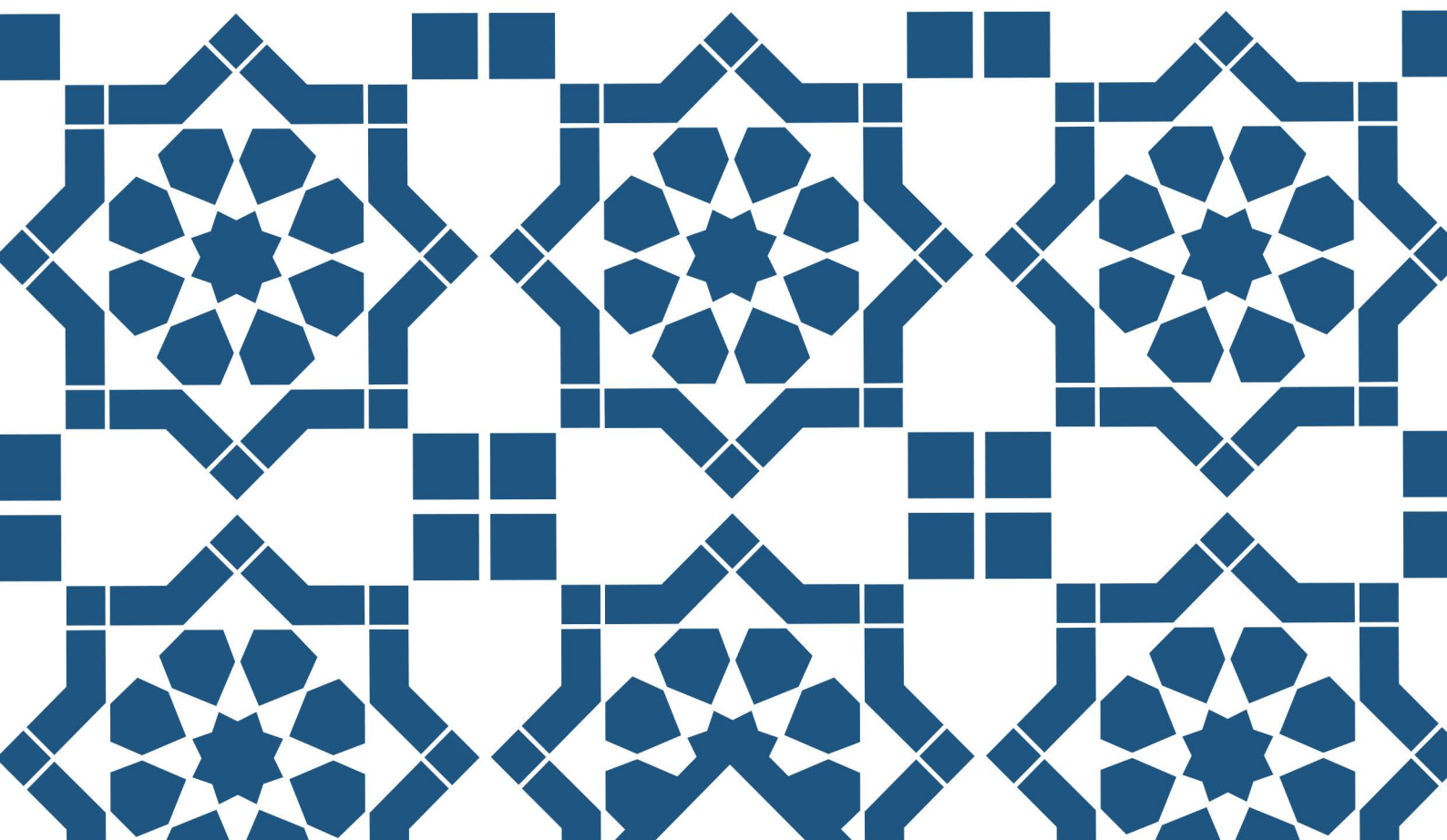


LIVRO DE RESUMOS

XVIII  
CONGRESSO  
**ASHISCOM**  
COMUNICAÇÃO  
HISTÓRIA  
MEMÓRIA





**XVIII Congresso Internacional AsHisCom  
Comunicação, História e Memória**

XVIII Congreso Internacional AsHisCom  
Comunicación, Historia y Memoria

AsHisCom | Asociación de Historiadores de la  
Comunicación, Espanha

**Título**

LIVRO DE RESUMOS –  
ASHISCOM 2023

**Organização**

ICNOVA – Instituto de Comunicação  
da NOVA,  
Universidade NOVA de Lisboa,  
Universidade Autónoma de Lisboa  
ASHISCOM – Asociación de  
Historiadores de la Comunicación

**Coordenação**

Carla Baptista, Concha Langa-Nuño,  
Ana Trevisan, João Carlos Martins,  
Patrícia Caneira, Patrícia Contreiras

**Capa**

Criação de azulejo

URL

<https://xviiiashiscom2023.fcsh.unl.pt/>

**Editora**

ICNOVA  
Universidade NOVA de Lisboa

**Apoios**

FCT – Fundação para a Ciência e  
Tecnologia

Este trabalho está licenciado sob a Licença  
[Creative Commons - Atribuição 4.0  
Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Lisboa, 2023

## COMISSÃO CIENTÍFICA

### **Adriana Pineda**

Red Iberoamericana de Historiadores del Periodismo y la Prensa

### **Alberto Pena Rodríguez**

Universidad de Vigo

### **Alejandro Pizarroso Montero**

Universidad Complutense de Madrid

### **Álvaro Fleites**

Asociación Prensa, Impresos y Lectura en el Área Románica, PILAR

### **Antonio Checa Godoy**

Universidad de Sevilla

### **Antonio Laguna Platero**

Universidad de Castilla-La Mancha

### **Celia del Palacio Montiel**

Universidad Veracruzana, México

### **Celso Jesús Almuiña Fernández**

Universidad de Valladolid

### **Cristina Ferraz Musse**

Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Comunicação, ALCAR

### **David Fuentesfría Rodríguez**

Universidad de La Laguna

### **Francesc Andreu Martínez Gallego**

Universidad de Valencia

### **Francisco Rui Cádima**

NOVA-FCSH e ICNOVA

### **Jaume Guillamet**

Universidad Pompeu Fabra

### **Jean-François Botrel**

Université Rennes 2, Francia

### **José Luis Zurita**

Universidad de La Laguna

### **Josep Lluís Gómez Mompert**

Universidad de Valencia

### **Juan Antonio García Galindo**

Universidad de Málaga

### **Julio Moyano**

Universidad de Buenos Aires, coordinador del Nodo Sur de la Red Iberoamericana de Historiadores de la Prensa y del Periodismo

### **María Dolores Saiz García**

Universidad Complutense de Madrid

### **Maria Inácia Rezola**

Escola Superior de Comunicação Social

### **Marialva Barbosa**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

### **Mirta Varela**

Universidad de Buenos Aires, Argentina

### **Nelson Ribeiro**

Universidade Católica Portuguesa

### **Patricio Bernedo**

Pontificia Universidad Católica de Chile

### **Ricardo Carvalheiro**

Universidade da Beira Interior

### **Ricardo Martín De la Guardia**

Universidad de Valladolid

### **Suzana Cavaco**

Universidade do Porto

## COMISSÃO ORGANIZADORA

### **Concha Langa Nuño**

Universidade de Sevilha

### **Carla Baptista**

NOVA FCSH e ICNOVA

### **Jorge Pedro Sousa**

Universidade Fernando Pessoa e ICNOVA

### **Paula Lopes**

Universidade Autónoma de Lisboa

### **Carlos Pedro Dias**

Universidade Autónoma de Lisboa

### **María Eugenia Gutiérrez Jiménez**

Universidad de Sevilla

### **Dora Santos Silva**

NOVA FCSH e ICNOVA

### **Bruno Reis**

Universidade Autónoma de Lisboa

### **Jaime Lourenço**

Universidade Autónoma de Lisboa

### **João Carlos Martins**

Phd NOVA FCSH

### **Ana Trevisan**

Phd NOVA FCSH

### **Patrícia Caneira**

Phd NOVA FCSH

### **Patrícia Contreiras**

Gestora de Comunicação e Ciência do ICNOVA

## **ÍNDICE**

### **INTRODUÇÃO**

#### **SESSÕES PLENÁRIAS**

PLENÁRIA 01: HISTÓRIA, MEMÓRIA E MEDIA

PLENÁRIA 02: BIOGRAFIA E FOTOGRAFIA HISTÓRICAS COMO FORMAS DE CONSTRUIR MEMÓRIA COLETIVA

#### **MESAS TEMÁTICAS**

MESA TEMÁTICA 1: DIÁLOGOS IBÉRICOS

MESA TEMÁTICA 2: MEMORIA DE LAS TRANSICIONES DE FIN DEL SIGLO XX EN ESPAÑA, PORTUGAL Y AMÉRICA LATINA

MESA TEMÁTICA 3: GÉNERO Y VIOLENCIAS EN LA PRENSA FEMENINA DEL SIGLO XIX

#### **MESA-REDONDA**

1. MEMÓRIAS E DESMEMÓRIAS PÓS COLONIAIS

2. MEDIA E HISTÓRIA PÚBLICA: DAS DITADURAS ÀS DEMOCRACIAS

#### **SESSÕES PARALELAS**

SP\_01: MEMÓRIA E HISTÓRIA

SP\_02: JORNALISTAS E OUTROS COMUNICADORES: HISTÓRIA(S) E BIOGRAFIAS 1

SP\_03: MEMÓRIA DO CAMPO COMUNICACIONAL IBEROAMERICANO 1

SP\_04: MEMÓRIA DO CAMPO COMUNICACIONAL IBEROAMERICANO 2

SP\_05: MEMÓRIA DO CAMPO COMUNICACIONAL IBEROAMERICANO 3

SP\_06: HISTÓRIA, MEMÓRIA E DISCURSO DA IMPRENSA 1

SP\_07: HISTÓRIA, MEMÓRIA E DISCURSO DA IMPRENSA 2

SP\_08: JORNALISTAS E OUTROS COMUNICADORES: HISTÓRIA(S) E BIOGRAFIAS 2

SP\_09: LUTAS HISTÓRICAS NO CAMPO COMUNICACIONAL

SP\_10: METODOLOGIAS E APROXIMAÇÕES À HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO 1

SP\_11: HISTÓRIA, MEMÓRIA E DISCURSO DA IMPRENSA 3

SP\_12: MEMÓRIA DO CAMPO COMUNICACIONAL IBEROAMERICANO 4

SP\_13: HISTÓRIA, MEMÓRIA E DISCURSO DA IMPRENSA 4

SP\_14: MEMÓRIA DO CAMPO COMUNICACIONAL IBEROAMERICANO 5

SP\_15: OS ARQUIVOS E OUTRAS FONTES NA E PARA A HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO

SP\_16: MEMÓRIA DO CAMPO COMUNICACIONAL IBEROAMERICANO 6

SP\_17: HISTÓRIA, MEMÓRIA E DISCURSO DA IMPRENSA 5

SP\_18: MEMÓRIA DO CAMPO COMUNICACIONAL IBEROAMERICANO 7

SP\_19: METODOLOGIAS E APROXIMAÇÕES À HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO 2

SP\_20: MEMÓRIA DO CAMPO COMUNICACIONAL IBEROAMERICANO 8

SP\_21: MEMÓRIA DO CAMPO COMUNICACIONAL IBEROAMERICANO 9

SP\_22: MEMÓRIA DO CAMPO COMUNICACIONAL IBERO-AFRO-AMERICANO

SP\_23: MEMÓRIA DO CAMPO COMUNICACIONAL IBEROAMERICANO 10

SP\_24: JORNALISTAS E OUTROS COMUNICADORES: HISTÓRIA(S) E BIOGRAFIAS 3

SP\_25: JORNALISTAS E OUTROS COMUNICADORES: HISTÓRIA(S) E BIOGRAFIAS 4



## COMUNICAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA

Sob a inspiração de Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs e Pierre Nora, o XVIII Congresso da AsHisCom coloca no centro do debate a produção de memória coletiva no espaço ibero americano e a análise de políticas de justa memória. Este é um premente campo de estudo e intervenção, que inclui pensar de forma multidisciplinar e inclusiva, contemplando o contributo de movimentos e atores sociais, representações mediáticas, arquivos privados e públicos, musealizações e outras construções materiais e discursivas relacionadas com a produção e a comunicação de memória, incluindo no meio digital.

É uma tarefa abrangente que implica académicos, cidadãos e políticos. Mas é também um desafio intelectual criativo que permite explorar novos caminhos metodológicos, como a valorização da história oral e a colaboração com outros campos disciplinares (a antropologia, os estudos críticos e culturais, mas também as artes e o jornalismo). Permanece sintonizado com a multiplicação de lugares de memória e com as contínuas redefinições, apropriações e negociações dos lugares de memória e de conhecimento histórico. Trata-se de uma agenda multidisciplinar que reconhece a natureza social da prática histórica e abre um olhar crítico sobre os passados presentes e a politização da memória coletiva.

A emergência do tema da memória nos estudos históricos constitui uma das linhas de investigação mais atuais e está relacionada com movimentos de (re)democratização das sociedades, com novos protagonismos a serem disputados por atores sociais em busca de reconhecimento e reparação e exigindo o direito à memória. Uma vez que a memória coletiva é também forjada pela História e pelos seus silêncios e esquecimentos, este congresso estimula os investigadores e refletirem sobre o que significa investigar o passado, construindo memória, e quais as exigências e as inovações epistemológicas trazidas pelo olhar da História da Comunicação.

Organizado em parceria pela NOVA FCSH e pela Universidade Autónoma de Lisboa, em estreita colaboração com a direção da AsHisCom, o congresso acolhe em Lisboa 147 investigadores, oferecendo um programa com 4 sessões plenárias, 25 sessões paralelas e um total de 123 comunicações. São dois dias de intensa discussão e troca de conhecimento que tornam Lisboa e a universidade portuguesa no centro deste debate tão necessário. Agradecemos o empenho de todos na organização, em particular ao ICNOVA, estrutura de I&D pioneira em Portugal no estudo dos media e do jornalismo, que desde a sua criação abraçou a linha da história da comunicação como uma das suas vias estruturantes para compreender (também) o mundo contemporâneo.

Bem vind@s a Lisboa e ao XVIII AsHisCom!

A Comissão Organizadora

## **HISTORIA DE LA COMUNICACIÓN, HISTORIOGRAFÍA MEDIÁTICA Y MEMORIAS DIGITALES**

**Julián Casanova**

[casanova@unizar.es](mailto:casanova@unizar.es)

Universidad de Zaragoza, ES

**Francesc-Andreu Martínez Gallego**

[Francesc.Martinez@uv.es](mailto:Francesc.Martinez@uv.es)

Universitat de València, ES

La memoria, la individual y la social, tiene una serie de características, entre las que la más conspicua es su maleabilidad. La memoria no es tangible. En los individuos consiste en una serie de conexiones neuronales inestables. En las sociedades se construye, se altera, se modifica. Es fluida y cambiante. Son muchos los agentes que participan en esa construcción.

Los historiadores, siempre cuidadosos en deslindar el campo de la historia del de la memoria, tienen su papel. Pero también lo tiene, y cada vez más poderoso, los medios de comunicación: son ellos los que construyen una historiografía mediática y una memoria digital capaz de reordenar nuestro mundo, nuestra percepción del pasado y, por ende, nuestra intervención en el presente.



## **LA DIALÉCTICA DE LA BIOGRAFÍA**

**Anna Caballé Masforroll**

[annacaballe@ub.edu](mailto:annacaballe@ub.edu)

Universitat de Barcelona, ES  
University of Chicago, EE.UU.

La biografía siempre será una labor cargada de sutilezas, porque trabaja sobre una vida humana, una realidad que es material y psíquica a la vez. Pero, al mismo tiempo, es una labor racional que se apoya en una metodología y unas herramientas de investigación. Resumiendo, la biografía opera con una dialéctica propia que hasta fechas recientes apenas recibió atención teórica. Y este será el eje de la intervención: reflexionar sobre su modus operandi y sobre sus limitaciones.

## **23 FEBRERO 1981. GOLPE DE ESTADO EN ESPAÑA. ACONTECIMIENTO, NOTICIA Y MEMORIA**

**Rafael Rodríguez Tranche**

[tranche@ccinf.ucm.es](mailto:tranche@ccinf.ucm.es)

Universidad Complutense de Madrid, ES

El 23 de febrero de 1981 se produjo un golpe de Estado en el Congreso de los diputados que estuvo a punto de acabar con la joven democracia española. Las cámaras fotográficas y las televisivas captaron en directo lo sucedido, convirtiendo un acto de violencia política en un espectáculo mediático. Esta comunicación propone desentrañar este complejo entramado en el que un acontecimiento ha devenido, con el paso del tiempo, en narración colectiva y fenómeno ahistórico.

## EL DISCURSO ICONOGRÁFICO DE LAS REVISTAS ILUSTRADAS IBÉRICAS SOBRE EL ENCUENTRO ENTRE D. ALFONSO XIII Y D. MANUEL II EN VILA VIÇOSA (FEBRERO DE 1909)

**Jorge Pedro Sousa**

[jpsousa@ufp.edu.pt](mailto:jpsousa@ufp.edu.pt)

Universidade de Fernando Pessoa/ICNOVA-NOVA FCSH, PT

**Teresa Ferré Panisello**

[Teresa.Ferre@uab.cat](mailto:Teresa.Ferre@uab.cat)

Universitat Autònoma de Barcelona, ES

Entre el 12 y el 15 de febrero de 1909, los dos monarcas más jóvenes de Europa se reunieron en Vila Viçosa en un contexto antagónico para ambos. Manuel II vivía la adversa y frágil situación de la Monarquía portuguesa, mientras que la España de Alfonso XIII salía de la crisis finisecular. Aunque fue una reunión privada alejada de los fastos y baños de masas de los típicos viajes reales de la época, la prensa dio cuenta de ello.

Esta investigación pretende llenar un vacío al abordar el análisis de la cobertura periodística desde una perspectiva iconográfica del encuentro de los dos soberanos ibéricos. Un aspecto desconocido a pesar de que, en ese momento de la historia, el fotoperiodismo ya estaba consolidado como práctica y como oficio tanto en Portugal (Sousa, 2000; 2017; 2020), como en España (López Mondejar, 2003; Sánchez Vigil, 2008). El análisis ofrece desde una perspectiva comparada la narrativa iconográfica – contando con el texto verbal correlativo –. El medio de comunicación escogido son las revistas ilustradas semanales, canal por excelencia de transmisión y difusión de la imagen en el contexto de principios de siglo XX. Tras el estudio de las revistas ilustradas portuguesas y españolas de la época se han escogido de Portugal, la Ilustração Portuguesa y de España Nuevo Mundo, como publicación principal, y Blanco y Negro porque su corresponsal portugués era Joshua Benoliel. Para ello se utiliza una metodología cuali-cuantitativa de análisis hermenéutico y heurístico del discurso iconográfico, con el objetivo de desvelar los encuadres discursivos propuestos al lector. Considerando las circunstancias y la dinámica del encuentro entre los dos soberanos ibéricos y los cánones de expresión fotoperiodística de la época (Sousa, 2000, 2017, 2020), se plantean las siguientes hipótesis:

H1: El discurso iconográfico de las revistas informativas ilustradas portuguesas y españolas fue similar; H2: Los fotógrafos presentes en el evento, tanto los portugueses António Novais y Joshua Benoliel, como el español José Luis Demaría López “Campúa”, estaban autorizados;

H2: El acercamiento fotográfico se puede caracterizar como cándido, dada la naturaleza íntima del encuentro real;

H3: La cobertura fotográfica se centró en los personajes clave y, por tanto, más noticiables del evento -los soberanos ibéricos-, sin dejar de lado, no obstante, al resto de personalidades presentes, que añadieron importancia simbólica a la reunión real y la oficializaron.

historia del fotoperiodismo | España y Portugal | Alfonso XIII | Manuel II |  
encuentro real de Vila Viçosa

# REDES DE PROPAGANDA Y DESINFORMACIÓN DEL FASCISMO IBÉRICO. LA DIPLOMACIA FRANQUISTA EN PORTUGAL DURANTE LA GUERRA CIVIL ESPAÑOLA

**Alberto Pena**

alberto@uvigo.gal

Universidad de Vigo, ES

El objetivo principal de esta ponencia es estudiar el rol informativo de los servicios diplomáticos del general Franco en Portugal y su relación con el gobierno salazarista y los medios de comunicación portugueses durante la Guerra Civil española. Mediante el uso de fuentes documentales de archivos españoles y portugueses y aplicando una metodología cualitativa de interpretación histórica y análisis del discurso, el trabajo intentará describir y analizar las redes de intercambio entre la llamada “embajada negra” en Lisboa, al servicio de los militares sublevados españoles, y los medios de comunicación portugueses, que facilitaron la difusión de propaganda y orientaron su discurso informativo para favorecer los intereses del bando franquista con la ayuda del Secretariado de Propaganda Nacional del Estado Novo, aliado de los insurgentes contra el gobierno legal de Madrid. Con el propósito de legitimar internacionalmente el golpe militar y promocionar la nueva España del franquismo, la “embajada negra” desarrolló una intensa actividad mediática que incluyó la difusión de desinformación y noticias falsas, declaraciones institucionales, notas de prensa o montajes fotográficos. Particularmente interesante, es también el rol Falange Española en Portugal, que organizó numerosos eventos de propaganda en la comunidad inmigrante española con el objetivo de recaudar fondos para el ejército insurgente y reclutar voluntarios para el frente de batalla.

En contraste con el debate abierto y plural que hubo en los medios de comunicación otros países europeos, la prensa y la radio portuguesas, utilizados como palancas mediáticas al servicio del salazarismo y su exacerbada retórica anticomunista, se transformaron pronto en canales de propaganda del franquismo en Portugal, lo que favoreció un clima de agitación y conspiración contra el bando republicano español que llegó a provocar la reacción de los opositores antifascistas, que atentaron con bombas contra la embajada española y las antenas radiofónicas de la Emissora Nacional y el Rádio Club Português el 20 de enero de 1937. En el caso del Rádio Club Português, como ya se ha estudiado en trabajos anteriores, se podría afirmar que funcionó como un arma de guerra, pues articuló una estrategia coordinada con la “embajada negra” para ayudar a los insurgentes en el campo de batalla: aumentó su programación y la potencia de sus antenas, difundió noticias falsas o bulos, interfirió las emisoras republicanas y contrató a locutores españoles como Marisabel de la Torre de Colomina, apodada “Berta de Parede”, en referencia al potente cañón alemán de la Primera Guerra Mundial.

Portugal | guerra civil española | propaganda | diplomacia | franquismo

## **EL DISCURSO PERIODÍSTICO DE LA VISITA DE FRANCO A PORTUGAL: CENSURA Y CONSIGNAS PARA ROMPER EL AISLAMIENTO INTERNACIONAL**

**Clara Sanz Hernando**

clarasanz@unex.es

Universidad de Extremadura, ES

Francisco Franco giró una visita de Estado al Portugal de Oliveira Salazar en octubre de 1949. Este viaje, el único de carácter oficial que el caudillo realizó al extranjero, se preparó con fines propagandísticos para romper el aislamiento internacional de España y mejorar su imagen en el exterior. Para rentabilizar esta salida al país vecino, el franquismo movilizó todo un arsenal mitológico. Se analiza la cobertura que de este acontecimiento realizaron dos periódicos españoles y dos portugueses, en un contexto en el que los medios de comunicación estaban fuertemente controlados a través de la censura y un potente sistema de consignas. En concreto, se estudia el discurso periodístico del monárquico ABC; el buque insignia de la Prensa del Movimiento, Arriba; el privado más influyente de Portugal, Diário de Notícias, y el oficial y órgano de la Unión Nacional, Diário da Manhã. Para desentrañar la finalidad de los mensajes emitidos, se ha aplicado una metodología histórica, cuantitativa, cualitativa y comparativa que ha permitido contrastar el comportamiento de estos diarios en función de su ámbito geográfico y del modelo de prensa privada u oficial que representan. Se ha comprobado la homogeneidad de sus discursos y de los leit motiv defendidos; la mayor cobertura que brindaron las cabeceras portuguesas a este acontecimiento y el papel de los diarios oficiales como auténtica prensa de combate ideológico. La investigación concluye, además, que un formidable aparato propagandístico convirtió este acto en un éxito para la imagen de ambas dictaduras. Para este fin, se recuperó y revitalizó el arsenal mitológico creado por el régimen desde la misma Guerra Civil española (1936-1939). En el nuevo contexto de la Guerra Fría, se subrayaron las mismas temáticas, y sobre todo las leyendas que la España franquista había acuñado durante la propia contienda y que luego actualizó durante el aislamiento internacional. Entre ellas cobró preeminencia el anticomunismo, que permitió presentar a Franco como un adelantado a su época, porque ya en 1936 puso freno al “terror rojo” y consiguió que no se expandiera a la península Ibérica.

Franco | guerra civil | prensa | propaganda | Salazar

## AS DISPUTAS DA MEMÓRIA: HISTÓRIA E MEMÓRIA DO SALAZARISMO NA IMPRENSA

**Maria Inácia Rezola**

irezola@escs.ipl.pt

ESCS-IPL/IHC – Instituto de História Contemporânea, NOVA FCSH, PT

Depois de 24 de março de 2022, os portugueses podem afirmar que o seu país vive há mais tempo em democracia do que viveu em ditadura. Esta realidade não impede que, ainda hoje, a história e memória da longa ditadura portuguesa (1926-1974) permaneçam envoltas em controvérsias.

Com esta comunicação propomo-nos analisar como a história da ditadura tem sido tratada na imprensa portuguesa e os debates que, sobre ela, se têm travado. Centraremos a nossa atenção em três casos específicos que tiveram ampla cobertura mediática e mobilizaram um importante setor da intelectualidade portuguesa e da opinião pública: o concurso televisivo “Os grandes portugueses” (2006-2007), que se saldou por uma vitória de Oliveira Salazar; o confronto entre os historiadores Manuel Loff e Rui Ramos, no Verão de 2009, a propósito da publicação em fascículos, no semanário Expresso, de uma História de Portugal coordenada por Ramos; e os debates sobre a possível criação de um museu da Ditadura em Santa Comba Dão, terra natal de Oliveira Salazar, que, iniciado nos anos 1990, se reacendeu com particular virulência em 2019. Para tal, procederemos à análise qualitativa dos artigos publicados sobre esses casos nos principais órgãos de imprensa portugueses (com particular enfoque no Público, Diário de Notícias e Expresso), complementando o nosso corpus de análise com o recurso à blogosfera.

Tendo em conta que os media têm um lugar de destaque na produção de uma memória pública e de uma ideia de história, a análise destes debates sobre a ditadura salazarista e a sua história, reveste-se de particular interesse. Ainda que as sondagens revelem que portugueses são um povo reconciliado com o seu passado e que consideram que a forma como se operou a transição da ditadura para a democracia é uma fonte de orgulho, estas irrupções periódicas da memória deixam patente uma realidade distinta, constituindo peças fundamentais para discutir as interpretações históricas sobre o salazarismo assim como a construção da memória da ditadura portuguesa.

ditadura portuguesa | políticas da memória | media e memória | história pública

# IMPrensa ESPANHOLA E PORTUGUESA NA TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA: DIÁLOGOS IMPROVÁVEIS

**Helena Lima**

hldlima@gmail.com

Universidade do Porto, PT

A tentativa de estabelecer um paralelismo entre os processos de transição democrática vividos por Portugal e Espanha, depois de um longo período de ditadura, no campo da imprensa, pode resultar de uma ideia dum passado histórico de repressão e de um modelo censório com idênticos objetivos. Os condicionalismos vividos pela imprensa e pelos media deram lugar a uma reconfiguração marcada pelos acontecimentos políticos, pela legislação e pelo modelo de propriedade, além de outros elementos estruturais. Contudo, este diálogo entre os dois países ibéricos e os seus meios de comunicação foi também pautado por obstáculos, que resultam da cronologia e natureza dos acontecimentos políticos. Enquanto Portugal viveu um momento rápido de escalada revolucionária (1974/ 1975), que abalou os alicerces da imprensa, os meios de comunicação espanhóis inseriram-se na “Transição democrática” (1975/ 1982), num período de transformações graduais. Esta comunicação pretende refletir sobre os elementos convergentes e discordantes, que moldaram a imprensa de ambos os países, após o fim das ditaduras. Necessariamente terá de ser tido em conta as características específicas do tipo de jornais existentes no período final dos regimes ditatoriais, bem como a legislação, na medida em que são determinantes na forma como se reconfiguram as empresas, o tipo de publicações e o jornalismo. O processo de nacionalizações que caracterizou a imprensa portuguesa até aos anos 80 (Lima, 2022), foi consideravelmente diferente da estatização da “Prensa del Movimiento” (Barrera, 1997, Zugasti, 2008, Cruaños, 2014). Este ângulo de análise procura entender de que forma se verificaram as ruturas e reconfigurações em ambos os processos e qual o papel dos diários generalistas na construção do jornalismo, em tempos de democracia. A ideia de um quarto poder falhado (Mesquita, 2004) ou de um “parlamento de papel” não atingido (Cruaños, 2014) parecem ser um corolário sombrio das expectativas criadas pelos profissionais, quanto ao seu papel de formadores da opinião pública. Hallin & Mancini (2004) inserem Espanha e Portugal no “Polarized Pluralist Model” da Europa do Sul, em que o sistema mediático é marcado, entre outros aspetos, por uma forte partidarização. Partindo destas últimas perspetivas quanto ao papel dos media e da imprensa, em particular, na construção democrática, procuramos refletir sobre os pontos em comum que marcaram os dois processos, mas também os elementos distintivos que dificultam este diálogo de transições.

imprensa | transição democrática | paralelismos ibéricos | jornalismo | modelo polarizado

## **PROPAGANDA E CENSURA PARA SUPERAR O ISOLAMENTO INTERNACIONAL: VIAGEM DE MARCELO CAETANO A MADRID EM 1970 – O QUE DISSERAM OS JORNAIS PORTUGUESES E ESPANHÓIS**

**Ana Cabrera**

[acabrera.anacabrera@gmail.com](mailto:acabrera.anacabrera@gmail.com)

IHC – Instituto de História Contemporânea, NOVA FCSH, PT

O objetivo desta apresentação é comprovar como a viagem de Marcelo Caetano a Madrid teve como objetivo superar o isolamento internacional de Portugal apoiando-se nos instrumentos de censura e controlo da imprensa em ambos os países e procurar, através de Espanha, um eco na imprensa internacional.

Para este estudo partimos da análise de dois jornais espanhóis (ABC e Pueblo) e dois portugueses (Diário Popular e Diário de Notícias) que cobriram o encontro bilateral celebrado entre 20 e 23 de maio de 1970.

A análise de conteúdo foi aplicada ao estudo dos jornais num total de 148 registos suportados por uma base de dados onde foram contemplados vários campos como (número de notícias, identificação dos géneros jornalísticos, autoria da peça, localização dos textos nos jornais).

Como conclusões verificamos que os jornais portugueses dão maior importância ao assunto que os espanhóis. O grande objetivo desta visita era a de prosseguir e sublinhar o apoio espanhol à política colonial portuguesa, alvo dos maiores ataques internacionais. A viagem foi acompanhada pelos jornalistas mais ligados aos respetivos regimes o que garantiu os ângulos noticiosos mais adequados às necessidades da propaganda do momento. Como se trata de um painel sobre questões ibéricas aqui pretendemos demonstrar (Clara Sanz Hernando e Ana Cabrera) como os dois Estados Ibéricos tantas vezes de costas voltadas reuniram esforços para salvaguardar os desígnios e princípios dos respetivos regimes.

Marcelo Caetano | Franco | imprensa | propaganda | censura

# ADMINISTRAR UM JORNAL NO PERÍODO REVOLUCIONÁRIO EM PORTUGAL: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES

**Suzana Cavaco**

scavaco@scavaco.com

FEP – Universidade do Porto, PT

Portugal enquadra-se no sistema de media pluralista polarizado que se caracteriza, entre outros, pela instrumentalização dos media e por uma forte intervenção do Estado (Hallin & Mancini, 2004). O "paralelismo político" foi flagrante na imprensa portuguesa no período que se seguiu ao golpe militar de 1974. Na luta pela definição do novo regime, a imprensa assumiu então especial importância, com o exercício do jornalismo a ter "um impacto político como nunca voltou a ter, em Portugal" (Figueira, 2014).

A presente comunicação propõe-se conhecer a perspetiva empresarial acerca da Imprensa, respondendo às seguintes questões: Que papel atribuíam à Imprensa? Que preocupações manifestavam? Qual a postura face ao poder político? O discurso das empresas alterou-se substancialmente em 1974?

Propomo-nos responder a estas questões, através da análise de conteúdo dos relatórios dos conselhos de administração das empresas detentoras de jornais diários e semanários de informação geral, publicados em Portugal continental. Analisaremos os relatos anuais das administrações relativos aos exercícios de 1974 a 1976, ano em que se verifica a "institucionalização da democracia", com a "tomada de posse de Ramalho Eanes como presidente da República [que] assinala o fim da ordem revolucionária" (Rezola, 2007). Procuraremos comparar com os relatos verificados no fim do Estado Novo (no tempo da governação marcelista iniciada em 1968), um período que há quem classifique de "transição falhada" (Rosas & Oliveira, 2004) ou "transição impossível" (Reis, 2010).

Selecionamos estes documentos por serem obrigatórios e de conhecimento público: as sociedades anónimas estavam obrigadas a publicar – no órgão oficial (Diário do Governo depois designado Diário da República) e no jornal mais lido da localidade – os seus balanços, depois de apresentados e discutidos em assembleia geral, juntamente com os relatórios da administração e parecer do conselho fiscal (Código Comercial Português). Esses documentos de prestação de contas tinham o dever de "permitir uma fácil e clara compreensão da situação económica e da rentabilidade alcançada pela empresa" (Decreto-Lei 49381 de 1969). A publicação do relatório tinha periodicidade anual – sendo que, em Portugal, o ano económico coincide com o ano civil. Em 1975, verificando-se que um grande número de sociedades anónimas não cumpria os prazos de publicação dos relatórios e contas, devido "em parte" ao "condicionalismo político-social do processo revolucionário em curso", o prazo de publicação em relação ao exercício de 1974 foi prorrogado até ao fim de 1976 (Decreto-Lei 737/75). Todavia, a empresa proprietária do Diário de Notícias, só publicou em 1979, mais de três anos e meio após o agendamento da assembleia dos acionistas para "discutir, aprovar ou modificar" o relatório e contas. O relatório relativo a 1975 foi publicado apenas em 1981. Ainda assim, os documentos em análise mostram-se relevantes enquanto construtores da memória.

Entendendo a História como "poliédrica" (Torgal, 2014), o presente estudo exploratório pretende compreender a perspetiva de um dos stakeholders da Imprensa menos estudados: a dos administradores da Imprensa.

imprensa | jornal | 25 de Abril | Estado Novo



## **LA MEMORIA DE LA TRANSICIÓN EN LA PRENSA ESPAÑOLA (1982-2011)**

**Concha Langa-Nuño**

[clanga@us.es](mailto:clanga@us.es)

Universidad de Sevilla, ES

Según un estudio de Quirosa-Cheyrouze (2009) en España los medios, escritos y audiovisuales, se esforzaron por destacar la importancia y la trascendencia del proceso democratizador. Sin embargo, este objetivo se quiebra en un momento dado y surge un discurso crítico con respecto a esa etapa hasta entonces presentada como idílica por algunos. La existencia de cada vez más trabajos sobre la prensa de la Transición ha aportado bastante información sobre la relevancia de los medios en la construcción del discurso durante el mismo proceso y en su memoria, pero aún queda mucho por conocer. El presente trabajo pretende estudiar la evolución de ese discurso y de esa memoria. Para ello acudiremos a la memoria de medios de ámbito nacional (El país, Diario 16, La Vanguardia, ABC de Madrid, etc.) pero también locales de fuerte tendencia nacionalista (los catalanes Avui y El Correo de Catalunya y el vasco Deia), en los que el discurso se ha transformado más y han colaborado más en la construcción de una memoria crítica.

Como hasta ahora se ha estudiado más la construcción de ese discurso idílico, para este trabajo estudiaremos desde 1982, fecha en que comienza el gobierno del socialista Felipe González y que para muchos marca el final de la Transición, hasta 2011, momento en que surge el movimiento 15M.

transición española | memoria | medios de comunicación

# UN TRÁNSITO SIN TRANSICIÓN. MEDIOS DE COMUNICACIÓN EN ARGENTINA ENTRE LA DICTADURA Y LA CONSOLIDACIÓN DEMOCRÁTICA (1983-91)

**Julio Moyano**

[jmoyano08@gmail.com](mailto:jmoyano08@gmail.com)

Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe,  
Universidad de Buenos Aires, AR

**Marcelo Borreli**

[marcebor@yahoo.com](mailto:marcebor@yahoo.com)

Instituto de Investigaciones Gino Germani  
Universidad de Buenos Aires, AR

El objetivo de este trabajo es relevar los principales problemas planteados en el campo de los medios de comunicación en Argentina como consecuencia de la retirada abrupta de la dictadura de 1976-83 y el tránsito hacia la consolidación del poder civil entre ese último año y 1991. Se utiliza el concepto de tránsito y no transición, debido a que, a diferencia de casos de referencia de transición democrática en el último cuarto del siglo XX, como los de España, Chile o Sudáfrica, en Argentina no se produjeron acuerdos fundamentales entre los actores políticos en retirada y los que ocuparían el espacio institucional democrático para recorrer el camino hacia la democratización plena del Estado y la sociedad, y por el contrario, se desplegó un contexto precario de convivencia que incluyó cuatro levantamientos militares (1987, 1988, 1990 y 1991). Esta particularidad impidió el remplazo de la normativa sobre medios heredada de la dictadura al no haber consensos entre los actores del poder civil sobre cómo proceder, y lo mismo sucedió con el resultado de acciones vicarias que incluyeron intervenciones y liquidaciones de medios, formación de corporaciones entre empresas y Estado, y cambios en la estructura del sector editorial, entre otros problemas. De este modo, el complejo tránsito presenta consecuencias cuyas implicancias continúan, en algunos casos, durante varios años y en otros, hasta la actualidad. Relevamos entre ellos:

- a) La intervención vicaria directa de la dictadura sobre medios impresos de comunicación, sus efectos sobre la estructura empresarial, la existencia misma de periódicos y la vida de periodistas y editores, y la reconfiguración del sistema editorial.
- b) Las consecuencias del dominio directo por la dictadura de los principales medios televisivos y de radiodifusión, incluidas sentencias de la Corte Suprema no cumplidas por la dictadura, que hereda el gobierno civil.
- c) Las consecuencias de la censura y la persecución, y la reinserción de perseguidos provenientes del exilio tanto externo (destierro) como interno (proscripción de participación en oficios del campo cultural).
- d) La dificultad para modificar la normativa heredada de la dictadura, y las consecuencias del vacío legal consecuente en el desarrollo de la radiodifusión y la televisión en la década de 1980, cuando se produce el primer gran auge de las radios FM de corto alcance y de los primeros sistemas de televisión por cable.
- e) La nominación de la dictadura y sus hechos desde los medios de comunicación una vez concluida esta.

El trabajo se presenta articulando las indagaciones de dos proyectos de investigación dirigidos por integrantes de la cátedra de Historia General de los Medios y Sistemas de Comunicación de la Universidad de Buenos Aires.

## **GÉNERO, AUTOCENSURA Y RESISTENCIA EN LAS NOVELAS DE EL CORREO DE LA MODA**

**Susana Bardavío Estevan**

[msbardavio@ubu.es](mailto:msbardavio@ubu.es)

Universidad de Burgos, ES

Mi aproximación al estudio de las revistas femeninas de la segunda mitad del siglo XIX parte de la concepción del periódico como un agente inserto en una red de relaciones que afecta a escritores y lectores. Partiendo de esta idea, me detendré en el análisis de la violencia de género y las estrategias de resistencia en una serie de novelas originales escritas por mujeres y publicadas por entregas en El Correo de la Moda (Madrid, 1851-1893) durante la primera década de la vida de la revista. Como la crítica ha señalado, el conjunto de las denominadas “escritoras isabelinas” asumió el discurso de género y literario dominante que, si por una parte reforzaba su posición subalterna respecto al varón, por otra les permitió abrirse camino en la esfera pública como profesionales de la pluma. La principal tribuna con la que contaron para lograrlo fue la prensa. Lo trascendente de esta vinculación, además del desarrollo de sus trayectorias personales, es que, al integrarse en un medio que lograba ensamblar el conjunto de los agentes involucrados, afectaba no solo a las escritoras, sino también a las lectoras, que corporeizarían tanto la condición subordinada de la mujer como las estrategias para ofrecer una cierta resistencia. Para estudiar esta construcción paradójica en las novelas, se atenderá tanto al análisis de las emociones como a la autocensura, entendida como una forma de violencia simbólica ejercida desde el campo literario que obligó a las autoras a asumir una retórica cargada de silencios. El uso particular de este discurso les abrió el camino para su desarrollo y participación en la vida pública. Sin embargo, esa asunción también facilitó la consolidación de una teoría de la complementariedad de los sexos que, avanzado el siglo XIX, terminaría por relegar a la mujer a un plano marginal en la esfera pública moderna.

violencia simbólica | autocensura | género | prensa femenina del siglo XIX | escritoras isabelinas

# VIOLENCIA DE LOS LÍMITES: FORMAS EDITORIALES Y CONSTRICCIONES POÉTICAS EN LA PRENSA FEMENINA DEL SIGLO XIX

**Santiago Díaz Lage**

[sdiaz@flog.uned.es](mailto:sdiaz@flog.uned.es)

Universidad Nacional de Educación a Distancia, ES

Mi propuesta forma parte de la mesa titulada Género y violencias en la prensa femenina del siglo XIX, promovida por el proyecto de investigación Genvipref: género, violencia y representación. Los textos de creación en la prensa femenina peninsular (1848-1918). La tesis que quisiera plantear es la siguiente: además de analizar las representaciones de la violencia en los textos aparecidos en la llamada prensa femenina, cabe reflexionar sobre las constricciones específicas que condicionaron la expresión pública de las escritoras, profesionales o no, en ese sector tan particular de la cultura mediática.

Como es sabido, las décadas centrales del siglo XIX son un momento de auge de la prensa periódica. Aunque no carecen de antecedentes en épocas anteriores, surgen entonces varias empresas que intentan articular una oferta editorial dirigida a un público femenino y producida, en gran medida, por mujeres. Frente a iniciativas de tendencia más militante, como la revista *Ellas* (1851), que tomaba partido en y por la “cruzada femenina”, *El Correo de la Moda*, *El Ángel del Hogar* y *La Violeta* tienen un cierto carácter comercial y parecen orientarse hacia un público más general: no descuidan la elaboración de unas poéticas inscritas en el discurso de la complementariedad de los sexos y el decoro subjetivo de la clase media, pero tratan de potenciar por igual los contenidos que, dentro de las concepciones editoriales entonces vigentes, se asociaban con la instrucción y el recreo, y atenúan, proporcionalmente, el componente doctrinal. Entre tanto, no dejan de aparecer revistas femeninas de orientación política más definida, como demuestra la fundación, durante el Sexenio revolucionario, de *La Mujer* (1870) por Faustina Sáez de Melgar y de *La Ilustración de la Mujer* (¿1873?) por Concepción Gimeno de Flaquer, aunque esta última cabecera es conocida, sobre todo, por el período en que la dirigió Sofía Tartilán.

Evidentemente, los condicionantes de orden político, ideológico, cultural y comercial que cabe asociar con la dualidad señalada no operaban solo en el ámbito de la prensa femenina, sino en la totalidad de la cultura mediática. Pero creo que cada modalidad periodística entraña constricciones poéticas específicas que afectan, entre otros aspectos, al diseño editorial de las revistas, a la selección de los temas y a la gama de registros y tonos que resultan apropiados y pertinentes para tratarlos. Más allá de los mensajes y contenidos concretos que puedan divulgar los medios, estos aspectos vienen a constituir las condiciones de posibilidad de la expresión pública, pero también sus límites. En ese sentido, la prensa periódica femenina se revela como un espacio crucial para la elaboración y la negociación de identidades.

prensa femenina española, 1848-1918 | historia de la prensa periódica y de la lectura | prácticas de escritura y comunidades afectivas | violencia simbólica y hermenéutica

## **“SE ROMPEN, PERO NO SE DOBLEGAN”. LA VOZ DE MARGARITA PÉREZ DE CELIS EN EL NUEVO PENSIL DE IBERIA**

**María Xesús Lama López**

[lama@ub.edu](mailto:lama@ub.edu)

Universitat de Barcelona, ES

Margarita Pérez de Celis fue editora, junto a María Josefa Zapata, de los llamados Pensiles de Cádiz entre 1856 y 1859 (El Pensil Gaditano, El pensil de Iberia y El nuevo pensil de Iberia), considerados la primera serie de publicaciones feministas por el carácter reivindicativo de sus editoriales y la vinculación de ambas con el pensamiento fourierista. Se analizarán aquí las colaboraciones firmadas por la autora en "El nuevo pensil de Iberia" y las diferentes formas que adopta en sus textos la atención a la situación de las mujeres, muy especialmente denunciando la institución familiar como un mecanismo social para someterlas a la esclavitud. Perez de Celis reivindica para las mujeres el derecho a la educación, la independencia y la libertad para manifestar los afectos y por tanto denuncia las violencias de carácter estructural y social que impiden la igualdad de derechos.

El carácter pionero de las escritoras gaditanas requiere un análisis pormenorizado de sus colaboraciones en prensa para reconstruir su pensamiento y la dimensión literaria de sus escritos en diferentes géneros: ensayo, crítica o creación (especialmente poética).

Esta comunicación forma parte de la mesa "Género y violencias en la prensa femenina del siglo XIX". Se aplicará la metodología seguida en los estudios sobre literatura y prensa del siglo XIX -localización del corpus y análisis de contenidos- y sobre el análisis de la representación de la violencia desarrollado en el proyecto "Género, violencia y representación. Los textos de creación en la prensa femenina peninsular (1848-1918)" REF: PID2020-113138GB-100, del cual soy investigadora principal junto a la profesora Elena Losada.

literatura y prensa | violencia de género | literatura del siglo XIX | prensa feminista  
| Margarita Pérez de Celis

## **VIOLÊNCIAS OPACAS. REPRESENTAÇÕES DAS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES EM TEXTOS DE A VOZ FEMININA (1868)**

**Elena Losada Soler**

[losada@ub.edu](mailto:losada@ub.edu)

Universitat de Barcelona, ES

Porque é que duas autoras que começavam a afirmar-se no meio literário português em 1868 – Maria Amália Vaz de Carvalho e Amélia Janny – recusaram colaborar em A Voz Feminina “o primeiro jornal feminista em Portugal”, dirigido por Francisca Wood? Porque é que Guiomar Torresão, numa situação semelhante, optou por esta colaboração? Esta comunicação pretende analisar esta rejeição a partir de uma análise da violência patriarcal opaca, baseada no conceito de violência cultural e estrutural de Johan Galtung, denominada violência objetiva por Slavoj Žižek. Nesta perspectiva, a posição destas duas figuras então emergentes reflecte as estratégias e contradições do difícil processo através do qual uma mulher poderia tornar-se autora em 1868, demonstrando que “autor” não é apenas o feminino gramatical de “autor”, mas um conceito que apresenta complexidades específicas.

autoria feminina | periódicos femininos século XIX | Amélia Janny | Maria Amália Vaz de Carvalho | Guiomar Torresão | Francisca Wood

## O 25 DE ABRIL E A MEMÓRIA DA TRANSIÇÃO NOS MÉDIA PORTUGUESES

**Maria Inácia Rezola**

[irezola@escs.ipl.pt](mailto:irezola@escs.ipl.pt)

ESCS-IPL/IHC – Instituto de História Contemporânea, NOVA FCSH, PT

Em Portugal, as comemorações do aniversário do 25 de Abril transmitem habitualmente uma imagem de um país reconciliado com o seu passado e com a forma como se operou a passagem da ditadura para a democracia. Em que medida são os meios de comunicação social importantes ou mesmo responsáveis por essa realidade? Qual é o seu papel no conhecimento histórico e na construção da memória colectiva? Que actos, actores e acções se destacam quando se aborda o tema da Revolução de 1974-1975? Como é que o passado é utilizado nos meios de comunicação social?

## ESPAÑA, PAÍS DE LA DESMEMORIA: DE LAS FOSAS COMUNES AL OLVIDO IMPUESTO

**Juan Miguel Baquero Zurita**

[juanmibaquero@gmail.com](mailto:juanmibaquero@gmail.com)

Periodista, ES

En España nadie derrotó al fascismo. La dictadura acaba porque Franco muere. Pero los mismos poderes que gestionan la tiranía tutelan la transición a la democracia, una anomalía que impone el olvido social y mantiene al estado español como uno de los países con más desaparecidos forzados del mundo. ¿Qué aporta el periodismo a la historia pública? ¿Combaten o estimulan los medios de comunicación a la desmemoria colectiva?

## A RÁDIO NA TRADIÇÃO DE REGIME: DO CONTROLO À DISSIDÊNCIA

**Nelson Ribeiro**

[nelson.ribeiro@ucp.pt](mailto:nelson.ribeiro@ucp.pt)

Universidade Católica Portuguesa, PT

Não obstante os mecanismos de controlo impostos pela ditadura, nos últimos anos do Estado Novo a rádio desempenhou uma importante função social e política ao dar visibilidade a temáticas e sonoridades que o regime procurava ocultar. De que forma puderam as estações e os produtores dos programas contornar a censura, contribuindo para o processo de mudança política que se avizinhava? Ao responder a esta questão, nesta comunicação discutiremos o papel dos meios de comunicação enquanto agentes ativos em processos de mudança histórica.

## OS MEDIA E OS PRESIDENTES DA REPÚBLICA EM PORTUGAL NO PÓS-25 DE ABRIL

**Francisco Rui Cádima**

[frcadima@gmail.com](mailto:frcadima@gmail.com)

ICNOVA-NOVA FCSH, PT

No quadro da relação entre media e história do presente, a abordagem deste tema irá procurar aprofundar a questão da relação entre os Presidentes da República portuguesa no pós-25 de Abril e os media, tendo como ponto fulcral a dimensão crítica dessa relação, ou, melhor, a construção de uma crítica ao discurso dos media por parte dessa "instituição", que nalguns casos se tornou bem mais assertiva do que boa parte da própria crítica académica ao mesmo dispositivo mediático.

## PERIÓDICOS Y PARTIDOS EN SITUACIONES DE CAMBIO POLÍTICO

**Jaume Guillaumet Lloveras**

[jaume.guillaumet@upf.edu](mailto:jaume.guillaumet@upf.edu)

Universidad Pompeu Fabra, ES

Los estudios sobre el periodismo en la Transición española ofrecen nuevas pistas sobre la relación entre partidos políticos y periódicos, que invitan a comparaciones con la II República y con la actualidad. Se trata de ver en qué medida puede hablarse de prensa independiente y prensa de partido más allá de las declaraciones de intención.

## LA IMAGEN DE LA MUJER AFRODESCENDIENTE EN LA PRENSA DEL CARIBE COSTARRICENSE 1880-1940

**Patricia Vega Jiménez**

[patriciavj26@gmail.com](mailto:patriciavj26@gmail.com)

Universidad de Costa Rica, CR

El objetivo es analizar los anuncios publicitarios de los periódicos que circularon en el Caribe de Costa Rica entre 1880 y 1940 para identificar la imagen de la mujer afrodescendiente que construyeron y su impacto en el imaginario colectivo

Los avisos comerciales dirigidos a mujeres afrodescendiente son un porcentaje minúsculo y todos refieren a mujeres marginales en la pirámide social. Mientras las mujeres blancas son destacadas por su belleza y recato, las mujeres de piel oscura son expuestas como transgresoras



## **UNA RECONCILIACIÓN BUSCANDO SU MEMORIA: USOS PÚBLICOS Y POLÍTICOS DEL CONCEPTO "TERCERA ESPAÑA"**

**Javier Muñoz Soro**

jmsoro@yahoo.es

Universidad Complutense de Madrid, ES

La idea y el imaginario de una "Tercera España" surgió ya durante la Guerra Civil española, designando a quienes buscaron una mediación y paz entre los contendientes. Durante la dictadura de Franco, en el exilio republicano y en la transición a la democracia esa idea representó proyectos políticos distintos y estuvo en el centro de los debates públicos y mediáticos sobre la naturaleza moral de la transición democrática, sobre sus raíces en el pasado traumático e incluso en el largo tiempo de la historia española, asociada a la reconciliación entre las supuestas "dos Españas".

tercera España | dos españas | reconciliación | usos públicos del pasado | transición democrática | dictadura de Franco | guerra civil española | medios de comunicación

# LA HISTORIA ORAL DE LA TRANSICIÓN ESPAÑOLA COMO REFERENTE DE LA RECONSTRUCCIÓN DE LA MEMORIA DEMOCRÁTICA. UNA EXPERIENCIA DESDE LA UNIVERSIDAD SAN PABLO-CEU

**Álvaro De Diego González**

[alvaro.diegogonzalez@ceu.es](mailto:alvaro.diegogonzalez@ceu.es)

Universidad San Pablo CEU, ES

**María Solano Altaba**

[msolano@ceu.es](mailto:msolano@ceu.es)

Universidad San Pablo CEU, ES

La Transición española, en palabras de Samuel P. Huntington, situó a nuestro país a la cabeza de la "tercera ola" democratizadora como paradigma exitoso de acceso a las libertades. Sin embargo, este modelo que dio origen a nuestra vigente Monarquía Parlamentaria ha sido cuestionado en los últimos años en un singular giro narrativo: una parte de la historiografía denuncia ahora la transición "como tiempo de mentira, mito, miedo, desmemoria y traición" (Santos Juliá). Dado que habitualmente se alude a un presunto "pacto de olvido" y se esgrime la necesidad de políticas institucionales de reparación a las víctimas de la dictadura y de fijación oficial de la "memoria colectiva" (sic), resultan muy interesantes las nuevas posibilidades de la llamada historia oral, basada en la "experiencia de vida" y la "inmediatez histórica" de los testimonios recogidos "desde abajo". Esta comunicación, tras fijar las particularidades de la Historia Oral y su relación con nuestro tránsito de la dictadura a la democracia, tiene como objetivo dar cuenta de la fase inicial del proyecto de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Universidad San Pablo CEU "Historias orales de la Transición", que pretende recabar los testimonios de familiares de los estudiantes de Grado en torno a su recuerdo de este decisivo episodio. El proyecto se articula en torno a la creación de un fondo documental construido a partir de un cuestionario cerrado de entrevista que contempla tanto diversos aspectos de la experiencia de vida de los encuestados, como su recuerdo de aquellos acontecimientos históricos. El objetivo final que se plantea es la creación y consolidación de un fondo de consulta de estas entrevistas orales, al que los historiadores podrán acudir para conocer de primera mano experiencias vitales y diferentes puntos de vista sobre este momento de nuestra historia. Se estima que estas fuentes orales pueden, como estima Dora Schwarstein, "democratizar el discurso histórico al integrar en él a las mayorías", así como actualizar la percepción de lo que, en el barómetro de septiembre de 2018 del CIS, constituía "un motivo de orgullo para los españoles" a juicio del 79% de los encuestados.

transición | memoria | historia oral

## **LA MEMORIA Y LA DIVULGACIÓN DE LA HISTORIA ESTADOUNIDENSE A TRAVÉS DEL GÉNERO DOCUMENTAL. EL CASO DE ESTUDIO DE '1968: THE YEAR THAT CHANGED AMERICA' (2018)**

**José Antonio Abreu Colombri**

[abreucolombri@gmail.com](mailto:abreucolombri@gmail.com)

NOVA FCSH, PT

Los meses previos al proceso electoral de 1968 conformaron uno de los periodos de mayor conflictividad de la historia reciente en los Estados Unidos. Con el trasfondo del malestar de la crisis económica, la tensión racial y el fracaso de la Guerra de Vietnam, el Partido Demócrata sufrió un auténtico bellum intestinum, con el desarrollo de unos acontecimientos políticos que parecían sacados de una composición literaria greco-latina: magnicidios, escisiones, protesta, represión, polarización, etc. El Partido Republicano se dedicó a esperar su momento, tratando de aglutinar el voto conservador con un proyecto de unidad y un modelo experimentado.

partido demócrata | partido republicano | elecciones presidenciales | activismo | protesta social | USA

## **UN FASCISTA DESNORTADO ENTRE FRANCO Y SALAZAR: LOS “AMORES” LUSITANOS DE ERNESTO GIMÉNEZ CABALLERO**

**Marco da Costa**

[marcodacosta1@hotmail.com](mailto:marcodacosta1@hotmail.com)

Saint Louis University, Campus Madrid, ES

Desde el último tercio del siglo XIX han sido varios los escritores y pensadores que han participado en el debate intelectual en torno a las razones que ocasionaron la decadencia de España y Portugal: esta controversia originó propuestas de una posible unión ibérica que fortaleciera los lazos espirituales entre ambos países, así como una inyección de moral y de orgullo patrio para unas sociedades profundamente desencantadas y llenas de nostalgia imperial. La “Aliança Peninsular” de António Sardinha sería retomada, desde una España contrarrevolucionaria, por intelectuales conservadores o fascistizados como Eugenio d’Ors y Ramiro de Maeztu o, directamente, por popes del falangismo como Ernesto Giménez Caballero.

Partiendo de libros seminales del fascismo hispánico como Genio de España (1932), La nueva catolicidad (1933) o Arte y Estado (1935), esta comunicación, precisamente, se centra en la figura del fundador de La Gaceta Literaria que, a raíz de un viaje a Portugal con Franco, escribiría un volumen titulado Amor a Portugal (1949). Tal y como había hecho anteriormente con la Alemania nazi y la Italia mussoliniana, Giménez Caballero se servirá del “amor” al país vecino — único aliado ideológico que le quedaba a la España franquista de sus anteriores matrimonios de conveniencia con el totalitarismo europeo— para seguir desplegando un corpus teórico e ideológico, coherente con su obra anterior, pero, al mismo tiempo, anacrónico y fuera de lugar con la nueva geopolítica surgida de la derrota del Eje en 1945.

Nuestro objetivo será, pues, constatar cómo Gecé, en fechas tan lejanas como 1949, continuaría rindiendo cuentas a Ortega y Gasset y su tesis “rubia” como causa de la decadencia española (en La España invertebrada) o proseguiría siendo fiel, del mismo modo que en su libro anterior dedicado al Amor a Argentina (o el Genio de España en América), a postulados teóricos provenientes de su máximo periodo de fascistización como el imperio, la jerarquía, la latinidad, la catolicidad, el (pan)iberismo, el caudillaje o el genio nacional encarnado para sus respectivos países por Francisco Franco y António de Oliveira Salazar.

Portugal | Ernesto Giménez Caballero | fascismo | Franco | Salazar

## **PERIODISMO Y NEGOCIOS EN EL PORFIRIATO. EL CASO DE CLARENCE HORACE MONTGOMERY Y AGRAMONTE**

**Íñigo Fernández**

infernan@up.edu.mx

Universidad Panamericana, Campus México, MX

A partir del inicio de la década de los años noventa del siglo XIX se hizo habitual la presencia en México de norteamericanos que, solos o en compañía de sus familias, se asentaba a lo largo de la geografía del país para asociarse con capitalista mexicanos, establecer sus propios negocios o trabajar en aquellos fundados por sus coterráneos poco tiempo atrás

Lo anterior llevó a la fundación de periódicos al interior de la colonia estadounidense en el país. En la mayoría de los casos, sus creadores, así como los que hacían las veces de sus directores y editores, conjuntaban el interés por informar con el deseo de obtener beneficios personales.

La búsqueda de estos beneficios metacomunicacionales permite entender que hubiera en México diarios y semanarios con propietarios y directores estadounidenses que carecían de formación y experiencias periodísticas previas, pero que, en cambio, poseían la agudeza necesaria para depositar sus responsabilidades en colaboradores capaces y eficaces provenientes de Estados Unidos y México.

En el presente texto abordaré el caso de de Clarence Horace Montgomery y Agramonte, más conocido en la prensa en ambos lados de la frontera como C. H. M. y Agramonte, un general estadounidense de origen cubano que participó en distintos conflictos armados del mundo para, posteriormente, dedicarse a actividades tan diversas como la venta de insumos para la minería, la administración de la justicia, la representación de compañías norteamericanas en México, la abogacía y la dirección del periódico The Anglo-American del que no fue fundador pero sí su último propietario.

C. H. M. y Agramonte | Estados Unidos | porfiriato | prensa | the anglo-american

## UNA SAGA PERIODÍSTICA Y EL PAPEL DE MARGARITA LANDI EN LA PRENSA ESPAÑOLA

**Víctor José Ortega Muñoz**

vjortega@uma.es

Universidad de Málaga, ES

En esta propuesta se plantea un acercamiento a la biografía de Margarita Landi, miembro de una importante saga periodística que parte de su abuelo, Joaquín María Verdugo Delgado (director de varias publicaciones, entre ellas el diario malagueño Las Noticias, desde 1876); continúa con su padre, Alfredo Verdugo Landi (famoso periodista que destacó como crítico taurino), y sus tíos Francisco Verdugo Landi (director de Nuevo Mundo, cofundador de la revista Mundo Gráfico, y vicepresidente de la Asociación de la Prensa de Madrid) y Ricardo Verdugo Landi (periodista, dibujante y pintor), ambos célebres representantes del periodismo ilustrado de principios del siglo XX; hasta llegar a ella misma, que se convirtió en pionera de la información de sucesos. La decisión y marcado carácter de Margarita Landi le permitieron ir más allá, trasgrediendo los límites asignados a las mujeres y despuntando en un mundo fuertemente masculinizado como era el de la crónica negra.

Recorreremos los principales hitos familiares dentro del mundo de la prensa para descubrir cómo influyeron en Margarita Landi, inclinándola hacia esa vocación y desarrollo profesional, aun cuando en principio no pareciera que fuera a seguir los pasos de quienes la precedieron. De origen malagueño, el traslado de la familia a Madrid procura nuevas posibilidades y retos, que serán bien aprovechados. Margarita Landi pasará desde la crónica social, donde su condición de mujer no desentonaba de lo que se esperaba en una sociedad machista, hacia la crónica negra. Este tránsito no fue violento, sino que durante un tiempo compatibilizó ambos intereses; pero el elevado ritmo de trabajo le hizo decantarse por la segunda opción, en su opinión, más atrayente y motivadora.

Su presencia en una redacción habitada por hombres y en un trabajo que hasta entonces no había realizado ninguna otra mujer le llevaron a dar lo mejor de sí. Sobresalió pronto y alcanzó la fama, gracias -en buena medida- a la construcción de un personaje que le facilitó el acceso a las fuentes de información. La calidad literaria hizo el resto y estuvo durante años trabajando en El Caso, semanario de sucesos número uno durante el franquismo. Allí desempeñó sus funciones desde 1954 hasta 1980, cuando dejó dicha cabecera para fichar por una nueva publicación nacida al albur de la Transición, Interviú, que también logró grandes cuotas de popularidad. En su última etapa se adaptó a un nuevo medio, la televisión, donde acercó a los telespectadores aquella materia en la que era experta y en la que se había convertido en un referente inexcusable.

Sin duda, los Verdugo Landi fueron una saga familiar relevante dentro de la Historia de la prensa. El conocimiento de sus respectivas trayectorias vitales y profesionales ayudarán a entender mejor el devenir periodístico español en la época comprendida entre finales del siglo XIX y las últimas décadas del XX.

prensa española | sucesos | genealogía | Verdugo Landi

# AS MULTIFACES DA PESQUISA COM/EM JORNAIS: A TRAJETÓRIA DE CLÓVIS MOURA NO CAMPO HISTÓRICO E JORNALÍSTICO NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960

**Bruno de Vasconcelos**

rbveg@gmail.com

Universidade Estadual do Piauí, BR

As tradições de produção historiográfica constantemente passaram por redefinições ao longo do século XIX e século XX com o advento da Escola dos Annales e da multiplicidade de métodos de pesquisa incorporador, como a história oral e o trabalho com periódicos.

Os jornais aparecem então como uma das fontes que, em um momento inicial, eram encaradas com desconfiança dentro do ambiente acadêmico da produção historiográfica. Tais questões só se tornaram possível com a própria resignificação do fazer historiográfico através do abandono da ideia geral de uma história global, totalizante e fidedigna ao passado em detrimento de uma História baseada em indícios, questionamento das fontes de pesquisa. Esse apanhado serve para apresentar em linhas gerais as discussões teórico-metodológicas francesas e europeias sobre as quais a historiografia brasileira tem se debruçado na sua formação. Isto é essencial para entender como esse mesmo campo vem tratando em território nacional a utilização dos periódicos impressos como fontes de pesquisa.

É nesse contexto que o presente artigo se propõe lançar reflexões sobre a relação entre o fazer história e o fazer jornalístico, destacando os desafios enfrentados por autores clássicos brasileiros como Sodré (1991), Morel (2005) e Tânia (2008) na definição de critérios a serem cuidadosamente elaborados pelos historiadores ao trato das fontes de pesquisa. Para tanto, foi utilizado como ponto de referencial prático, a vida e produção de Clóvis Steigger de Assis Moura, um intelectual negro que atuava enquanto escritor e jornalista ao longo da década de 1950 a 1970. Para tanto, foram analisadas através da ótica de um olhar histórico a produção jornalística dos jornais "A Última Hora", "Fundamentos", "Diário da Noite" e "Diário de São Paulo", todos entre os anos de 1952 a 1958, anos em que Clóvis Moura atuou enquanto redator, diretor de redação ou contribuinte para colunas.

Ademais, também foram analisadas as cartas trocadas entre Clóvis e diversos outros intelectuais entre o período que, através do olhar de Geneviève Bouzinac (2016), representam uma oportunidade de análise pormenorizada das subjetividades para além das destacáveis em obras produzidas. Segundo Ricardo Benzaquen de Araújo, as correspondências trazem consigo intimidades e particularidades propostas para uma apresentação entre duas pessoas. É possível apreender, a partir das cartas, o uso do conceito de *bildung*, desenvolvido por Louis Dumont para referir-se ao "self-cultivation", ou "auto-cultivo" entre sujeitos que buscam desenvolver-se a partir de uma relação mutualística baseada nos ideais de amizade e crítica.

Os resultados iniciais apontam que ao aliar os critérios de utilização das fontes midiáticas elaboradas pela historiografia clássica à produção intelectual de autores que atuavam na área é possível perceber um ganho na multiplicidade de compreensões sobre as obras como também na atuação jornalística dos intelectuais. Outra conclusão perceptível a partir da análise das fontes nos direciona para a presença de uma rede de auto cultivo (*bildung*) desenvolvido entre autores intelectuais ligados ao campo da esquerda na América Latina durante a década de 1950, catalisada pela atuação dentro do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

intelectualidade | produções jornalísticas | correspondências

## **CUANDO EL PERIODISTA ECHA LA VISTA ATRÁS: UN ANÁLISIS DE LAS MEMORIAS DE PEDRO J. RAMÍREZ, RAMÓN PÉREZ-MAURA Y ALBERTO DELGADO**

**Pablo Úrbez**

purbez@hotmail.es

Universidad Villanueva, ES

Si bien no es noticia que un periodista veterano escriba sus memorias, entre 2020 y 2021 han coincidido los escritos de tres destacados personajes del panorama periodístico de la España reciente: Pedro J. Ramírez (director de Diario 16, El Mundo y El español), Ramón Pérez-Maura (ligado principalmente al ABC) y Alberto Delgado (presentador de TVE hasta 1983). Pedro J. Ramírez había escrito previamente relatos autobiográficos; en los dos otros dos casos, es la primera vez que redactan un texto de esta índole. Como en toda obra autobiográfica, subyace de fondo la dialéctica entre la subjetividad y la pretensión de objetividad, entre la memoria y la historia, entre los hechos y su interpretación. Una dialéctica cuyo problema último es, en definitiva, la pregunta por la verdad y por la verosimilitud.

Todos ellos describen sus inicios en la profesión, qué personas apoyaron y cuáles dificultaron su carrera, los cambios que ha experimentado desde entonces el periodismo español (en el ejercicio de la profesión, por un lado, y en la configuración y el diseño de la empresa, por otro), las posibles tensiones entre el periodista y la dirección empresarial, así como los sucesos políticos que marcaron su trayectoria. El objetivo de esta comunicación radica en advertir cuánto hay de común y cuánto de propio en la escritura de unas memorias periodísticas, es decir, si es posible referirse a una realidad universal en esta clase de relatos, o si no hay sinergias entre ellos. Para ello, llevaremos a cabo un análisis comparativo de índole cualitativa, a través del cuál atenderemos, de una parte, al estilo en la redacción (el uso de la voz narrativa, la interpelación al lector, el nivel de detalle en la descripción, mayor verbalización o adjetivación...), y, de otra, a cuestiones temáticas (mayor o menor presencia de su vida privada, relevancia de los sucesos políticos, sociales y culturales, nivel de relación con los demás personajes del relato...). Creemos que el análisis comparativo de estos aspectos nos permitirá advertir si el discurso resulta más o menos verosímil para el lector, si este es más propenso para otorgar su confianza al autor de dichas memorias.

autobiografía | memoria | prensa | televisión | historia reciente | transición Española



## **RAINHAS NO PAPEL – A IMAGEM DAS SOBERANAS PORTUGUESAS NA IMPRENSA PORTUGUESA**

**Patrícia Teixeira**

tichasd@hotmail.com

ICNOVA-NOVA FCSH, PT

A História tem vindo a ser escrita, ao longo do tempo, como um constructo que generaliza a vivência humana através da padronização do e no masculino. Há quem diga que foi feita/escrita uma história sem género, mas, a verdade, é que, com frequência, se excluíram as mulheres da história.

De facto, a historiografia tem construído barreiras e até excluído as mulheres (e em particular as suas trajetórias e as suas histórias), aquando da sua construção, independentemente do papel e da importância que estas tenham tido na sociedade em que viveram.

Será que a imprensa seguiu o mesmo caminho e esqueceu ou deu pouco relevo às mulheres nas suas publicações?

Portugal conheceu, durante os seus mais de setecentos anos de monarquia, apenas duas rainhas soberanas, D. Maria I (reinado entre 1777 e 1815) e D. Maria II (reinado entre 1834 e 1853). Tendo em conta o papel que ocuparam na sociedade e a importância que tiveram na História do país, seria de esperar que os seus percursos e as suas vivências tivessem destaque nos livros de história, mas também nos meios jornalísticos da época.

Esta investigação tem, então, como objetivo perceber se, de facto, foi assim, se estas duas soberanas tiveram destaque na imprensa portuguesa da época e em que tonalidades se pintaram as peças que de si falaram. No fundo, procurar-se-á compreender de que forma a imprensa portuguesa retratou os reinados das duas soberanas que Portugal conheceu, com foco não só nas suas trajetórias, mas também nas suas pessoas, procurando entender se a elas foi dado lugar de relevo nas páginas dos jornais que circulavam na época em que reinaram, dada a sua posição na sociedade e o título que carregavam, ou se, pelo contrário, estas mulheres não tiveram “voz” na imprensa. Simultaneamente, procurar-se-á perceber que tipo de peças foram escritas sobre elas e o que estas poderão querer mostrar da percepção do papel que a mulher tinha nos anos setecentos e oitocentos, numa altura em que os jornalistas/redatores de jornais eram todos homens.

Para alcançar os objetivos referidos, foi seguido um percurso metodológico qualitativo e quantitativo: analisou-se o conteúdo da imprensa nacional da época, procurando quantificar-se e qualificar-se as peças que falavam sobre estas duas mulheres, com base numa análise de conteúdo.

Espera-se, com este trabalho, a obtenção de um conjunto de pistas que permitam perceber se estas duas rainhas e as suas trajetórias tiveram lugar de destaque na imprensa nacional, ou se, tal como na historiografia, há uma deficiente produção sobre si e sobre o seu percurso.

imprensa | jornalismo | soberanas | história | Portugal

## **MUJERES AFRODESCENDIENTES EN LA PUBLICIDAD DE LA PRENSA CARIBE COSTARRICENSE (1880-1940)**

**Patricia Vega**

patricia.vega@ucr.ac.cr

Universidad de Costa Rica, CR

Analizar la imagen de la mujer afrodescendiente que se construye en la publicidad de la prensa Caribe en Costa Rica entre los años de 1880-1950.

Específicos:

Estudiar la relación entre mujer, publicidad de productos medicinales y racismo en la prensa Caribe costarricense.

Estudiar las construcciones identitarias que se evidencian en la prensa caribeña para conocer el papel de los periódicos en esos procesos.

Identificar las estrategias a través de las cuales la publicidad construye la imagen de la mujer afrodescendiente.

Se aplicará una metodología mixta. La metodología cuantitativa aportará los datos numéricos que serán analizados aplicando una metodología cualitativa.

Se revisaron todos los periódicos que circularon en la región Caribe desde 1880 hasta 1940.

Se propone como espacio temporal 1884-1940 porque el primer periódico se publica en 1884 y acaba en 1940 cuando se inicia el proceso de resquebrajamiento la autonomía cultural del caribe. Por una parte, se legisla para nacionalizar el caribe costarricense y por otro, se establecieron escuelas públicas donde el español es el idioma oficial, prohibiendo el inglés.

Se seleccionaron anuncios que referían a mujeres, especialmente afrodescendientes. Se contabilizaron, de la totalidad de anuncios, los que concretamente apelaran utilizaran la imagen de la mujer afrodescendiente.

Una vez seleccionado el corpus -anuncios publicitarios-, se clasificaron según el producto o servicio anunciado y se enfatizó en aquellos que promocionaban medicamentos.

Se identificarán las estrategias publicitarias utilizadas tras la clasificación en categorías previamente establecidas y derivadas de la observación del corpus. Un resultado evidente es que la mayoría de los anuncios publicitarios no referían a mujeres afrodescendientes ni dirigían a ellas los productos ni usaban su imagen como estrategia publicitaria. Sin embargo cuando la usaban era como una persona marginal distante de la imagen de las mujeres sajonas.

Los anuncios en la prensa que circula en el caribe invisibiliza a las mujeres afrodescendientes y también a los hombres. Son considerados personas ajenas al mundo mestizo del resto del territorio nacional. Se utilizan estrategias publicitarias diversas: marcas, respaldo de autoridad, debilidad femenina, detalles del producto. No obstante los grandes ausentes son los afrodescendientes.

Caribe | prensa | mujer | publicidad

## **LAS MUJERES Y EL TRABAJO EN EL FRANQUISMO. LA MEMORIA DE LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN**

**María Victoria Martins Rodríguez**

mariav32@ucm.es

Universidad Complutense de Madrid | Instituto de Estudios de Género de la Universidad Carlos III de Madrid (UC3M), ES

El objetivo de esta propuesta es el uso de los medios de comunicación como fuente de enriquecimiento para la recuperación y el análisis de la memoria de la actividad laboral de las mujeres durante el periodo de la dictadura franquista. En concreto se hará referencia al cine informativo realizado por la entidad NO-DO. Se hace necesario un relato completo, con intervención de otras disciplinas, que revise paradigmas tradicionales sobre el discurso de la actividad laboral de anteriores generaciones, que nos conduzca a la creación y representación de una cultura de la experiencia laboral femenina epistemológicamente más fiable. El empleo de los medios de comunicación, audiovisuales y/o textuales, poseen la fuerza y la contundencia de la contemporaneidad del relato, pues se generan prácticamente al mismo tiempo que se suceden los hechos. Esta característica, unida a su carácter visual, nos permite disfrutar de un amplio corpus con el que construir un relato que complete e incluso que contrarreste el discurso de la dictadura respecto de la participación de las mujeres en el mundo del trabajo. Otro de los objetivos es el análisis del audiovisual del franquismo como medio de propaganda de la acción social del régimen. El análisis de las imágenes permitirá comprobar el cariz propagandístico del régimen, al tiempo que nos suministra datos reveladores del contexto vital de la población española, en palabras de Rodríguez Tranche, de la "microsociología de lo cotidiano". La utilización de los medios de comunicación de la dictadura como fuente de visibilización de la actividad laboral de las mujeres posee un gran interés tanto para rebatir y/ confrontar las tesis que las relegan a un papel secundario en el desarrollo socioeconómico del país como para la construcción de un relato que contribuya a la recuperación de la memoria laboral de las mujeres durante la dictadura, tanto desde un punto de vista individual como colectivo. Consideramos que el corpus obtenido a través de esta investigación contribuirá a reforzar la conciencia colectiva de la mujer como integrante de la clase trabajadora, coadyuvará al conocimiento de la marginación sufrida por las mujeres, tanto en el mercado de trabajo como en la lucha por la mejora de sus condiciones, y lo hará desde el empleo de medios inicialmente pensados para la propaganda del constructo social de la dictadura.

mujer | trabajo | franquismo | memoria | comunicación

## **“NÃO À CENSURA”: A CINÉFILO, O FIM DA DITADURA E AS PRIMEIRAS SEMANAS DE DEMOCRACIA**

**Jaime Lourenço**

jaimelourenco@me.com

Universidade Autónoma de Lisboa / ICNOVA-NOVA FCSH, PT

A 25 de Abril de 1974, com a revolução e o fim do regime ditatorial em Portugal, o último número de Abril (publicado dia 27) da revista Cinéfilo já estava em processo de impressão. Apenas o primeiro número de Maio (publicado dia 4) reflecte os acontecimentos que alteraram o curso do país centrado na recusa à censura, expresso na primeira página com a manchete “Não à Censura”. Nesse número, a direcção da revista expressa o objectivo de “divulgar sistematicamente o que era o regime de repressão em que se vivia (no que diz respeito concretamente aos meios de informação e aos espectáculos)”. A segunda fase da Cinéfilo surge em 1973 e é considerada como a publicação que mais espaço reservava à cultura e aos espectáculos neste período em Portugal, abrangendo áreas como o cinema, a música, o teatro ou a televisão. Foi uma publicação que marcou e reflectiu o debate cultural e artístico nos últimos momentos da ditadura, contribuindo para muitas das discussões que se colocaram no pós-25 de Abril.

Com esta comunicação, pretende-se compreender como a Cinéfilo transitou para o Processo Revolucionário em Curso (1974-1975), analisando os conteúdos dos números que não foram alvo de censura e que apresentaram um novo olhar para as artes e cultura em Portugal. Deste modo, procuramos contribuir para um melhor entendimento sobre a imprensa na revolução, nomeadamente no que diz respeito às publicações que versam sobre a cultura, as artes e os espectáculos.

cinéfilo | revolução | censura

## **LA IMAGEN DE MARTÍN VILLA EN LA PRENSA (1975-1981)**

**Juan Francisco Vidal**

juanfranvidaln@gmail.com

Universidad de Sevilla, ES

La presente comunicación tiene como objetivo exponer cómo mostró la figura del exministro Rodolfo Martín Villa a través de la prensa en los años de la Transición. El caso es de interés porque se trató de un personaje político que jugó un relevante papel en el proceso democratizador que tuvo lugar en nuestro país; además, entre las diferentes carteras ministeriales que ocupó estaba la de Gobernación, en la que tenía la función de mantener el orden público en esta etapa tan convulsa. Consideramos importante analizar su imagen mediante artículos de periódicos de diferentes ideologías, puesto que el uso de recursos represivos para frenar diversas movilizaciones que tuvieron lugar ha hecho correr muchos ríos de tinta sobre el tema. Con ello, podremos tener una concepción más amplia de un proceso histórico tan complejo como fue la Transición española. Para este artículo vamos a estudiar únicamente su etapa como ministro, dejando otras para futuras investigaciones.

Martin Villa | prensa | orden público | transición | política

## **CINE Y MEDIACIONES: TRES BUFONES ARGENTINOS EN LA ESPAÑA DEL HAMBRE**

**Emeterio Diez Puertas**

ediez@ucjc.edu

Universidad Camilo José Cela, ES

La postguerra española (1939-1951) fue muy larga y extremadamente dura. El país no recupera muchos de los índices económicos de 1936 hasta los años cincuenta. Se pasa hambre y frío. Falta abastecimiento de casi todo: trigo, gasolina, energía eléctrica, papel, fármacos... Al mismo tiempo, se ha perdido el derecho a la libertad de expresión, de reunión, de movimientos y hay miles de presos políticos. En medio de esta situación tan penosa e injusta, llegan a las salas españolas las películas de tres cómicos argentinos: Niní Marshall, Luis Sandrini y Pepe Arias. Sus películas tienen un gran éxito y consuelan a los españoles de sus penurias. Esto es, Argentina, además de llevar trigo a España para aplacar el hambre, exportó películas que alimentaron los ánimos. Ahora bien, solo se estrenaron los títulos más amables de estos tres cómicos, películas que manifestaban cierta candidez ante los problemas sociales del momento. En cambio, otras películas de estos cómicos que reflejaban mejor la situación de España, como la emigración (Cándida, 1939), el hambre (Chingolo, 1940) y el estraperlo (La guerra la gano yo, 1943), precisamente por eso, tuvieron problemas o fueron radicalmente mediadas: prohibidas, cortadas o ni siquiera se importaron.

diálogos ibero-americanos | mediaciones | cine argentino | franquismo | postguerra | cronotopo del bufón | recepción crítica

## **PALABRA DE VASCO. ORALIDAD Y REDES SOCIALES EN LA PAMPA HÚMEDA, ARGENTINA, 1840/1900**

**Marcelino Irianni Zalacain**

marcelino\_iriani@yahoo.com.ar

Conicet – Unicen, ARG

El siglo XIX se presenta en muchos aspectos como una bisagra en el devenir histórico. Aquel capitalismo primigenio, arrollador, resulta indisociable del fenómeno migratorio. Una mano visible que se presentaba en sociedad reacomodando recursos humanos, materias primas y mercados en un espacio amplio. Sin tener en cuenta alfabetismo, oficios ni sexos, el viento europeo trasladó como hojas de otoño a campesinos y artesanos cuyas parcelas y talleres tenían los días contados. Como un polen resistente a tanto embate externo, portaban viejas y nuevas formas de vida pirenaicas. Aunque se intentara ordenar la cotidianidad de la población rompiendo costumbres ancestrales, aún era posible moverse sin saber leer ni escribir, escapar del abrazo de oso de las nuevas fábricas, mantener la práctica del ocio, los relatos y el intercambio de productos en nichos europeos y en una América con zonas vírgenes respecto al nuevo orden que llegaría más tarde.

La prensa étnica es un tema historiográficamente tardío, parcialmente estudiado, entrelazado con lo dicho anteriormente. Trabajar, comer y rezar no eran las únicas actividades posibles. Una comunidad extranjera pudo mostrar interés por ese tipo de emprendimientos editoriales lejos de casa, pero también apatía. Un periódico étnico no fue, per se, imprescindible en el ámbito rioplatense. Envueltos en redes y con un entrenamiento oral milenario, el grueso de los vascos se mantenía informado. Una frase escuchada en el almacén, era un titular que se podía ampliar casa. Con una mirada holística, cualitativa, antropológica y énfasis en el entramado de redes orales, observaremos la comunidad vasca y la prensa en los márgenes bonaerenses entre 1840-1900. Nuestra hipótesis, “el matrimonio de los vascos con la prensa no llegó siquiera a noviazgo en muchos sitios de la pampa”, busca sus raíces explicativas en torno a los Pirineos, a caballo del viejo y el nuevo régimen.

El formato de los periódicos mutó a través del siglo XIX, para atraer inversores y satisfacer un público más amplio. Las columnas políticas cedieron espacio, a regañadientes, a temas económicos, noticias internacionales y aspectos sociales. Aumentaron los dibujos de medicamentos y herramientas, símiles de los vitrales de iglesias medievales que ilustraban al analfabeto. Eran indispensables para atraer al comerciante que publicase un ungüento novedoso, un arado más liviano, un vestido de novia o zapatos módicos, pero también para un colectivo iletrado que lo miraba sorprendido. La sección laboral, identificada en una página fija del diario, podía ser leída por un transeúnte o con la compra eventual del periódico descifrado por un pariente instruido. Si esta breve conclusión ilustra zonas cercanas al puerto, la periferia fronteriza y la tendencia vasca a asentarse en el ámbito rural, la oralidad cubría la información indispensable para vivir y sentirse parte de un mundo más grande.

tradición oral vasca | redes sociales entre inmigrantes connacionales | afición al relato

# **EL HECHO DIFERENCIAL DEL PERIODISMO DE LA MACARONESIA INSULAR (CANARIAS, MADEIRA, AZORES Y CABO VERDE) EN LOS SISTEMAS INFORMATIVOS IBÉRICOS**

**Julio Antonio Yanes Mesa**

jayanes@ull.edu.es

Universidad de La Laguna, ES

En la presente investigación, planteamos que los modelos comunicativos de los archipiélagos insulares de la Macaronesia (Canarias, Madeira, Azores y Cabo Verde) han compartido históricamente unas similitudes muy marcadas entre sí desde el punto de vista ideológico, tanto como discuerdan en los sistemas informativos de los dos países de la península Ibérica de los que han formado parte desde el final del medievo. En concreto, pretendemos poner en valor que, mientras el abanico ideológico vigente en la España y el Portugal continental se ha movido dentro de los cánones de los países europeos que dan al Mediterráneo, los correspondientes a los citados archipiélagos atlánticos, aunque han estado bajo su soberanía desde la incorporación de todos ellos al mundo occidental (en el caso de Cabo Verde, hasta que su independencia en 1975), responden a otros parámetros.

Dicho planteamiento está apoyado, de un lado, en las conclusiones obtenidas con el

desarrollo de nuestras líneas de investigación, centradas en el sistema informativo de las Islas Canarias a lo largo de unas tres largas décadas, en las que hemos ido atisbando un modelo híbrido que conjuga los ingredientes básicos del modelo del sistema informativo español con la centralidad ideológica del modelo denominado liberal o angloamericano; y, de otro, la incursión exploratoria que, a tal fin, hemos efectuado en la bibliografía disponible sobre el periodismo en los otros tres archipiélagos de la Macaronesia, lo que nos ha permitido detectar indicios de una clara similitud con el caso canario. Para remarcar el hecho diferencial macaronésico que, en el seno de los sistemas informativos ibéricos, singulariza y aproxima entre sí desde el punto de vista comunicativo a los cuatro archipiélagos atlánticos, incluido el caboverdiano, nos proponemos contrastar las enormes diferencias de los respectivos sustratos históricos y geográficos. Ello nos permitirá explicar cómo el periodismo de tales espacios insulares, compartiendo con el de la España y el Portugal continentales el tardío desarrollo empresarial de los periódicos, la escasa profesionalización de los periodistas, los bajos índices de lectura y, en definitiva, los rasgos de los países meridionales europeos, difieren de estos por un moderantismo ideológico que está en las antípodas del pluralismo polarizado que, con tendencias antisistema, ha estado vigente históricamente en la península Ibérica. Los resultados de la investigación nos hacen reivindicar, a su vez, la necesidad de enriquecer el estado de los conocimientos de la historia del periodismo mediante el estudio de espacios interestatales diseñados, como en el caso del que nos ocupa, con el reagrupamiento de regiones de países diversos con afinidades comunicativas.

modelos comunicativos | península ibérica | macaronesia insular | hibridismo



## **LA GRAN PROPAGANDA ICONOGRÁFICA. IMÁGENES BÉLICAS EN LA PRENSA ASTURIANA (1930-1940)**

**Noemí Díaz Rodríguez**

diaznoemi@uniovi.es

Universidad de Oviedo, ES

El empleo de las imágenes para el ejercicio del poder puede rastrearse desde el inicio de los tiempos, con independencia de su elaboración. Mosaico, pintura (sobre cualquier soporte), escultura, ilustración, grabado y, finalmente, fotografía y cine. Todas estas formulaciones suponen un elemento fundamental en la confección de doctrinas e ideologías, al ser su traslación visual directa. Sus principales demandantes son la política y la religión. Las imágenes permiten transmitir su dogma a cualquier tipo de público, independientemente de su condición socioeconómica y capacidad alfabética.

A nivel fotográfico, la empresa bélica se establece como el contexto de esplendor para la traslación visual de cualquier ideología. Desde entonces, el poder de las imágenes abre un debate en nuestra sociedad, tanto pasada, como presente y futura. ¿Qué fue primero, nuestra capacidad icónica o nuestro temor a la misma? Cada medio visual ha tenido (y tiene) cierto dominio sobre el espectador, más allá del pretendido por su creador. En otras palabras, el carácter ideológico es algo innato a la imagen. Por ello, la aparición de la fotografía como medio de transmisión de la realidad supone un punto y aparte, al establecerse como el sistema de representación más veraz, propio y semejante al propio ojo humano. A partir de aquí, la esencia de esta comunicación pretende reflexionar acerca del empleo sociológico de las fotografías bélicas en la prensa española, concretamente asturiana, así como su aprovechamiento propagandístico por parte de ambos bandos.

La metodología de estudio ha de ser visual; pero también necesariamente histórico-crítica y selectiva. El objeto de estudio principal son las imágenes de la destrucción y la ruina, al establecerse como el tipo iconográfico predilecto para el ejercicio de poder y confección del enemigo. La ruina es ideología en sí misma. Puede ser natural (por abandono) o humana (por destrucción), pero en ambos casos representa la relación del ser humano con su entorno, ya sea negativa o positivamente. Inmersa en los conflictos bélicos de forma intrínseca e irremediabilmente inseparable, se convierte en un escenario simbólico de cada uno de sus actos. Es la consecuencia material de la defensa política, tanto pasadas como presentes y venideras, convirtiéndola en una iconografía atemporal. Por ello, el estudio de sus representaciones fotográficas genera un discurso que nos acerca a la sociedad coetánea de cada destrucción, pues no somos tan distintos de ella.

fotografía | prensa | Asturias | ruina | ideología

## **LA CONMEMORACIÓN DEL DÍA DE LA MEMORIA, LA VERDAD Y LA JUSTICIA EN LA PRENSA ARGENTINA (2022)**

**María Paula Gago**

mariapaula.gago@uba.ar

IIGG, UBA, CONICET, ARG

El presente trabajo propone describir y analizar los espacios editoriales y unidades informativas que las versiones digitales de los diarios argentinos Clarín, La Nación, Crónica, Diario Popular y Página/12 destinan a la conmemoración del último golpe militar ocurrido en Argentina el 24 de marzo de 1976. También se incluye el portal de noticias Infobae.

La elección del corpus se justifica porque permiten saturar un sistema completo de semejanzas y diferencias y, además, son los medios digitales que más cantidad de lectores únicos tienen.

La memoria es el resultado de prácticas colectivas de rememoración y de la producción de relatos promovidos por distintos sectores e instituciones de la sociedad civil y del Estado.

Si partimos de considerar que los medios de comunicación constituyen una fuente de definiciones e imágenes de la realidad social, los discursos conmemorativos que publican constituyen un objeto de investigación de interés porque reiteran representaciones sobre episodios traumáticos, a la vez que omiten otras y esto no se realiza sin disputas.

En este trabajo en particular, se propone analizar de qué manera los medios digitales más leídos de la Argentina rememoran el Día de la Memoria, la Verdad y la Justicia, establecido como feriado desde 2006, en conmemoración a las víctimas del último gobierno dictatorial.

Para la conformación del corpus se tomaron editoriales y unidades informativas publicadas en marzo de 2022, que abordaban el tema. Para proceder a su análisis se articularon categorías operativas de la sociosemiótica y la teoría de la enunciación, con el fin de analizar, desde el punto de vista de las condiciones de producción, quién es el sujeto que recuerda y olvida, qué recuerda y olvida y cómo recuerda y olvida.

Los resultados indican que la rememoración realizada por cada medio analizado no es homogénea. Pues cada uno enfatiza y omite distintas representaciones sobre el golpe de Estado ocurrido en marzo de 1976.

La principal conclusión que se extrae es que las variaciones que se verifican en torno a lo que se recuerda y lo que se olvida, se vincula con la historia, el contrato de lectura y el posicionamiento político de cada diario.

prensa | memoria | terrorismo de Estado | Argentina

## **MEMÓRIAS IMPROVÁVEIS: COMUNICAÇÃO E HISTÓRIA COMO ARCABOUÇO DO MEMORÁVEL**

**Marialva Barbosa**

marialva153@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro, BR

A partir de notícia publicada em um jornal do Rio de Janeiro/Brasil do século XIX chegamos ao personagem de uma longa história: o escravizado Severo. Dele, construímos o que metodologicamente denominamos biografia improvável. O objetivo desta comunicação é mostrar como os vínculos memoráveis, produzidos pela mídia como lugar de duração, são impositivos na reconstrução de vidas. Num primeiro momento mostraremos como emerge a sua imagem pública acionada pelos periódicos. Num segundo, como a duração do ato comunicacional se faz pelos trabalhos da memória encravados nas possibilidades comunicacionais.

O percurso metodológico faz do memorável (sobretudo, entre “lembrar, esquecer e reelaborar”) o ponto de partida. O esquecimento profundo (Ricoeur, 2007), representando pela ausência de histórias de vida que merecem ser contadas em contrapartida à duração de seus restos esparsos que se fazem visíveis pela publicização nos periódicos do século XIX, constitui o fundamento metodológico, que também explicita as muitas relações entre comunicação e memória. Ricoeur, ao apresentar a memória como mneme, surgimento das lembranças, e anamnesis, rememoração (ou reelaboração, no sentido freudiano), destaca o esquecimento como condição de possibilidade da memória. Cabe remarcar, ainda, que entre muitas modalidades de trabalho de rememoração, no sentido de reencontrar memórias perdidas, estão as reapropriações do passado realizadas pela história.

O objetivo é mostrar também os passos metódicos da pesquisa: o encontro com o personagem, a busca pelos índices de sua vida nos periódicos, o encontro com outras fontes, a materialização do contexto de sua vida pela escritura comunicacional, etc.

A comunicação se insere no projeto de pesquisa “Biografias improváveis dos escravizados brasileiros do século XIX como vinculação comunicacional” (CNPq/FAPERJ), que está se iniciando. Na pesquisa, baseamo-nos na exposição de alguns escravizados quando ganham as páginas dos periódicos, no fim do século XIX, por ter sido imputado a eles um ato violento. Assim, atos violentos constroem o improvável como permissividade para se chegar à morte e à vingança localizadas no passado e como possibilidade de reinstaurar um entretempo, no presente. O presente apresenta-se como “contratempo” (Robin, 2016) aberto a todos os passados, articulando temporalidades, marcadas pela polifonia rítmica e pela heterogeneidade.

O escravizado será escolhido em função da visibilidade pública possibilitada pelo ato comunicacional. A partir daí, do futuro do passado indo em direção ao passado do passado (ou seja, a sua vida anterior), procura-se reconstruir vidas de alguns cujo seu nome foi pronunciado e tornado audível pela presunção da falta, e que foi guardado como ato memorável nos periódicos de outrora.

Os traços documentais do passado transformam a ausência em presença, fazendo emergir a noção de rastro, conceito também determinante para a questão do memorável. A persistência dos rastros e o desejo de percebê-los como inscrições do passado levarão à reconstrução de vidas por meio dos indícios que, neste sentido, se revestem do caráter testemunhal.

comunicação | memória | história de vida | escravizados

# MEMORIA DE LA TRANSICIÓN RADIOFÓNICA EN ESPAÑA: TESTIMONIOS DE LA RADIO INFORMATIVA DEMOCRÁTICA

**Samuel García-Gil**

samuel.garcia@ehu.eus  
Universidad del País Vasco, ES

La alta demanda informativa que generó la reforma democrática en España después de Franco hubo de ser atendida por los medios de comunicación nacionales. En este sentido, la radio interpretaba un papel singular, pues el monopolio informativo de Radio Nacional de España (RNE) se extendió hasta octubre de 1977, meses después de las primeras elecciones democráticas. Así, las emisoras recibieron la libertad informativa como una oportunidad no solo de relatar un momento único, la Transición, sino también como vía de transformación propia, de la desgastada radio de entretenimiento –forzada por la censura del franquismo– a una nueva radio informativa pegada a la actualidad. La bibliografía disponible sobre Historia de la radio española cubre la Transición democrática de forma más breve (Balsebre, 2002; Faus, 2007), o bien se detiene sobre ella desde un enfoque más ensayístico o anecdótico; no obstante, ya con la suficiente perspectiva histórica, la radio de aquella etapa constituye un interesante campo de estudio, tanto a través de fuentes escritas como mediante las fuentes orales que participaron de la transformación hertziana. Por ello, el objetivo de esta investigación es aproximarse a la “Transición radiofónica” mediante entrevistas en profundidad semiestructuradas con periodistas y directivos de radio que estuvieran en ejercicio fundamentalmente entre los años 1975 y 1982, si bien se considera este periodo temporal de forma orientativa y flexible para entender los antecedentes –por ejemplo, el nacimiento de ‘Hora 25’ en 1971– o consecuencias –como los ecos inmediatos del 23-F sobre el medio–. La muestra de entrevistados se centra en los periodistas o directivos vinculados a la Cadena SER –Luis Rodríguez Olivares, Miguel Ángel Nieto...– y RNE –Luis Ángel de la Viuda, Manuel Antonio Rico, Abel Hernández, Alfonso Díez, Javier Arenas...–, las dos cadenas más escuchadas del país por entonces, si bien participan también en la investigación extrabajadores de otras redes como Radiocadena Española –Javier Lostalé– o emisoras locales como Radio España de Madrid –Francisco Vela–. Los resultados del cuestionario relativos a esta comunicación se centran en dos ejes principales: la transformación interna de la radio y el relato informativo que la radio realizó de la Transición, a través de los hitos que quedaron marcados en la memoria de los entrevistados. Se destacan entre las conclusiones el relevo profesional entre locutores y periodistas en la antena, el grado de percepción de las demás emisoras –particularmente SER y RNE– como referencia radiofónica, el impacto del terrorismo sobre el relato informativo y, en particular, la implicación de los trabajadores de la radio en favor de la reforma democrática.

historia de la radio | España | transición democrática | periodismo | entrevistas en profundidad

## **ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO - ARGENTINA 1985 X BRASIL 1979**

### **Ana Regina Rego**

anareginarego@gmail.com  
Universidade Federal do Piauí, BR

### **Ranielle Leal**

ranileal29@gmail.com  
Universidade Estadual do Piauí, BR

O filme *Argentina 1985* apresenta um panorama do julgamento dos militares que durante a ditadura autodenominada de Processo de Reorganização Nacional (1976-1983), terminaram por adotar práticas de um governo totalitário tais como, a eliminação dos oponentes. Esse período ficou conhecido como um tempo de medo e terror para milhares de cidadãos daquele país. Segundo dados das Mães da Praça de Maio aproximadamente 30 mil pessoas foram alvo direto das ações dos militares, número contestado por outras instituições que estimam entre 9 mil e 13 mil pessoas mortas ou desaparecidas. O julgamento dos militares argentinos promoveu o dever de memória e de justiça a uma dimensão nacional e teve como pressuposto tornar-se exemplar, conceito adotado aqui com todas as observações que fazem Todorov (2008) e Ricoeur (2012), tendo em vista a potência da memória para tornar-se exemplar, guardadas as proporções e relações limítrofes entre os usos e os abusos. No Brasil existe uma ampla filmografia que tem como temática a ditadura civil-militar que governou entre os anos de 1964 e 1985, contudo, nenhum dos filmes trata de um julgamento dos responsáveis pelo estado ditatorial a que o país esteve submetido, nem tampouco a um julgamento dos militares que articularam, promoveram e mataram centenas de pessoas, porque nunca houve um julgamento. Em 2012, durante o governo da Presidenta Dilma Rousseff foi instalada a Comissão Nacional da Verdade com o intuito de desvelar os porões sangrentos da ditadura brasileira. Rousseff foi presa e torturada no início da década de 1970 e seu torturador, conhecido como Coronel Ustra, morreu sem ser punido pelos seus atos que incluem tortura e assassinatos. A Comissão da Verdade não teve força de dever de Justiça e, embora, apurando e apontando aqueles que deveriam ser punidos, teve como limite de atuação a Lei da Anistia promulgada ainda nos anos de ditadura. A Lei 6.683 de 28 de agosto de 1979 “concedeu” anistia a todos os que cometeram crimes políticos entre 1961 e 1979, colocando funcionários públicos e militares na mesma balança que os perseguidos, torturados e assassinados. Tal caminho adotado pelo Brasil vai de encontro ao que Ricoeur (2012) desvela como memória obrigada, memória comandada. Ao propor um distanciamento histórico entre os eventos traumáticos do passado e o horizonte de futuro, apaziguados pela força da lei, o Brasil que aparentemente conseguiu uma frágil “reconciliação” nacional, instaurando um dever de esquecimento, com a intenção de amnésia social e coletiva, em verdade deixou o passado em aberto o que possibilitou furos no futuro passado, a ponto de ser apropriado pela extrema direita que a partir de um ponto negacionista e desinformativo tentou reescrever os acontecimentos da ditadura civil-militar. Nesse contexto, o presente trabalho articula conceitos como dever de memória e de justiça e traz para o debate as visões de Todorov e Ricoeur sobre usos e abusos da memória, buscando confrontar as proposições teóricas de memória exemplar e memória obrigada. Para tanto, observaremos os acontecimentos do Brasil em 1979 e da Argentina em 1985 a luz da Hermenêutica da Consciência Histórica de Ricoeur (2010) que nos permite interpretar e compreender o mundo em que as narrativas de exemplaridade mnemônica e obrigação de esquecimento foram apresentadas às sociedades argentina e brasileira.

Argentina | Brasil | memória exemplar | memória obrigada | anistia

## **CARTAS, RELAÇÕES, AVISOS E GAZETAS: GÊNEROS NOTICIOSOS QUE CONECTAM AS ORIGENS DO JORNALISMO IBERO-AMERICANO**

**Eduardo Comerlato**

educomerlato@hotmail.com

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, BR

**Antonio Carlos Hohlfeldt**

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, BR

No alvorecer da Idade Moderna, variados gêneros editoriais começaram a ser reproduzidos nas primeiras oficinas tipográficas do mundo ocidental. Algumas dessas publicações tinham o intuito de retratar ou resumir acontecimentos relevantes para a época, incorporando assim a essência do que hoje conhecemos como jornalismo. Ainda que com uma manufatura completamente artesanal, estas publicações noticiosas, comumente feitas em pequenas brochuras de formato in-quarto, permitiram o surgimento de formatos informativos singulares, que viriam a se destacar durante os séculos XV, XVI, XVII e XVIII.

À vista disso, o presente trabalho propõe, como metodologia, a realização de uma fundamentação teórica e uma análise empírica para contextualizar esses modelos noticiosos precursores. Essa revisão bibliográfica será realizada em uma perspectiva ibero-americana, que começará com as primeiras publicações noticiosas da Espanha e de Portugal, ainda nos séculos XV e XVI, para então assinalar as produções iniciais do Novo Mundo, com as impressões realizadas nas colônias da América Latina mediante a chegada das prensas tipográficas, a partir da década de 1530. Assim, ao desenvolvermos o conceito de gêneros editoriais noticiosos, seremos capazes de identificar afinidades que conectam a imprensa de tais localidades em seus primórdios.

Na bibliografia que será abordada, nota-se alguns formatos que se destacam em uma comparativa ibero-americana: as cartas informativas, publicações originárias de epístolas de comunicação interpessoal, institucional ou oficial, difundidas justamente tornar público determinados eventos; os avisos noticiosos, que surgem ainda durante a scribal culture, circulando principalmente em redes de comerciante no intuito de comunicar preços, acontecimentos e assuntos diplomáticos, um conceito que, posteriormente, se estende para a cultura do impresso e assim projeta um formato ocasional importante para a modernidade, capaz de resumir diferentes acontecimentos em publicações avulsas; as relações de acontecimentos, um gênero editorial de grande sucesso que consistia, basicamente, em publicações ocasionais que se limitavam a narrar um grande acontecimento ou evento extraordinário, surpreendendo pelo rigoroso detalhamento, com as causas e consequência de cada ocorrência; e as gazetas, essencialmente publicações que se dedicavam a resumir diversos ocorridos por impressão, configurando-se enquanto compilações de notícias breves que iriam se dividir entre produções ocasionais, seriais ou periódicas, em um modelo de publicação que foi extremamente relevante para os primórdios do jornalismo ao redor do globo.

Portanto, caberá ao trabalho iluminar os detalhes destes formatos noticiosos e mostrar exemplos concretos provenientes da Península Ibérica e da América Latina, realizando aproximações entre os estudos dos primórdios da imprensa ibero-americana. Entre os materiais empíricos escolhidos de maneira prévia, temos exemplos notáveis como as cartas de descobrimento durante as Grandes Navegações, entre elas a Carta de Cristóbal Colón a Luís de Santangel (1493); as relações portuguesas sobre naufrágios, como a Relação da Muito Notável Perda do

Galeão Grande São João (1554); as reportagens precursoras da América, como a Relación del espantable terremoto que agora nuevamente ha acontecido en la ciudad de Guatemala (México, 1541) e a Relación de lo que hizo don Beltrán de Castro y de la Cueva en la entrada de Juan de Aquines inglés por el estrecho de Magallanes y mar del sur (Peru, 1594); os Avisos de Roma (Valência, 1618); a Gazeta da Restauração (Lisboa, 1641); a Gazeta Nueva (Madrid, 1661); a Gazeta do México (1722); a Gazeta de Lima (1741) e a Gazeta do Rio de Janeiro (1808). Enfim, com a análise destes materiais, que representam diferentes formas de percepção temporal por meio da articulação narrativa, como proposto por Paul Ricoeur (2007), poderemos ter uma visão conjunta sobre a gênese da imprensa noticiosa ibero-americana no decorrer da Idade Moderna.

história do jornalismo | gêneros noticiosos | comunicação social | idade moderna | imprensa ibero-americana

# LOS ORÍGENES DE LA PRENSA EN PROVINCIAS: REVISIÓN DEL PERIODISMO SEVILLANO DEL XVIII

**María del Carmen Montoya Rodríguez**

[mcmontoya@us.es](mailto:mcmontoya@us.es)

Universidad de Sevilla, ES

Sobre la historia del periodismo sevillano del XVIII se ha perpetuado un gran tópico en los últimos cincuenta años: la atonía y el retraso con respecto a la Corte, fruto supuestamente de la mediocridad de su vida intelectual (Guinard, 1973). En esta comunicación se propone un acercamiento revisionista de esta prensa de la periferia, entendiéndola como modelo heterodoxo y alternativo al hegemónico y centralista (Yanes, 2022), con una cronología propia y sus propios ritmos de desarrollo (Gutiérrez y Montoya, 2023). Este estudio de caso propone un acercamiento a las claves del periodismo local en un tiempo de transición en el que conviven las viejas fórmulas del noticierismo efímero y empieza a alumbrar modelos de prensa moderna (informativa, divulgativa y de opinión).

Esta investigación sigue la propuesta metodológica del proyecto HICPAN (Historia crítica del periodismo andaluz), centrada en la revisión crítica del enfoque historiográfico positivista, dominante hasta el momento en los estudios del periodismo sevillano. Se propone una actualización del corpus de prensa local, mejorando la datación de las cabeceras ya conocidas e incorporando para su estudio la producción efímera de impresos informativos y divulgativos. Esta actualización se basa en el rastreo de títulos inventariados en catálogos y bibliografías (Aguilar Piñal, 1974 y 2000; Chaves Rey, 1896 [1995]), completados ahora mediante cotejo con los registros del Catálogo Colectivo de Patrimonio Bibliográfico español y la base de relaciones BIDISO (Biblioteca Digital del Siglo de Oro).

Se establecen como objetivos la identificación de las prioridades periodísticas y centros de interés del periodismo local y el establecimiento de etapas de producción de la imprenta sevillana en relación con la aparición de las primeras cabeceras de prensa de proximidad. Se propone una tipología que clasifica este vasto legado periodístico en función de sus prioridades, ya sean estas informativas, críticas o divulgativas.

El principal resultado es la valoración del papel de los impresores locales como principales agentes del cambio que se está operando en el sistema informativo barroco, por su compromiso en el desarrollo de una infraestructura y la incorporación de unas prácticas innovadoras en el campo del noticierismo efímero, la producción divulgativa y la creación de prensa popular que permiten que la ciudad conserve a lo largo del siglo su posición predominante en el sector editorial.

La actualización del corpus de prensa permite dibujar un activo y diverso panorama periodístico en la Sevilla del XVIII, lo que le permitió ser pionera en el periodismo científico y el desarrollo de la prensa de proximidad, si bien se incorpora tardíamente al despegue de la prensa ilustrada. La iniciativa empresarial se concentró en los tradicionales formatos efímeros, las temáticas de mayor aceptación (la historia y el arte), la apuesta por la divulgación y la prensa de opinión. Con todo mantiene su posición como nodo central en la producción y difusión de información y opinión en la Baja Andalucía, lo que justifica la posición central política que la ciudad mantuvo en los años decisivos de transición a la España liberal.

historia del periodismo | periodismo local | siglo XVIII | Sevilla | impresores



# **A IMPRENSA TEATRAL COMO PRESERVADORA DA HISTÓRIA DO TEATRO E DO JORNALISMO DO SÉCULO XIX**

**João Paulo Limão**

jpslimao@gmail.com

ICS-Universidade de Lisboa, PT

A efemeridade dos espetáculos de teatro encontra na imprensa e crítica jornalística um importante reduto de revisitação e investigação da sua história. A crítica teatral, a notícia, a reportagem ou a entrevista constituem-se como elementos fundamentais para os estudos sobre esta arte. Contudo, a análise de publicações especializadas nesta área revela-se ainda fulcral para um maior entendimento acerca da história e evolução da imprensa e dos géneros jornalísticos, além de refletir a própria história social e política dos períodos em que foi publicada. A proliferação de títulos de imprensa teatral portuguesa a partir de meados dos anos 30 do século XIX reflete as contingências da história política e social portuguesa neste período, ao mesmo tempo que revela a curiosidade e interesse despertados por esta arte em certos segmentos da sociedade portuguesa. Mais de um século depois, a revisitação a estas publicações periódicas permite uma análise acerca das temáticas teatrais abordadas nestes periódicos, assim como sobre os géneros jornalísticos explorados e as características destes jornais e revistas. Este estudo consiste numa abordagem exploratória aos conteúdos da imprensa de teatro portuguesa no século XIX, no sentido de identificar as tipologias destes periódicos editados nesta época. A investigação ocorre a partir de uma análise de conteúdo realizada a uma amostra de conveniência, constituída por um conjunto de cinco publicações periódicas portuguesas de teatro, publicadas no século XIX, em relação à qual se procura proceder a uma identificação e classificação de temáticas abordadas e dos géneros jornalísticos utilizados. Esta pesquisa confirma a importância do estudo destas publicações para a história do teatro em Portugal, por permitirem descobrir ou relembrar os textos, encenações, atores e encenadores que ocupavam os palcos nacionais nesta época, assim como a perspetiva dos críticos e a aceitação do público. Em simultâneo, verifica-se que o estudo das publicações de teatro portuguesas é um campo que revela diferentes perspetivas sobre a história do jornalismo de cultura, nomeadamente no modo como evoluiu em termos de géneros e temáticas abordadas. Do ponto de vista da classificação de periódicos e dos textos publicados, observa-se um previsível distanciamento estilístico que comprova a evolução do jornalismo, sendo ainda visível a opção por géneros híbridos, de difícil classificação ao nível dos géneros jornalísticos.

imprensa | teatro | história do jornalismo | imprensa especializada

## **A IMPRENSA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS NA 1ª REPÚBLICA (1921-1926)**

**André Pina**

andrecostapina@gmail.com

Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, PT

Fundado a 6 de março de 1921, o Partido Comunista Português (PCP) participou ativamente na vida política portuguesa, por intermédio da sua imprensa. O PCP concebeu o seu primeiro órgão de imprensa a 17 de abril de 1921, dando continuidade ao antigo jornal da Federação Maximalista Portuguesa (FMP), intitulado *Bandeira Vermelha*. Este primeiro esforço para constituir uma imprensa comunista, em Portugal, foi de pouca duração, já que o *Bandeira Vermelha* só foi capaz de publicar 10 números, até ao dia 19 de junho de 1921.

Posteriormente, entre outubro e novembro de 1921, publicaram um novo semanário, *O Comunista* que, identicamente, não foi capaz de publicar mais de 6 números. Não obstante, logo neste primeiro ano, a imprensa surgiu como um meio elementar para catapultar as principais figuras que representaram o partido, sendo um reflexo das hierarquias internas, determinando quem tinha o direito de falar em nome do partido. Desse modo, a imprensa comunista é, desde logo, um espaço de lutas, um reflexo do campo partidário comunista, onde se travaram combates pelo monopólio do capital partidário.

Nesse seguimento, verificamos como um dos momentos altos nos confrontos partidários coincidiu com a publicação do primeiro jornal da Federação da Juventude Comunista Portuguesa (FJCP), «*O Jovem Comunista*», publicado a 3 de setembro de 1922. Este jornal é reflexo de uma tendência de jovens comunistas que procuraram subverter a situação do partido em 1922 e tomar as rédeas na liderança. Já em 1923, este confronto levou a uma tentativa de formar um novo Comité Central à revelia da Internacional Comunista e da maioria dos militantes do PCP, implicando o ressurgimento do jornal *O Comunista* (maio de 1923), para fazer frente aos objetivos dos jovens comunistas. O conflito levou, ainda, o Comintern a enviar um delegado a Portugal, Jules Humbert-Droz, para resolver as disputas internas. Este momento determinou, também, uma maior influência do Comintern sobre as questões portuguesas, que passou a enviar regularmente fundos, diretamente de Moscovo, para sustentar o órgão de imprensa do PCP, *O Comunista*, que, a partir de junho de 1923, foi publicado ininterruptamente até novembro de 1926.

Neste contexto, procuramos analisar os discursos políticos das diferentes tendências comunistas, observando a imprensa como a ferramenta por excelência para a construção de uma narrativa partidária, definindo metas ideológicas e depurando tendências e militantes contrários aos objetivos dominantes dos líderes. Por sua vez, procuramos observar nas representações sociais e políticas comunistas um meio para estabelecer disposições que podem ser incorporadas pelos militantes que, por fim, determinaram as práticas sociais destes sujeitos, assim como, a sua visão do mundo.

Partido Comunista Português | primeira república | imprensa comunista

# IMPrensa Desportiva em Portugal: Uma História

**Francisco Pinheiro**

franciscopinheiro72@gmail.com

CEIS20- Universidade de Coimbra, PT

Esta análise assenta numa investigação sobre a história do jornalismo desportivo português, entre 1875 e 2000 – período compreendido entre as origens desta especialidade jornalística e o final do século XX, em que novas dinâmicas comunicacionais (sobretudo determinadas pela WEB) levaram a mudanças no ciclo evolutivo deste género de imprensa. O estudo revelou que neste intervalo temporal de 125 anos surgiram em Portugal 940 publicações periódicas desportivas, divididas em três linhas programáticas: de índole generalista (310 títulos), de cariz especializado (282) e publicações institucionais ligadas a clubes e instituições (336) – e uma subcategoria, a artístico-desportiva (12 jornais, entre 1907 e 1942).

Em termos de evolução, a imprensa periódica desportiva portuguesa pautou-se por uma linha heterogénea, patenteando um misto de crescimento regular (entre as décadas de 1870 e 1910 e as de 1960 e 1990), com uma fase de profundas assimetrias (entre os anos 1920 e 1950). Para este processo foi determinante a imprensa desportiva generalista, ditando as inflexões e os momentos de apogeu – como na década de 1920, em que a linha generalista esteve na origem de 107 das 166 publicações desportivas criadas em Portugal. A genealogia deste género de imprensa começou a formar-se, de modo sustentado, a partir da revista *Tiro e Sport* (Lisboa, 1904-1913), periódico que conjugava um jornalismo desportivo eclético e de qualidade, uma Redacção inclusiva e polivalente, um grafismo cuidado, uma alargada rede de correspondentes, um fotojornalismo inovador e uma dinâmica editorial e organizacional promotora de uma ideia de desporto na sociedade portuguesa.

A sua herança seria perpetuada ao longo do século XX por um restrito leque de periódicos, centralizados em Lisboa e no Porto, como seriam, na Capital, *O Sport de Lisboa* (1915-1934), *Os Sports* (1919-1945), *Stadium* (1932-1951), *A Bola* (1945), *Mundo Desportivo* (1945-1980), *Record* (1949) e *Gazeta dos Desportos* (1981-1995), e, na Cidade Invicta, *o Sporting* (1921-1953), *O Norte Desportivo* (1934-1983) e *O Jogo* (1985). Fora da centralidade Lisboa-Porto, num âmbito regionalista, mas igualmente doutrinal, publicaram-se *A Voz Desportiva* (Coimbra, 1926-1975), *o Correio Desportivo* (Funchal, 1926-Século XXI) e *o Angola Desportiva* (Luanda, 1930-1971).

Este restrito grupo de periódicos desportivos generalistas assumiu-se como o centro irradiador de ideias, saberes e exemplos, confluindo nele todo o género de estratégias, quer as de índole agregadora (definição laboral, independência e isenção jornalística, associativismo de classe, condutas doutrinais, solidariedade profissional, combatividade à censura, imaginário nacional e internacional), quer as de cariz concorrencial e facturante (amadorismo vs. profissionalismo, guerra Norte-Sul, antagonismos individuais, editoriais, desportivos e empresariais).

jornalismo | desporto | Portugal | representação

## **PORTUGAL Y ESPAÑA: CONSTRUYENDO UN ENCUENTRO A TRAVÉS DE LA PRENSA, 1850- 1936**

**Carlos Gregorio Hernández Hernández**

cghernandezh@ceu.es

Universidad CEU San Pablo, ES

Las relaciones entre Portugal y España han vivido varias fases durante la contemporaneidad. Los puntos de inflexión para Josep Sánchez Cervelló, Hipólito de la Torre, Fernando Rosas y Juan Carlos Jiménez Redondo en la superación del marco del “peligro español” han sido el periodo 1919-1926, 1939 y los años ochenta del siglo XX. El impacto en la prensa de los vínculos mutuos ofrece una imagen algo diferente en su recorrido, que termina por coincidir cuando se opera el giro en las relaciones internacionales entre 1919 y 1926. El encuentro prácticamente no dejó huellas en los periódicos hasta los años setenta del siglo XIX. La intensidad fue creciendo, con algunos puntos álgidos (1890-1893, 1901-1903 y 1912), hasta alcanzar su cénit después de la Primera Guerra Mundial. En la prensa podemos leer menciones a congresos, estudios, relaciones diplomáticas, actos lúdicos y deportivos, historia, literatura, incidentes, empresas, turismo, etc. Todos esos datos se multiplicaron precisamente cuando los dos Estados peninsulares revisaron su relación bilateral, transformando un desencuentro secular en una vecindad normalizada en la década de los veinte. Los conflictos políticos, especialmente a raíz de las intentonas monárquicas y de los actos hostiles de la diplomacia española, fueron una gran sombra en un caudal creciente de informaciones positivas, que culminan en el cambio de estatus de la representación diplomática en Madrid y Lisboa en el verano de 1926, con dos dictaduras en Portugal y España. En nuestra comunicación revisamos las referencias en la prensa digitalizada de todo aquello que pusieron en común ambos países entre 1850 y la Guerra Civil y constatamos que la prensa puede ser tomada como un medidor en el proceso de aproximación que vivieron las dos naciones peninsulares porque la diplomacia excedía y excede a lo sucedido en las embajadas, la firma de tratados y los actos diplomáticos formales. La reducción de las informaciones a partir de 1926 sucede porque muchos actos que venían siendo noticiables para favorecer el encuentro, dejaron de serlo, aunque siguieron celebrándose, porque el objetivo de la normalización ya estaba cumplido. Los avatares políticos posteriores, como la proclamación de la Segunda República española y los conflictos con el Estado Novo (el atentado al embajador, las armas del Turquesa, el apoyo a la sublevación, etc.) no redujeron los vínculos establecidos, pero sí complicaron la relación, hasta que a finales de la década de los treinta se logró una nueva coincidencia geopolítica.

hispanoportugués | hispanoluso | historia de la prensa | relaciones internacionales

# LA REIVINDICACIÓN DEMOCRÁTICA FRENTE A LAS DICTADURAS DE FRANCO Y SALAZAR: MEMORIAS Y DISCURSOS DE LOS UNIVERSITARIOS IBÉRICOS EN LA REVISTA EL ESTUDIANTE

**Alberto Carrillo-Linares**

[acarrillo@us.es](mailto:acarrillo@us.es)

Universidad de Sevilla, ES

**José Luis Moreno-Pérez**

[jmorenop@us.es](mailto:jmorenop@us.es)

Universidad de Sevilla, ES

Como sucede con otros procesos convergentes de la historia de España y Portugal, la configuración del movimiento estudiantil como un actor protestatario contra el orden establecido por los regímenes franquista y salazarista presenta similitudes durante la construcción de los marcos democráticos en la segunda mitad del siglo XX. Debido a la consideración de los universitarios ibéricos como destacados agentes democratizadores, la historiografía ha centrado su atención en sus hitos, estructuras orgánicas y repertorios de acción colectiva que posibilitaron, junto con otros sujetos sociales, la erosión de ambas dictaduras. A partir de este marco de estudio consolidado, en los últimos años se han desarrollado investigaciones sobre el análisis de los discursos producidos por los agentes contenciosos, manifestados a través de la oralidad o de textos impresos como las publicaciones estudiantiles seriadas, así como los vínculos de los universitarios ibéricos con organizaciones internacionales. Atendiendo a esta línea de investigación, la presente comunicación aborda los discursos de los estudiantes españoles y portugueses en la revista *El Estudiante*, magazín editado por la Conferencia Internacional de Estudiantes (CIE), organización supranacional, fundada en 1950 para atender a las diversas reivindicaciones estudiantiles globales y locales, con dilatada representación mundial ilustrada en el amplio número de uniones nacionales que formaron parte de esta. Por tanto, el objetivo de este trabajo radica en analizar el discurso del movimiento estudiantil antifranquista y antisalazarista a partir del análisis de los artículos publicados en *El Estudiante*.

La metodología ha consistido en un vaciado y tabulado de los 1.280 artículos publicados durante todo el periodo editorial vigente (1956-1968), para finalmente obtener un filtrado exclusivo de los temas relacionados con el estudiantado ibérico (52 artículos). El análisis de los artículos se ha realizado desde dos perspectivas: contenido (temas y enfoque) y responsables (firmantes). Entre los principales resultados obtenidos, la tipificación del contenido ha permitido obtener una radiografía completa sobre el movimiento estudiantil: los repertorios de acción (huelgas, sentadas, manifestaciones, duelos académicos, etc.) protagonizados por los estudiantes disidentes, las conexiones transnacionales (movimientos de apoyo y solidaridad), las memorias y narrativas sobre los procesos de transición democrática iniciados, entre otros fenómenos, por las movilizaciones estudiantiles durante el período dictatorial, la construcción de identidades con la definición de la autoconsciencia del yo colectivo y la represión acometida por las dictaduras. Asimismo, a pesar de la existencia de un elevado número de artículos firmados bajo el anonimato, la variable referida a los responsables ha permitido identificar a los estudiantes y las organizaciones comprometidos con el cambio político en ambos países.

En conclusión, se observa una aproximación al movimiento estudiantil ibérico y sus reivindicaciones democráticas en los marcos de las dictaduras ibéricas desde un enfoque distinto con la elección de una revista publicada por una organización internacional como la CIE. Resulta posible detectar la evolución de un movimiento que transita desde una fase de aletargamiento en los compases iniciales de los regímenes hacia un momento de repliegue y posterior acción, sobre todo al calor de los efluvios de los Global Sixties durante la segunda mitad de los años sesenta.

conferencia Internacional de estudiantes (cie) | memoria | discursos |  
publicaciones estudiantiles | movimiento estudiantil ibérico

## **VISITA DE ESTADO DE D. MANUEL II A ESPANHA (1909): O DISCURSO DA ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA**

**Jorge Pedro Sousa**

jpsousa@ufp.edu.pt

Universidade Fernando Pessoa & ICNOVA-NOVA FCSH, PT

Retribuindo a visita privada do soberano espanhol, D. Alfonso XIII, a Vila Viçosa, em fevereiro de 1909, o rei português, D. Manuel II, visitou, oficialmente, Madrid e Toledo, em novembro do mesmo ano. Esta pesquisa analisa a narrativa iconográfica – contando com o correspondente texto verbal – que a revista ilustrada semanal Ilustração Portuguesa, de Portugal, construiu do acontecimento. Utiliza-se uma metodologia quali-quantitativa. A componente qualitativa baseia-se numa abordagem hermenêutica e heurística ao discurso, com os objetivos de identificar as estruturas de linguagem icono-verbal em jogo e de desvelar os enquadramentos propostos ao leitor, tendo em consideração o que se conhece sobre o contexto histórico da época e a noticiabilidade do acontecimento. A componente quantitativa baseia-se numa análise de conteúdo com categorias definidas a priori. Concluiu-se que a cobertura jornalística, graças à confluência de sentido e complementaridade entre o texto visual e o texto verbal, ofereceu uma leitura fílmica e testemunhal da evolução do acontecimento, mas também valorizou a imagem dos soberanos dos dois países ibéricos, sustentando, simbolicamente, o status quo, e celebrou, na amizade e intimidade entre os reis de Portugal e de Espanha, a própria afeição, quiçá, irmandade, entre portugueses e espanhóis. O discurso assumiu, em acréscimo, uma dimensão metajornalística, por um lado autocrítica, por outro, apreciativa do trabalho de Joshua Benoliel, fotógrafo enviado especial da Ilustração Portuguesa, o que se interpretou quer como uma atitude pedagógica para com o público, quer como uma posição valorativa da própria revista, que ajuizou em causa própria.

D. Alfonso XIII | D. Manuel II | visita de Estado a Espanha (1909) | cobertura  
fotojornalística | fotojornalismo | revistas ilustradas de informação geral

# L'OPINIÓ, UN DIARIO Y UN PROYECTO REPUBLICANO DE IZQUIERDA

**Jaume Guillaumet Lloveras**

jaume.guillaumet@upf.edu

Universitat Pompeu Fabra, ES

El hecho que un diario de nombre a un grupo político no es nada frecuente. Es el caso singular de L'Opinió, en Barcelona. Durante los años 1930, el llamado Grup de L'Opinió, nombre primero de un semanario (1928-1931) y después de un diario (1931-1934), es una referencia constante y principal en la Cataluña republicana.

Los abogados Joan Lluhí Vallescà, Joan Casanellas Ibarz, Pere Comas Calvet y Antoni Xirau Palau fundan el semanario L'Opinió, desde el que promueven la creación de Esquerra Republicana de Catalunya, el primer partido en proclamar la República, el 14 de abril de 1931.

L'Opinió se publica como diario del partido y, a finales de 1933, lo hace como órgano de un nuevo Partit Nacionalista Republicà d'Esquerra. Por otra parte, es un diario avanzado en el reportaje político i la crítica social, a cargo de algunos de los periodistas más destacados del período.

Esta comunicación presenta los resultados de una investigación sobre este periódico, teniendo en cuenta los aspectos políticos y los periodísticos. En primer lugar, el estudio del diario como instrumento político del Grup de L'Opinió, dentro de Esquerra Republicana y del Partit Nacionalista Republicà d'Esquerra, así como en los gobiernos del Ayuntamiento de Barcelona y de la Generalitat de Catalunya y de los grupos parlamentarios en las Cortes de la República y del Parlament de Catalunya.

En segundo lugar, se presenta el comportamiento político y periodístico de la redacción en el tratamiento de la información por un diario que, en 1933, se presenta como el más importante en lengua catalana y el tercero en difusión entre los veintiocho diarios publicados en Barcelona.

diário | republicano | izquierda | cataluña



## EL SOCIALISTA EN EL EXILIO

**María José Ruiz Acosta**

mjrui@us.es  
Universidad de Sevilla, ES

**Inés Méndez Majuelos**

imendez@us.es  
Universidad de Sevilla, ES

Para los historiadores la recuperación de las fuentes primarias representa la mayoría de las ocasiones una labor ardua. En el campo concreto de la Historia del Periodismo dicha actividad se ve dificultada, además, por el hecho de que muchas de esas fuentes se encuentran fuera de lo que sería cualquier fórmula de préstamo. En el caso español se suma, además, la dificultad añadida de que parte de ese material no se custodia en la Península sino en otros países. Y no por motivos fortuitos, sino porque se editaron en el extranjero. Es lo que se conoce como periodismo alófono o transfronterizo. Consecuencia de exilios, emigraciones o por cuestiones de índole económica, desde el siglo XIX se asiste al fenómeno de creación de periódicos españoles fuera de España; es decir: impresos o manuscritos que fueron redactados por escritores, intelectuales y periodistas españoles, sobre temas que interesaban en España, con la finalidad de influir en el poder y en la opinión pública españoles, pero editados en el extranjero.

Nuestro trabajo tiene como finalidad presentar a una de esas publicaciones transfronterizas, El Socialista, durante los años en los que se editó fuera de España, concretamente desde el 28 de marzo de 1939, día en el que salió a la calle el último ejemplar en el país.

En septiembre de 1944, el 1er Congreso del PSOE en Francia acordó editar nuevamente El Socialista, que empezó a publicarse en Toulouse con periodicidad semanal. Cuatro años después, en 1948, la redacción y administración de la cabecera se trasladaron a París, donde permanecieron hasta 1961, momento en el que el gobierno francés, ante las presiones del régimen franquista, prohibió su circulación distribución y venta. El periódico reaparecería en España en mayo de 1977 como semanario político; siete años antes se había editado en la península de forma clandestina, razón por la cual su periodicidad era irregular.

Como parte de la memoria invisible en la historia del periodismo español la cabecera ofreció la peculiaridad de “contar” lo que ocurría desde la perspectiva que da el estar “fuera” de donde acontecieron los hechos.

Para ello, revisamos todos los números publicados por el periódico durante los años en los que no se editó en España. Establecimos primeramente un análisis descriptivo del mismo, para proceder a continuación a seleccionar determinados ítems que constituyeron la guía para realizar un análisis del discurso. El objetivo: conocer la visión del rotativo sobre lo que sucedía en España y determinar el grado de implicación en la evolución de la política del país.

El trabajo aborda, asimismo, el regreso de la publicación a España y su integración en la estructura informativa nacional.

el socialista | exilio | historia periodismo | España

## **PROMOTORES Y AGENTES DEL MERCADO DE LAS NOTICIAS DE LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XVII EN SEVILLA. EL PERFECTO EMBAJADOR JUAN ANTONIO DE VERA, PRIMER CONDE DE LA ROCA**

**Carmen Espejo-Cala**

carmenes@us.es

Universidad de Sevilla, ES

Este trabajo analiza el trasfondo de conexiones diplomáticas en el que se inserta la producción de impresos informativos en el siglo XVII, a través del caso concreto de los impresos sevillanos vinculados con Juan Antonio de Vera y Zúñiga, primer Conde de la Roca (1583-1658). Este enigmático personaje fue miembro una familia noble de origen extremeño y disfrutó de una estrecha amistad con el Conde-Duque de Olivares, lo que le valió su nombramiento como diplomático en varias campañas en el norte de Italia. Algunas relaciones de sucesos sevillanas llevan su escudo en la portada, y el mismo Conde de la Roca fue autor de uno de los primeros tratados de diplomacia, El embajador (1620), en el que trató acerca de la redacción de los avisos noticieros. Estos indicios nos llevan a indagar la posibilidad de que Vera y Zúñiga haya jugado un rol esencial en el desarrollo del periodismo sevillano de las primeras décadas del XVII, permitiendo o promoviendo la filtración de algunos de los avisos que salían de o llegaban a sus manos, por ejemplo. A partir de este caso, formularemos una teoría acerca del modelo de producción de los primeros impresos informativos de la historia europea, y acerca del desarrollo de las redes profesionales y de sociabilidad que subyacen a la aparición del periodismo en la primera Edad Moderna.

gaceterismo | edad moderna | agentes

# **JERRY FALWELL: ACTIVISMO POLÍTICO, EVANGELIZACIÓN CULTURAL Y COMUNICACIÓN CRISTIANA**

**José Antonio Abreu Colombri**

zztop2001@hotmail.com

Visiting researcher NOVA FCSH, PT

En la segunda mitad del siglo XX, el auge del pensamiento conversador en la sociedad estadounidense no puede ser explicado sin el estudio de los grupos religiosos con mayor presencia mediática. Jerry Falwell, desde finales de la década de 1960, se convirtió en uno de los rostros más visibles del movimiento evangelista y del mundo la tele-predicación en los Estados Unidos y Canadá. Su labor de comunicador está vinculada a la prensa, la radio, la televisión y diversos proyectos editoriales. El activismo cristiano de Moral Majority hizo posible que el reverendo Falwell se convirtiese en uno de los mayores activos de movilización electoral para los republicanos, desde mediados de la década de 1970 hasta finales de la década de 1980. Las interacciones de dicho movimiento moralista llegaron a condicionar la agenda de la administración Reagan.

Objetivos del estudio: Las motivaciones de esta propuesta de ponencia son estrictamente académicas. Ninguna institución religiosa coordina esta propuesta. La ponencia intentará establecer una aproximación sobre las principales líneas temáticas del discurso conservador estadounidense, desde el caso de estudio de la estructura mediático-institucional levantada por el reverendo Falwell. Finalmente, tratar de clasificar las corrientes de pensamiento con mayor repercusión cultural entre los grupos de la "América" conservadora y, en consecuencia, los modelos comunicativos más exitosos a nivel de difusión.

Metodología de investigación: El desarrollo de la investigación se fundamentará en criterios cualitativos y comparativos. El análisis de los mensajes de Moral Majority y la obra de Falwell permitirá arrojar luz sobre unos modelos comunicativos mitificados, que con el paso del tiempo se convirtieron en venero intelectuales del conservadurismo global. Los aspectos biográficos estarán siempre vinculados al desarrollo de la actividad intelectual de Jerry Falwell.

Conclusiones: Para intentar hacer un balance histórico de la transformación de los discursos conservadores, principalmente vinculados al Partido Republicano durante la segunda mitad del siglo XX, es necesario plantear un estudio integral de la obra de los grandes líderes de la tele-predicación o del tele-evangelismo, entre los que se encuentra Jerry Falwell.

tele-predicación | protestantismo | comunicación especializada | Jerry Falwell |  
USA

# LOS ARTÍCULOS DE CARMEN LAHUERTA EN EL RADICAL: UN CASO DE ACTIVISMO POLÍTICO-PERIODÍSTICO FEMENINO EN LA SEGUNDA REPÚBLICA ESPAÑOLA

**Ricardo Zugasti**

rzugasti@unizar.es

Universidad de Zaragoza, ES

La Segunda República se caracterizó por ser un periodo en el que la movilización social y política de masas alcanzó cotas hasta entonces desconocidas en España. El reconocimiento de nuevos derechos para las mujeres, entre los que destacaba el sufragio, condujo a un escenario en el que pudo desarrollarse un activismo político femenino inédito en el ámbito público. Este trabajo busca acercarse a la desconocida figura de la zaragozana Carmen Lahuerta, una de aquellas primeras mujeres encuadradas en las filas de un partido político, el Partido Republicano Radical en su caso, y cuyo activismo político conllevó consecuencias: tras el fin de la Guerra Civil, fue depurada como maestra, con separación definitiva del servicio y baja en el escalafón.

Carmen Lahuerta, nacida en 1904 y maestra de profesión, desempeñó el cargo de secretaria de la junta directiva de la Sección Femenina de la Juventud Republicana Radical de Zaragoza. Además de sus actividades orgánicas en el partido, la educadora republicana fue con sus artículos colaboradora habitual de El Radical, semanario oficial del partido homónimo en la provincia y controlado por sus juventudes. El periódico se publicó entre agosto de 1932 y noviembre de 1933, y en él Lahuerta firmó 36 artículos con los que buscó difundir su ideario político, especialmente entre el colectivo femenino, al que se dirigía buscando su movilización política.

El trabajo se centra en analizar los mencionados artículos de Carmen Lahuerta, que constituyen la fuente primaria esencial de esta investigación. El objetivo general es conocer las líneas discursivas y los argumentos que la militante radical proyectaba mediante su activismo político-periodístico para buscar la movilización del colectivo femenino. Además de la colección de El Radical, se contará como fuente primaria con su expediente de depuración disponible en el Archivo General de la Administración, así como con otras de menor relevancia para este estudio como, por ejemplo, La Gaceta de Madrid, el Boletín Oficial de la Provincia de Zaragoza o el Registro Civil. Ello permitirá aportar algún dato adicional sobre la biografía de la protagonista de la investigación.

Se busca en definitiva, rescatar del olvido la figura de una joven militante republicana y el pensamiento político sobre el nuevo rol ciudadano de la mujer que ella difundió a través de la prensa, en unos contextos local y partidista concretos, como eran la ciudad de Zaragoza y el Partido Republicano Radical.

segunda república | politización de las mujeres | prensa | partido republicano radical | Zaragoza

# JOAN FUSTER (1922-1992): PRODUCCIÓN PERIODÍSTICA Y RECEPCIÓN FUSTERIANA DESDE LA MEMORIA DE SUS LECTORES

**Josep Lluís Gómez Mompert**

josep.ll.gomez@uv.es

Universitat de València, ES

Joan Fuster (Sueca, 1922-1992) no sólo fue un gran intelectual y escritor prolífico valenciano sobre temas de cultura, historia y literatura, sino que se ganó la vida preferentemente como articulista de prensa. A lo largo de su trayectoria publicó más de cuatro mil artículos en periódicos y revistas sobre todo de Valencia, Barcelona y Madrid. A pesar de su cuantioso articulismo o ensayo breve periódico, su importante producción periodística ha sido poco estudiada. Los objetivos de la ponencia son, por un lado, contextualizar su obra periodística y las condiciones personales en las cuales las llevo a cabo, y estimar su alcance desde un amplio punto de vista político-cultural. Y, por otro lado, evaluar la repercusión de la periodística de Fuster, a la luz del recuerdo o la memoria de sus lectores activos; es decir, aquellos cuyo conocimiento de su escritura e interés por sus ideas, así como por el uso sociocultural o profesional que dichos receptores hicieron de las mismas, pueden calificarse de una recepción fusteriana.

Para el legado periodístico de Fuster se efectúa una revisión crítica de la bibliografía y documentación específicas existentes tanto en las bibliotecas valencianas como catalanas, así como en el centro Espai Joan Fuster, en su casa natal, junto a las investigaciones pasadas o recientes (Pérez Moragón, 1992, 2017, 2022a, 2022b y 2022c; Beltrán, 1993; Casasús, 1993; Furió, 1995; Roca, 2001; Roig Matoses, 2007; García Raffi, 2015; Pellisser, 2015, 2017 y 2018; Gómez Mompert 2021 y 2022; Cano, 2022a y 2022b; Domínguez, 2022; Marco, 2022; Tresserras, 2022) y las exposiciones (en especial "Joan Fuster en el seu temps", Centre del Carme Cultura Contemporànea, Valencia: 21/11/2022 – 19/03/2023) y actos académicos a raíz de su centenario (2022). Para la recepción fusteriana se emplea el método de la audiencia construida, mediante una encuesta anónima de opinión a dos centenares de personas lectoras del articulismo de prensa de Fuster, de diferentes edades y profesiones, todas ellas con estudios superiores del País Valenciano, Cataluña y las Baleares. Todos esos "lectores extremos" – como los calificaría Fuster (1993a: p. 97) – son conocedores de sus textos periodísticos, leídos en vida del autor y/o posteriormente, y opinan sobre la talla y personalidad del escritor, así como valoran las cualidades y características de su periodística, además de la repercusión e influencia de la misma.

Joan Fuster | periodismo | articulismo | recepción | lectores

## **NATÁLIA CORREIA À FRENTE DA VIDA MUNDIAL (1976-1977): A HISTÓRIA DA PRIMEIRA DIRETORA DE UMA NEWSMAGAZINE EM PORTUGAL**

**Carla Rodrigues Cardoso**

carla.cardoso@ulusofona.pt  
CICANT-Universidade Lusófona, PT

**Pedro Marques Gomes**

pedromarquesgomes@gmail.com  
ESCS-IPL/ Universidade Lusófona/HTC-NOVA FCSH, PT

Natália Correia (1923-1993) foi uma escritora, poetisa e política que marcou a segunda metade do século XX português. Feminista, intelectual empenhada política e socialmente, opôs-se publicamente à ditadura do Estado Novo. Ao longo da sua vida, antes e depois da Democracia se ter instalado em Portugal, tomou posições e proferiu declarações frequentemente controversas e polémicas. O bar que fundou em 1971 - o Botequim - foi palco de tertúlias onde se encontravam alguns dos maiores intelectuais daquela época. Colaboradora frequente de jornais, revistas e autora de programas de televisão, Natália Correia foi também a primeira mulher diretora de uma newsmagazine em Portugal (sendo necessário esperar 40 anos para surgir a segunda). É a 6 de maio de 1976 que assume a direção da Vida Mundial, a primeira newsmagazine moderna. Com origem num jornal homónimo, o título consolidado no mercado comemorara nove anos no dia anterior e tinha estado seis meses suspenso, fruto da instabilidade política que assolava o país. Com Natália Correia alteram-se grafismo e conteúdos e renova-se a redação. Vida Mundial “ressurge com a intenção declarada de ser uma revista de opinião”, afirma, no seu primeiro editorial, prometendo “devolver a dignidade à aviltada cultura portuguesa”. O período em que a escritora esteve à frente da newsmagazine foi curto, mas político e socialmente intenso, ficando marcado por acontecimentos determinantes do processo de institucionalização da democracia. Desde logo, o rescaldo das eleições legislativas e da aprovação da Constituição. Depois, três outros atos eleitorais que se realizam, pela primeira vez em Portugal, de forma livre, por sufrágio direto e universal: eleições presidenciais, regionais e autárquicas. Como pano de fundo, os portugueses atravessavam uma grave crise económico-financeira. Natália Correia despede-se dos leitores de Vida Mundial a 20 de janeiro de 1977, garantindo que a “saída da cena jornalística” não a remete ao silêncio, que considera “cúmplice com as afrontas que lesam os homens e a cultura que os integra numa pátria”. Nesta comunicação analisamos as alterações introduzidas por Natália Correia na Vida Mundial e focamo-nos na voz da poetisa que ecoa semanalmente nos 38 editoriais que assina, recorrendo aos pressupostos teórico-metodológicos da Análise Crítica do Discurso. Procuramos, assim, contribuir para um melhor conhecimento da história dos media neste período e aclarar as marcas deixadas pela primeira mulher a dirigir uma revista semanal de informação geral em Portugal.

Natália Correia | newsmagazine | Vida Mundial | Portugal

## **CONFLITOS E REIVINDICAÇÕES NO SETOR DE INFORMAÇÃO EM PORTUGAL: O VINTÉNIO FINISSECLAR NOVECENTISTA**

**Marco Gomes**

gomes\_marco78@hotmail.com

Instituto Politécnico de Leiria & CEIS20 – Universidade de Coimbra, PT

Esta proposta de comunicação pretende abordar o percurso dos jornalistas portugueses enquanto grupo profissional nas décadas de 80 e 90 do século XX, procurando descrever os principais conflitos e reivindicações que emergiram no contexto da imprensa escrita, televisão e rádio. O objeto de estudo é analisado a partir de cinco propósitos: a) identificar os conflitos surgidos no âmbito dos órgãos de informação em Portugal (dimensão profissional); b) caracterizar a relação dos jornalistas com o poder político (dimensão política) e as suas reivindicações; c) caracterizar a relação dos jornalistas com o mercado (dimensão económica); d) compreender como este grupo profissional interage e percebe o público (dimensão social); e) identificar qual a missão do próprio jornalista no contexto de uma perspetiva de classe (dimensão cultural). O objetivo consiste em coligir testemunhos de experiências que possam contribuir para essa História do jornalismo em Portugal nesse período finisseclar, designadamente no que respeita aos conflitos e reivindicações protagonizadas pelos jornalistas do ponto de vista político, económico, social e cultural. Metodologicamente, o meta-discurso sobre o jornalismo é costurado, por um lado, através de entrevistas com o intuito de recuperar a memória de jornalistas que exerceram a profissão no período considerado e, por outro, tendo como ponto de partida documentação de arquivo do sindicato dos jornalistas (atas) e alguns importantes trabalhos sobre o tema (Correia e Baptista, 2007, 2010; Figueira, 2009; Garcia, 2009; Meireles, 2007; Oliveira, 1987; Rebelo, 2011; Sobreira, 2003). Sabe-se que o crescimento exponencial do número de jornalistas portugueses ocorre entre o período de transição para a democracia e meados da década de 2000 (Baptista, 2012; Garcia, 2009). Sabe-se, também, que as décadas de 80 e 90 fazem emergir aspetos como o declínio do jornalismo marcadamente ideológico-doutrinário, a emergência de um modelo informativo assente na lógica comercial, o desenvolvimento de projetos empresariais, dinâmicas de concentração e a participação de capitais estrangeiros (Garcia, 2009). É sobre este enquadramento da classe profissional que importa identificar quais as principais tensões e lutas por posições.

jornalistas | jornalismo | conflitos | reivindicações | Portugal

## **LA REPRESIÓN ECONÓMICA DE LA PRENSA REPUBLICANA DURANTE EL FRANQUISMO, LOS CASOS DE LA SOCIEDAD EDITORA UNIVERSAL Y LA SOCIEDAD EL DILUVIO**

**Gil Toll**

gil.toll@uab.cat

Universitat Autònoma de Barcelona, ES

La represión económica de la Prensa republicana no terminó con la incautación de los periódicos por Falange Española a medida que las tropas franquistas conquistaban territorios durante la guerra civil. Mientras periodistas y editores salían al exilio o eran encarcelados en España, las sociedades editoras permanecían vivas y sin actividad con la que poder hacer frente a sus obligaciones económicas. Esta comunicación trata el caso de la Sociedad Editora Universal, propietaria de Heraldo de Madrid, El Liberal de Madrid, El Liberal de Sevilla, El Liberal de Murcia, El Defensor de Granada y la Modas Práctica. También se ocupa de la Sociedad El Diluvio, que editaba el periódico del mismo nombre de Barcelona. Las dos sociedades tenían conexiones familiares de sus propietarios, aunque no había vínculo societario. La comunicación explicará la situación en que se encontraron estas sociedades, su lucha por la supervivencia y la recuperación de los activos incautados, que no llegó a producirse.

prensa española | guerra civil | represión franquista



## **LOS SUMARÍSIMOS DE URGENCIA. UNA FUENTE ALTERNATIVA PARA ESTUDIAR LAS DEPURACIONES EN PRENSA Y RADIO**

**Victor Úcar Rivases**

victorucar@gmail.com

Universidad Complutense de Madrid, ES

La depuración de periodistas durante la posguerra no es un objeto de estudio novedoso ni original dentro del campo de investigación de las ciencias sociales y la comunicación. Son muchos los autores y diversas las obras que han reflejado de alguna manera esta práctica punitiva en estudios generales sobre la represión ejercida por el franquismo sobre los profesionales de la información. Raro es el libro sobre la historia de la prensa y el periodismo en España que no haga mención a ello en los capítulos encargados de abordar el desarrollo de este oficio durante la guerra y la dictadura. De hecho, muchos de estos autores han utilizado en sus publicaciones testimonios y memorias de periodistas que sufrieron el proceso en primera persona y narraron después su experiencia. Sin embargo, también resulta poco habitual encontrar en esas publicaciones un análisis profundo e integral sobre el proceso depurativo. Al realizar una búsqueda exhaustiva se constata que la bibliografía específica sobre el fenómeno es prácticamente nula y el acceso a las fuentes primarias para estudiarlo no es nada sencillo. El paso de los años, la transferencia de documentos entre archivos, su dispersión y su escasa identificación, así como la probable desaparición de parte de ellos, supone un claro obstáculo para la investigación.

El reto todavía es mayor al tratar de rastrear este fenómeno en el sector de la radiodifusión. La preponderancia de Unión Radio dentro de esa parcela hasta el momento del golpe militar de julio de 1936 hace que todas las miradas en materia de depuración de este colectivo se dirijan hacia la que fue la primera empresa radiofónica española y, en concreto, al Consejo de Administración restablecido en ella por los sublevados a partir del 1 de abril de 1939. Este consejo puso en marcha, poco después, un proceso que afectaría a más de un centenar de empleados de una compañía que desde agosto de 1940 pasó a denominarse como la conocemos hoy: Sociedad Española de Radiodifusión (SER). Pero, ¿dónde están los expedientes de depuración que podrían despejar cómo funcionó en dicha entidad ese procedimiento represivo?

Ante la opacidad el desinterés de un archivo privado –el de la Cadena SER- que conserva documentación que podría despejar alguna duda sobre las depuraciones en su emisora principal, la de Madrid, esta propuesta de comunicación plantea una aproximación a cómo funcionó el proceso a nivel cualitativo y un acercamiento preliminar a algunos de sus protagonistas a partir del análisis de una veintena de juicios sumarísimos a los que estos profesionales fueron sometidos. A través de ellos se han podido conocer, entre otras cosas, la identidad del juez instructor de los expedientes, la normativa concreta de depuración que se aplicó a la compañía y alguno de los métodos empleados. Se trata, por tanto, de una propuesta metodológica que reivindica el uso de la documentación de los Tribunales Militares Territoriales (en este caso, el Tribunal Militar Territorial nº 1 por tratarse de Madrid) para despejar las incógnitas que rodean este fenómeno en el sector radiofónico.

radio | depuraciones | franquismo | represión | sumarísimos

## **SINDICATOS DEL SERVICIO PÚBLICO: LAS LUCHAS DE LOS TRABAJADORES DE RTVE EN EL FINAL DEL MONOPOLIO AUDIOVISUAL (1982-1989)**

**Pablo Berdón-Prieto**

berdon92@gmail.com

Universidad de Valladolid, ES

Con la llegada al poder de Felipe González en 1982 se abrió también una nueva etapa en RTVE influida por el poder del Gobierno para nombrar a los máximos dirigentes del ente público. Este cambio de paradigma en el ente público parecía suponer que los trabajadores tendrían un mayor peso en las decisiones de gestión de RTVE debido a la identidad del PSOE y a sus estrechas relaciones con la Unión General de Trabajadores (UGT). Además de este sindicato, Comisiones Obreras (CC.OO.) y la Asociación Profesional Libre e Independiente (APLI) también fueron ganando adeptos en las distintas sedes del ente público, lo que provocó un reparto a tres de la alta representación de los trabajadores en RTVE.

De forma paralela, en este periodo fueron aumentando las críticas a la radio y la televisión públicas por diversos motivos como el tamaño de su estructura, las grandes cifras presupuestarias que manejaban o el excesivo control político que existía. Este estado de opinión entre otras cuestiones provocó que la televisión privada pasara de ser un anhelo de unos pocos a una reclamación de toda la sociedad y a una realidad en 1990. En este entorno, los trabajadores del ente público, acostumbrados a la tranquilidad que suponía pertenecer a una empresa de titularidad pública que controlaba el mercado tuvieron que ir encajando los nuevos cambios que iban llegando a RTVE en la transición al modelo competencial.

Esta investigación se marca como objetivo conocer cómo las centrales sindicales que operaban dentro de RTVE vivieron estos últimos años de monopolio televisivo, cuáles fueron sus principales reclamaciones y qué iniciativas tomaron para ganar influencia en RTVE. Para ello, se ha llevado a cabo una revisión hemerográfica de tres de los principales medios escritos de la época (El País, ABC y La Vanguardia), se ha entrevistado a dirigentes sindicales de la época y se han estudiado los boletines informativos que editaban los propios sindicatos de RTVE. Los resultados demuestran que la lucha sindical dentro de RTVE se centró en la mejora de las condiciones de los convenios colectivos anuales, pero que según avanzó el periodo de estudio, las rígidas condiciones previas que se iban marcando desde el Ejecutivo dificultó que se llegara a acuerdos siendo cada vez más difíciles las relaciones dirección-trabajadores. El punto álgido de esta tensión se vivió con la huelga general del 14 de diciembre de 1988, en la que el corte de la señal de RTVE instigó al resto del país para que secundara el parón de forma generalizada, y en las huelgas parciales de RTVE en 1989, que fueron consecuencia del éxito de los sindicatos el 14D.

televisión | sindicalismo | socialismo | huelga

# **INTERVENÇÃO POLÍTICA E PROPAGANDÍSTICA NA COMUNIDADE LUSO-AMERICANA DA NOVA INGLATERRA (1927-1973)**

**João Rodrigues**

joadanielrodrigues19@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, PT

A proposta de comunicação insere-se no decorrer do doutoramento em História, iniciado em 2021 e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. No sentido lato, pretende-se compreender a intervenção política e o pensamento ideológico dos membros mais ativos da comunidade luso-americana da Nova Inglaterra, a partir sobretudo de uma fonte hemerográfica, o Diário de Notícias (New Bedford, 1927-1973). Esta investigação tem como objetivos gerais destacar o papel político dos luso-americanos no contexto da história política portuguesa, aproximando-a do país de origem, e contribuir para uma maior inclusão e coesão social desta comunidade pelo aprofundamento, a partir de uma análise histórica, das suas componentes políticas, ideológicas e propagandísticas.

A principal tarefa do projeto consiste no levantamento analítico do periódico de New Bedford. A análise metodológica da fonte principal, o órgão Diário de Notícias, privilegia a coexistência de uma abordagem quantitativa e qualitativa e de uma perspetiva cronológico-temática quanto aos aspetos político-ideológico e propagandístico. No que concerne à análise de conteúdo, adotar-se-á sobretudo uma metodologia extensiva e estratégias intertextuais devido à extensão da fonte hemerográfica e à diversidade textual, temática e de autores.

Elaborou-se um levantamento dos artigos político-ideológicos, identificando os autores, as ações e principais linhas programáticas, tomando particular atenção aos momentos de mudança e de rutura na política portuguesa. Para esta comunicação propõe-se analisar detalhadamente o período da implantação da Ditadura Militar e da consolidação do Estado Novo até à Guerra Civil Espanhola, especialmente marcado por debates de opinião nas páginas do periódico, cujas correntes políticas pretendemos destacar: uma liberal e republicana (opositora da ditadura) e outra nacionalista (sua apoiante). Também o envolvimento da comunidade noutros períodos políticos – o de contestação à ditadura desde o final da II Guerra Mundial às candidaturas Presidenciais de Norton de Matos e de Humberto Delgado em 1949 e 1958, respetivamente, o da radicalização das oposições nos inícios dos anos 60 e o da Guerra Colonial – será também analisado no decorrer do projeto de doutoramento.

A ação da oposição desenvolveu-se na região da Nova Inglaterra e iniciou-se desde a implantação da Ditadura Militar em Portugal. Nos primeiros anos da publicação do periódico, um dos articulistas e redator principal do órgão, o jornalista republicano Domingos Ferreira Martins, escreveu dezenas de artigos de oposição ao novo regime ditatorial. No entanto, as fileiras da oposição luso-americana foram engrossadas com a chegada de alguns exilados políticos, como os já mencionados José Rodrigues Miguéis e João Camoesas. Este último liderou mesmo a campanha contra a ditadura a partir de 1929, promovendo a criação de uma rede de opositores, publicando um conjunto de obras e folhetos e dinamizando ações de propaganda em diversas associações republicanas e liberais. O Diário de Notícias, o órgão mais lido pela comunidade luso-americana e o mais plural, funcionou como a principal plataforma de divulgação de artigos de oposição, assim como de apoio à ditadura em Portugal.

política | ideologia | Nova Inglaterra | Estado Novo | Diário de Notícias

## **EL PERIODISMO DE LAS PERIFERIAS. REESCRIBIENDO SU HISTORIA DESDE LA PRENSA SATÍRICA ANDALUZA (SIGLO XIX)**

**María Eugenia Gutiérrez-Jiménez**

megutierrez@us.es

Universidad de Sevilla, ES

Este texto apuesta por reescribir la historia del periodismo satírico de mediados del siglo XIX desde la identificación de los rasgos divergentes en el contexto de producción y de recepción de títulos satíricos andaluces de gran aceptación social, valorando principalmente el uso de la imagen satírica en la construcción de la actualidad y las vías de popularización del mensaje. Desde el cuestionamiento de la perspectiva centralista con la que se ha escrito la Historia del Periodismo Andaluz, emprendemos la revisión de su producción impresa gráfico-informativa de mediados del siglo XIX para, desde el análisis cultural de la prensa satírica andaluza con caricaturas, identificar lo que hay de "contramodelo" en su organización editorial. De modo que se analizarán las singularidades del contexto de producción y de recepción de estos productos gráfico-informativos a partir de la sustitución de la tesis del "atraso andaluz" por la premisa de investigación que considera Andalucía como una de las periferias periodísticas en España y valorando la operatividad económica y la utilidad social de los rasgos divergentes en tal producto.

Esta propuesta de comunicación se ubicaría en uno de los temas paralelos, en concreto, en aquel que se centra en los estudios metodológicos y teóricos sobre la Historia de la Comunicación.

historia del periodismo | revisión crítica | Andalucía | periferia | divergencia | operatividad

# **PODER Y COMUNICACIÓN EN TRANSICIÓN. UN ABORDAJE TEÓRICO DE LA RELACIÓN ENTRE EL PODER Y LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN EN LA TRANSICIÓN ESPAÑOLA**

**Daniel Moya López**

damopez@gmail.com

Universidad de Sevilla, ES

Este resumen plantea la propuesta de comunicación de abordar desde la teoría de qué manera se relaciona el poder y los medios de comunicación, con una aplicación específica en un contexto de democratización como el que hubo lugar en España entre los años 1975 y 1982. La relación existente entre la estructura mediática y la estructura de poder ha suscitado diversos debates, lo que lleva a pensarlas desde un enfoque estructural -por ejemplo, a través de la Economía Política de la Comunicación, véase Mosco (2006)-, entendiendo el poder como un nodo multifactorial: poder político, poder económico, poder mediático, y otros actores coyunturales.

Así, desde un enfoque estructural, el abordaje teórico acerca de las relaciones entre el poder y lo mediático lleva a comprender diversos factores. En este caso, se alude específicamente a las contribuciones teóricas de la Historia del Periodismo y la Estructura de la Información, dos campos de estudio que poseen notables sinergias entre sí. El objetivo es construir una base teórica común que permita tener unas bases principales para la realización de otras investigaciones que partan desde la comprensión del periodismo, también en su visión histórica, como un actor estrechamente vinculado al poder y con un rol, como el que exponen Laguna y Martínez-Gallego (2015), de perpetuación de la hegemonía. Se propone, pues, una mirada crítica desde la teoría y a la teoría sobre los medios de comunicación, especialmente desde la Historia del Periodismo, al entender que un medio de comunicación es un ente complejo en el que intervienen factores distintos como la propiedad, la política o la publicidad (Reig, 2015). Se trata de una relación de ayuda mutua entre dos campos de estudios que permitirá entender cómo los medios de comunicación se sitúan dentro de la estructura de poder y cómo este hecho debe ser un elemento indispensable a la hora de hacer uso de ellos como actores en un contexto histórico, pero también como fuente hemerográfica, al que aplicar concretamente las precauciones que ya señalaran, entre otros estudios, González García y Pérez Yglesias (1990). Además de todo ello, se requiere la construcción de un fuerte contexto y del establecimiento de unas líneas base desde el estudio historiográfico del acontecimiento histórico concreto. Bien pudiera ser el de esta propuesta, la Transición Española. Ello lleva a tener en consideración aportes teóricos procedentes de las ciencias políticas, la filosofía o el derecho, entre otros, de manera que se pueda entrelazar y estructurar un marco teórico que encauce la problemática de investigaciones centradas en las relaciones entre el poder y los medios de comunicación.

poder | medios de comunicación | transición española | historia del periodismo | estructura de la información

# PROPUESTA METODOLÓGICA PARA LA APROXIMACIÓN HISTÓRICA A LA TELEVISIÓN COMO MEDIO DE COMUNICACIÓN SOCIAL MEDIANTE FUENTES PRIMARIAS

**Tamara Antona**

tamaanto@ucm.es

Universidad Complutense de Madrid, ES

Los estudios de la programación dan sentido a los television studies y por ello deberían constituir una meta de las investigaciones históricas. En las aportaciones académicas centradas en la política o en cuestiones de género, la televisión no constituye el tema central de investigación: es sólo un mero canal que otorga ciertas particularidades a sus productos. La aproximación a la historia de la televisión tiene, además, diversos puntos de partida, pero que, esencialmente se centran en las siguientes: aproximaciones técnicas, político sociales, económicas o basadas en cuestiones generales de aspectos generales del medio como programas concretos o tipos de emisiones.

Pero, la televisión como medio social de masas requiere, al menos, una aproximación a su historia que trate de comprender el medio por sí mismo. O lo que es lo mismo, analizar los mensajes que lanza el medio, recuperados a través de fuentes primarias. Para esto, es necesario acudir a la programación: qué contenidos, como se organizaban y qué peso tienen en el diálogo que las cadenas mantienen con sus audiencias. El planteamiento de la programación como objeto de estudio no es simplemente una proposición teórica. A lo largo de estos cerca de setenta años de historia, los investigadores la han considerado como un elemento clave en las investigaciones que, aun pretendiendo lograr diferentes objetivos, cuentan con esta premisa común: la programación es una la herramienta clave para conocer el medio sobre el que estaban trabajando. Esta comunicación tiene el objetivo de presentar una propuesta metodológica en la que se aborde de forma sistemática la historia de la televisión. Esta metodología no es una mera proposición teórica: ya se ha utilizado de forma eficaz en las reconstrucciones históricas del medio en España, por lo que se determina que su utilidad está ampliamente verificada. La misión final es ponerla a disposición de la comunidad científica a fin de que se pueda extender su uso para abordar este medio.

historia de la televisión | programación | programas

# **LA INVESTIGACIÓN UNIVERSITARIA EN HISTORIA DE LA COMUNICACIÓN EN ESPAÑA A TRAVÉS DE LA PRODUCCIÓN DE DOCUMENTOS CIENTÍFICOS ENTRE 2007 Y 2018**

**Carlos Lozano Ascencio**

carlos.lozano@urjc.es

Universidad Rey Juan Carlos, ES

**Yanet Acosta Meneses**

myanet.acosta@urjc.es

Universidad Rey Juan Carlos, ES

Objetivos del estudio: revisar los documentos científicos más relevantes por su nivel de legitimación académica y en los que se plasma la investigación en las universidades españolas relacionada con la Historia de la Comunicación.

Métodos/metodología de investigación: Aprovechando las bases de datos del Programa MapCom se han seleccionado 428 documentos (21 artículos publicados en revistas indexadas; 16 comunicaciones a congresos de la AE-IC; 26 proyectos I+D y 365 tesis doctorales) y análisis de contenido de dichos documentos a través de un protocolo que articula variables de registro, perspectiva y, sobre todo, de metodología (metainvestigación).

Resultados: Investigar en Historia de la Comunicación tiene muchas características similares, a pesar de que los documentos analizados pertenezcan a distintos niveles de complejidad de la carrera investigadora: los métodos de investigación son, fundamentalmente, análisis de documentos (contenido, documentación y discurso); la autoría se divide prácticamente al 50% entre hombres y mujeres; la mediática es la principal tipología comunicativa en donde se ubican sus objetos de estudio.

Conclusiones: En lo que atañe a objetivos de investigación se prima la descripción y la explicación antes que la evaluación y la intervención; la comunicación mediática es hegemónica, antes que la organizacional como tipología comunicativa de los objetos de estudio; el análisis de contenido y de discurso predominan sobre otros métodos de investigación, como las encuestas y la experimentación.

metainvestigación en comunicación | historia de la comunicación | producción científica

# NARRAR LA HISTORIA EN IMÁGENES. UNA APROXIMACIÓN AL DOCUMENTAL FEMINISTA

**Almudena Mata-Núñez**

amnunez@us.es

Universidad de Sevilla, ES

**María del Mar Ramírez Alvarado**

delmar@us.es

Universidad de Sevilla, ES

Nominada a Mejor película documental en los Premios Goya 2023, la película *A las mujeres de España. María Lejárraga* (Laura Hojman, 2022) rescata la vida y obra de María de la O Lejárraga (1874), una escritora que vivió profesionalmente a la sombra de su marido, ya que utilizó su nombre como pseudónimo para poder publicar en una España en la que las mujeres no tenían permitido ocupar el espacio público. Partiendo de la temática del documental, se pretende explorar la relación entre imagen y memoria, ya que, como explica Sontag, las imágenes fijas, en este caso, las fotografías, «muestran a las personas allí y en una época específica de la vida, de un modo irrefutable, agrupan gente y cosas que un momento después ya se han dispersado, cambiado, siguen el curso de sus autónomos destinos» (2007, p. 105). Así, se considera que la construcción de la memoria colectiva se apoya en las imágenes fijas y en movimiento obtenidas del pasado. En la investigación, se plantean preguntas tales como «¿Qué tipo de imágenes emplea el documental feminista?», «¿Cómo narran los productos audiovisuales la historia de las mujeres?» o «¿Cómo puede el documental audiovisual servir como herramienta para la reparación de la memoria histórica?». A partir de la metodología empleada en trabajos previos (Mata-Núñez, 2023; Parejo, 2012) se pretende analizar las imágenes que configuran el documental *A las mujeres de España. María Lejárraga* con el fin de averiguar el tipo de configuración visual en la que se apoya el cine documental feminista. Se trata de un trabajo aún en desarrollo en el que se espera determinar que las imágenes de archivo, sobre todo las fijas, son el elemento que aporta realismo al relato de la vida de María de la O Lejárraga. En especial, habrá que prestar atención a la presencia de la fotografía, pues cuentan con un estatuto de veracidad que las convierte en conservadoras de la memoria y, por tanto, en un material valioso para contar historias que habían estado ocultas, sobre todo, las de las mujeres. En este sentido, encontrar esas imágenes del pasado es imprescindible para narrar la vida de las mujeres que durante tantos años han estado silenciadas, por lo que tanto la fotografía como el vídeo devienen en un instrumento de alto valor para la lucha política. De este modo, el trabajo de la reparación feminista de la memoria histórica se basa en gran medida en la importancia de la investigación en archivos para conseguir las imágenes que ilustran el discurso audiovisual.

feminismo | cine documental | memoria histórica | imagen



## **GÊNESE DO JORNALISMO DA NOVA GRANADA**

### **Antonio Hohlfeldt**

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, BR

### **Eduardo Comerlato**

educomerlato@hotmail.com

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, BR

Desde a primeira prensa, aparentemente disponibilizada a partir de 1738, até 1810, quando surge o primeiro jornal revolucionário e independentista de Antonio Nariño, a história da imprensa da Colômbia - então o Reino da Nova Granada - é bastante movimentada e segue, fundamentalmente, as características das demais imprensas de outros vicerreinos, como México, Guatemala, Cuba, Peru, etc. Estas publicações, ao mesmo tempo em que divulgam um nascente pensamento regional e identitário, auxiliam na formação de um sentimento nativista que colaborará, mais tarde, na eclosão dos movimentos independentistas.

história conectada da imprensa latino-americana | história do jornalismo da Colômbia | jornalismo comparado

# LA ANALOGÍA COMO ESTRATEGIA DE PERSUASIÓN EN EL SISTEMA PROPAGANDÍSTICO DE CARLOS V (1516-1556)

**Carlos Jesús Sosa Rubio**

carlosjsosa@gmail.com

Universidad Loyola, ES

Pocos recursos cuentan con una capacidad evocadora más poderosa que la analogía, definida por el profesor Philippe Breton como “el establecimiento casi directo de una correspondencia entre una opinión propuesta, que conforma la primera parte de la analogía, y una situación análoga previamente aceptada por la audiencia”.

A lo largo de la historia, y en especial de la historia de la comunicación y de la propaganda, este recurso se ha configurado como una de las estrategias persuasivas más claras de que han dispuesto los diferentes sistemas de gobierno, en especial por parte de quienes buscaban fortalezas legitimadoras en el pasado, en la mitología o en los textos sagrados; y para constatarlo basta analizar someramente las técnicas empleadas por gobernantes de todas las épocas, caracteres y latitudes.

El emperador Carlos V, que reinó en España como Carlos I, no fue una figura ajena a esta constante. Su propia coronación como Rey de Romanos en Aquisgrán (1520) actuaba como línea de conexión con el mítico Carlomagno, y era ungido con óleos en el transcurso de un rito que retrotraía a los presentes hasta el reinado de David. Para su coronación imperial (1530), Bolonia se transformó en una suerte de Roma rediviva, mientras que las obras de arte originadas en las dos décadas siguientes permiten trazar líneas analógicas con Marco Aurelio, Julio César, Augusto e incluso con figuras míticas como Eneas, Júpiter o Hércules, entre otros.

Esta comunicación consta de dos partes fundamentales: en la primera, describiremos muy brevemente el sistema de comunicación carolino, de acuerdo con el modelo que trazamos, y el papel que en él juegan tanto la analogía como el resto de recursos analógicos (ejemplos, metáforas, modelos y antimodelos, etc.). Seguidamente abordaremos su definición y estableceremos algunos tipos, aplicando técnicas inductivas, que proyectamos en las creaciones artísticas, cronísticas o literarias que vieron la luz, especialmente, en el periodo comprendido entre la intitulación del Habsburgo como rey de Castilla (1516) y el acto final de abdicación en Bruselas (1556).

La metodología aplicada será fundamentalmente la Kulturgeschichte o Historia de la Cultura (Jacob Burckhardt), que considera el arte como un eslabón de ésta, y por tanto aborda las creaciones desde el espíritu de la época, relacionando lo político, lo literario y lo cultural.

analogía | Carlos V | Habsburgo | propaganda | comunicación | estrategia | historia de la comunicación | iconografía | iconología

# **UNA APROXIMACIÓN A LAS RELACIONES ENTRE LA PRENSA DE LA ISLA DE LA PALMA Y LA MASONERÍA DURANTE EL RÉGIMEN DE LA RESTAURACIÓN. EL CASO DEL SEMANARIO ¡VERDÚN! (1917-1919)**

**Juan José Rodríguez**

jjrodriguez.lewis@gmail.com

Universidad de Valladolid & Real Sociedad Cosmológica de Santa Cruz de La Palma, ES

Con algunos antecedentes durante el Trienio Liberal (1820-1823), la masonería se instaló en la isla de La Palma con el advenimiento del régimen de la Restauración en 1875. No obstante, como ha estudiado con profundidad Manuel de Paz Sánchez, apenas fueron tres las logias que se constituyeron en la isla: dos en la primera época del régimen: Abora n. 91 (1875-1900) e Idate n. 124 (1891-1996) y otra más, como continuación o reorganización de la primera, Abora n. 331 (1911-1923), en las postrimerías del mismo. Algunos de los principales directores de periódicos eran o fueron masones, y una cohorte importante de periodistas que ejercieron de redactores (o colaboradores) también lo fueron (José Acosta Guion, Pedro J. de las Casas Pestana, Vicente García Camacho, Luis F. Gómez Wangüemert, José E. Guerra Zerpa, José Manuel Hernández de las Casas, Sebastián Arozena Henríquez, César Martínez Barreda, Francisco Morales Duque, Antonio Pérez Linares, Juan José y Manuel A. Rodríguez Hernández, Antonio Cabrera de las Casas, Andrés Rodríguez Méndez, Antonino Pestana Rodríguez, Luis J. Vandewalle y Quintana, Juan Vidal Cabrera, Antonio Ramos y Ramos, Domingo Pestana Lorenzo, Alonso Pérez Díaz, Juan Martín Pérez, José Lozano Pérez, Siro González de las Casas, los hermanos Félix y José Wangüemert y Poggio, Antonio Pérez Linares, José Manuel Méndez Ortega, etc.). Prensa masónica está claro que no hubo, pero sí que hubo periódicos elaborados por masones, algunos de forma destacada (El Eco, El Fomento, El Convenio, Diario de Avisos, El Noticiero, El País, Liberal de La Palma, La Defensa o Germinal). La comunicación pretende actualizar el catálogo de periodistas palmeros, o de quienes colaboraban con asiduidad en la prensa, que profesaron el compromiso masónico, señalar los periódicos en cuya redacción predominó este componente, cuál era la tendencia de estos y si aquel influyó de algún modo en los temas que insertaron o se debatieron en sus páginas o incluso en su línea editorial. Como ejemplo paradigmático, analizamos el semanario ¡Verdún!, cuya redacción era mayoritariamente masona (Domingo Pestana Lorenzo, Andrés Rodríguez Méndez, Juan Martín Pérez, Antonio Ramos y Ramos, etc.) y que circuló en la isla entre 1917 y 1919

masonería y prensa | prensa palmera | masonería canaria | ¡Verdún!

## **LA RECONSTRUCCIÓN DE LA MEMORIA DEL EXILIO Y DE LOS CAMPOS DE INTERNAMIENTO A TRAVÉS DE LAS REDES SOCIALES E INTERNET**

**Juan Carlos Sánchez Illán**

jcsanche@hum.uc3m.es  
Universidad Carlos III de Madrid, ES

**José Vicente García Santamaría**

jvicente.santamaria@telefonica.net  
Universidad Carlos III de Madrid, ES

A través del trabajo de campo que venimos realizado sobre la memoria de los descendientes del masivo exilio republicano español en Francia, así como de los cientos de republicanos que acabaron internados en el gulag soviético, hemos podido observar un fenómeno histórico y memorial muy llamativo y singular. Tras el silencio forzado, traumático y quizá lenitivo de la primera y segunda generación del exilio y de los campos de concentración, los nietos y bisnietos se están organizando, gracias a las las redes sociales e internet, para compartir experiencias y buscar respuestas acerca de episodios muy poco conocidos y de los que apenas existen fuentes documentales. Es evidente que se trata de crear núcleos de solidaridad e identidad compartida, ante el vacío que sentían por la falta de transmisión oral o documental por parte de sus padres y abuelos. Nos ha sorprendido también que esta búsqueda de una identidad perdida afecte a un grupo social tan numeroso y variado, tanto en Francia como en España. En esta aportación se presentará el estado de la cuestión y las nuevas líneas de trabajo que estamos investigando sobre esta problemática histórica.

memoria histórica | exilio | campos de concentración | redes sociales e internet

# **DICK FULMINE Y ROBERTO ALCÁZAR Y PEDRÍN: ¿LOS CÓMICS AL SERVICIO DE LOS REGÍMENES FASCISTAS Y FRANQUISTAS?**

**Andrea Donofrio**

adonofri@ucm.es

Universidad Complutense de Madrid, ES

**Ángel Luis Rubio Moraga**

angel.l.rubio@gmail.com

Universidad Complutense de Madrid, ES

Dick Fulmine, oficial italoamericano encubierto de la policía de Chicago, apareció publicado por primera vez en 1938; Roberto Alcázar, intrépido aventurero español y agente de la Interpol, fue creado en 1940, contando desde sus primeras apariciones con la colaboración de Pedrín. El primero, con una referencia fisiognómica similar a la iconografía popular y propagandista de Benito Mussolini y a la del boxeador campeón del mundo Primo Carnera, era un superhéroe que luchaba contra el crimen defendiendo a los italianos en dificultades de las persecuciones de individuos sórdidos, cobardes y traidores; Roberto Alcázar, cuya forma de vestir responde al patrón estético del señor formal de su época y que tenía un parecido importante con Primo de Rivera - aunque desmentido categóricamente por su autor-, cazaba criminales por todo el mundo, enfrentándose a gánsteres, científicos locos e incluso a los monstruos clásicos del estudio cinematográfico estadounidense Universal Pictures. El objetivo de esta ponencia es realizar una comparativa entre dos personajes de historietas, presentando algunos de los elementos comunes y diferenciadores de ambas. Al mismo tiempo, se pondrá de manifiesto si a través del cómic, el régimen fascista y el franquista intentaron promocionar los elementos ideológicos característicos de cada uno de ellos -como el nacionalismo, el tradicionalismo, el racismo o la visión de la familia, entre otros-. De esa forma, el estudio pretende demostrar que ambos regímenes han recurrido a este formato, conscientes de su potencial e importancia, para difundir sus consignas y exaltar la visión del "hombre" que se promovía en los respectivos países. Desde el punto de vista metodológico, se hará un análisis de los cómics publicados a finales de los años treinta, poniendo el acento en los mensajes que se pretendían difundir en sus páginas. Asimismo, se consultará la bibliografía publicada sobre los dos cómics en los dos países de interés de nuestra investigación. Concluyendo, se trata de dos cómics de aventuras que tuvieron gran éxito en Italia y en España y que permiten conocer no solo los gustos de la época, sino que sobre todo tienen un gran interés sociológico, cultural e ideológico. El resultado de la investigación, que presenta un enfoque comparativo especialmente original, será demostrar cómo recurriendo a su particular y peculiar lenguaje, a la inmediatez de la imagen y al gusto del público más joven, el cómic consiguió permear a la sociedad con sus valores y promocionar una visión idealizada de los elementos idiosincrásicos del régimen fascista y del franquista.

cómic | Dick Fulmine | fascismo | franquismo | Roberto Alcázar y Pedrín

## **LA MEMORIA HISTÓRICA EN EL DOCUMENTAL: EL SILENCIO DE OTROS (CARRACEDO Y BAHAR, 2019)**

**María Isabel Menéndez Menéndez**

mimenendez@ubu.es  
Universidad de Burgos, ES

**Llucía Menéndez Menéndez**

lmenendez@ubu.es  
Universidad de Burgos, ES

“Las políticas de la memoria (en sus diversas manifestaciones como el duelo, la nostalgia, la conramemoria y el olvido) se han convertido en un lugar de lucha para la definición cultural de España en el largo periodo que va desde la dictadura hasta la democracia” (Colmeiro 2011: p. 24). En este contexto, los productos audiovisuales pueden construir memoria, pero pueden hacerlo desde la complicidad con la historia oficial, desde el recordatorio de los hechos o desde el punto de vista de la reparación (Rosenstone 2005: p. 102) y la importancia de las obras no es quizá la precisión de los detalles históricos sino la forma que escogen para representar el pasado (Rosenstone 2005: p. 106). Así, la memoria colectiva puede concebirse como “el resultado de una construcción y reconstrucción sucesiva por parte de los sujetos” y la televisión y el cine van a ser fuentes esenciales para la construcción del imaginario social (Gutiérrez y Sánchez 2005: 152).

La presente comunicación se interesa por el documental *El silencio de otros* (Almudena Carracedo y Robert Bahar con la producción de El Deseo), que se alzó con el Goya a la mejor película documental en 2019. El objetivo que guía la investigación busca descubrir su rol en la ruptura del denominado “pacto del olvido” que operó en España desde la Transición para evitar abordar las consecuencias y responsabilidades de la Guerra Civil y la Dictadura. Utilizando la metodología del Close Reading, se revelará que el documento audiovisual visibiliza la lucha de las víctimas, al tiempo que recoge la búsqueda de justicia ante prácticas como los robos de bebés, la tortura o el olvido de las fosas comunes donde todavía yacen cientos de personas. La obra, de factura artesanal y protagonizada por siete mujeres y dos hombres, rescata la memoria de un pasado reciente a través de multitud de testimonios, destacando la mirada sobre la represión específica que sufrieron las mujeres y abundando en la denominada “memoria histórica”, vinculada especialmente al tema de las fosas. Las conclusiones defienden que se trata de una obra comprometida políticamente que busca romper el pacto de silencio a través de la denominada “Querrela argentina”, encabezada por la jueza María Servini.

memoria histórica | represión | franquismo | documental

## **LOS DESTINATARIOS DEL DISCURSO MARTIANO CONVOCADOS A TRAVÉS DE PATRIA: UN PERIÓDICO PARA JUNTAR Y AMAR**

**Aldana Ratuschny**

aratuschny@us.es

Universidad de Sevilla, ES

Nuestra problemática de estudio se relaciona con la formación del movimiento independentista cubano a finales del siglo XIX y con la función que la prensa ejerció en dicha coyuntura histórica. El objetivo específico consiste en analizar el discurso proselitista que José Martí difundió a través de su periódico Patria con el fin de convocar, convencer e integrar a los cubanos sobre la necesidad de emprender la guerra anticolonial (1895-1898). A partir del análisis crítico del discurso y del contenido de dicha fuente periodística, observaremos las estrategias de persuasión y las características de un mensaje que buscó ser lo suficientemente amplio y cohesivo para generar un nacionalismo transversal y congregar al pueblo cubano en torno a la lucha por la emancipación. Sostenemos como tesis que el rol desempeñado por este medio de comunicación actuó como una condición de posibilidad de la revolución.

independencia de Cuba | José Martí | prensa | periódico Patria | nacionalismo transversal

## **“ELS MOMENTS RECLAMEN LA COOPERACIÓ”: APROXIMACIÓN A LA HISTORIA DE LA PRENSA COOPERATIVISTA DE BARCELONA, SS. XIX-XX**

**Eloi Camps-Durban**

eloi.camps@upf.edu

Universitat Pompeu Fabra, ES

El objetivo de la comunicación es definir, cuantificar y realizar una primera aproximación descriptiva a la prensa cooperativista de la ciudad de Barcelona, aquella que forma parte del movimiento cooperativo, bien sea ejerciendo de órgano de una cooperativa o de una federación, bien sea divulgando las ideas y las prácticas del cooperativismo.

Estas publicaciones constituyen un objeto inédito para la historiografía de la prensa catalana, si bien han servido como fuente para investigaciones sobre la historia de la economía social y el cooperativismo (Garau, 2019; Gorostiza y Alari, 2021; Pérez Baró, 1989). A nivel internacional, se ha estudiado principalmente la prensa cooperativista del Reino Unido (Shaffer, 1999; Webster, 2021).

El objetivo principal se desglosa en tres objetivos específicos:

1. Localizar, cuantificar y tipificar las cabeceras cooperativistas editadas en o desde Barcelona a lo largo de la historia.
2. Describir estas revistas a partir de las variables de título y subtítulo, período y épocas de publicación, entidad editora, periodicidad, número habitual de páginas y misión.
3. Establecer y caracterizar distintos períodos o fases en la evolución de la prensa cooperativista de Barcelona.

El método principal es la hemerografía registral, mediante la cual se recogen las principales características de cada cabecera a través de fichas descriptivas (Guillamet y Mauri, 2015). Estos datos permiten establecer los rasgos de esta prensa, sus distintos subtipos según la entidad editora, y los períodos de su evolución. Como método complementario, el análisis de contenido contribuye a esclarecer el subtipo y la misión de las publicaciones.

Tras una búsqueda preliminar, se detectan 84 publicaciones y se definen cuatro subtipos: 60 boletines de cooperativas, 12 revistas de federaciones y confederaciones, 9 de fundaciones y otras entidades, y 3 de organismos públicos. También se perfilan seis períodos, siguiendo la historia del cooperativismo catalán: inicios y primer tercio del siglo XX (14 cabeceras fundadas), Segunda República y Guerra Civil (15), franquismo (20), Transición y crisis económica (13), estabilización y crecimiento (16) y siglo XXI y Gran Recesión (6). Esta cuantificación inicial será contrastada y consolidada tras la consulta hemerográfica.

prensa cooperativista | cooperativismo | prensa catalana | Barcelona



## LA COBERTURA ELECTORAL DE LAS ELECCIONES GENERALES DE 1933: EL DIARIO AHORA

**Alberto Vázquez Guisado**

avazquez4@us.es

Universidad de Sevilla, ES

Esta ponencia tiene como objetivo poner el foco en la cobertura electoral que el diario Ahora (Madrid) dio a las elecciones generales del 19 de noviembre y 3 de diciembre de 1933, las primeras a Cortes Ordinarias de la Segunda República Española. Más allá de cubrir los resultados electorales, o de hacer campaña por uno u otro partido, la cobertura que el diario Ahora dio de los comicios es muy detallada, incluyendo un gran número de secciones especiales y de reportajes que profundizan en el funcionamiento de las elecciones.

El objetivo principal de este proceso es el de ilustrar los grandes avances en materia periodística del diario Ahora desde las elecciones de junio de 1931, donde la cobertura fue bastante escasa y centrada sobre todo en los discursos de los candidatos. En el proceso de 1933, el diario se dedicó a cubrir y documentar todos los aspectos de las elecciones, incluyendo algunos tan interesantes y con poca publicidad como la purga del censo de duplicados o la fabricación y preparación de las urnas, y una multitud de reportajes fotográficos de los diversos mítines, eventos e incluso entrevistas radiofónicas a los candidatos.

La metodología seguida es bastante simple en este caso: la revisión hemerográfica de todos los ejemplares publicados durante el periodo de campaña electoral (desde el 10 de octubre de 1933, fecha de disolución de las Cortes Constituyentes, hasta el 3 de diciembre posterior, cuando se verificó la segunda vuelta de las elecciones en varias provincias). Con esta revisión se dio pie a una recopilación de los diferentes contenidos relacionados con las elecciones, seleccionando aquellos más interesantes y dándoles forma en un discurso histórico ordenado.

Este proceso no da resultados como tal, sino que busca divulgar y rescatar del olvido la labor de los periodistas de este diario, dándonos una visión desde dentro de las elecciones de 1933, las primeras que contaron con una campaña electoral reñida y moderna. Algunos de los puntos de relieve serían los reportajes sobre las oficinas del censo y cómo funcionaban las cédulas de identidad para votar, la preparación del material para los colegios electorales, o una serie de entrevistas a las candidatas a diputadas ante las primeras elecciones generales con sufragio femenino, terminando con amplios reportajes fotográficos desde los colegios electorales el día de las elecciones.

Como conclusión, creo que este pequeño estudio, quizás más anecdótico que científico, es un punto interesante en la construcción de una memoria histórica que nos acerque a los comienzos democráticos de España, yendo más allá de los resultados electorales y observando la cobertura que los españoles disfrutaron ante las que fueron, en muchos sentidos, unas elecciones trascendentales y novedosas para el país.

segunda república | elecciones generales | elecciones 1933 | Diario Ahora | campaña electoral

# EL CONCEPTO DE REVOLUCIÓN EN LAS ELECCIONES DE LA SEGUNDA REPÚBLICA DESDE LA PRENSA

**Alberto Vázquez Guisado**

avazquez4@us.es

Universidad de Sevilla, ES

Con esta ponencia se pretende hacer un estudio del concepto de revolución tal y como se usó en las tres campañas electorales de las elecciones generales de la Segunda República Española. Más que ahondar en el concepto de revolución como tal, nos interesa ver la gran diferencia de contenido que la revolución encerraba para las diferentes sensibilidades políticas y cómo iba cambiando conforme evolucionaba el periodo. Para realizar este estudio hemos decidido acudir al gran medio de masas de la época: la prensa diaria.

La metodología parte de la consulta de los diarios publicados por tres cabeceras durante las campañas electorales republicanas de los años 1931, 33 y 36. En concreto, para tener una visión panorámica, hemos revisado tres diarios de diferente signo político. En primer lugar tenemos El Debate, el órgano de prensa de Acción Popular. Como segundo diario encontramos El Heraldo de Madrid, el medio netamente de izquierdas con mayor tirada nacional, no adscrito a ningún partido pero con una línea claramente izquierdista. El último diario es Ahora, normalmente caracterizado como centrista en su actuación pero ideológicamente conservador, tal y como ellos mismos se caracterizaban asiduamente. Este volcado de datos nos da un cuerpo de editoriales y artículos de opinión sobre qué es la revolución y qué matices, positivos o negativos, le adjudica cada medio.

El objetivo que nos planteamos en este caso es muy claro: ofrecer una evolución diacrónica del concepto de revolución en tres momentos clave del régimen republicano: en 1931, ante las elecciones a cortes constituyente; en 1933, con el resurgir de las fuerzas de la derecha que dieron la batalla a las izquierdas gobernantes; y en 1936, con un electorado y unas fuerzas políticas polarizadas en el Frente Popular y el Frente Contrarrevolucionario.

Los resultados que obtenemos son los siguientes:

-La izquierda nunca dejará de preconizar la revolución como el verdadero progreso de España, algo que defenderá durante las tres campañas electorales. Hay que diferenciar entre la izquierda burguesa, que ve la revolución como un proceso desde arriba y contenido en la política y la izquierda marxista, que siempre aludirá a la revolución obrera que lleve a la dictadura del proletariado.

-Atendiendo a El Debate, la revolución siempre es vista como algo negativo, hecho entendible debido a las ideas marcadamente conservadoras que defienden, viendo como en cada elección sube el tono de los ataques.

-En Ahora encontramos tres ideas de revolución. La primera, el paso de la Monarquía a la República, se aceptó sin muchos problemas, advirtiendo de que con la Constitución termina el ciclo revolucionario. La segunda, las actuaciones de los gobiernos de izquierda, son rechazados con vehemencia en las dos elecciones posteriores. El tercero, la contrarrevolución, es vista con ambigüedad desde el periódico, cambiando del rechazo de 1933 al apoyo de 1936 con muchos matices. Concluyendo, este repaso al concepto de revolución nos da muestras importantes del desarrollo de las campañas electorales republicanas y la actuación de la prensa como creadora de opinión política en los años 30.

elecciones generales | segunda república | revolución | heraldo de Madrid | Ahora

## LA PRENSA DURANTE LA SEGUNDA REPÚBLICA EN SEVILLA: JOSÉ LAGUILLO Y EL LIBERAL (1931-1936)

**Esperanza María Sáez Vázquez**

esv@us.es

Universidad de Sevilla, ES

En 1936, el Frente Popular gana las elecciones españolas con mayoría parlamentaria. Las reformas paralizadas años antes, vuelven a reactivarse. Esto no anula los enfrentamientos entre derecha e izquierda que se producen en las calles del país, iniciándose en julio de ese mismo año, la Guerra Civil.

Durante estos años, en Sevilla, por un diario que defiende a la izquierda, hay tres que piden el voto para la derecha. Se trata de unos años de florecimiento para la prensa. El número de diarios y su difusión aumenta, además de desarrollarse una renovación estilística y tecnológica. El gran pluralismo, la libertad de expresión y la continua aparición de prensa nueva es motivo suficiente para considerar esta época como algo importante para el país. La corta duración de la mayoría de las publicaciones, a consecuencia de la falta de recursos económicos y las sanciones, son pruebas de la durísima situación que se vivía periodísticamente. Los partidos crean su prensa. No conocerá la historia de la prensa, ni antes ni después, un periodo semejante. Fue una república de periodistas.

Nuestro objetivo es conocer el diario El Liberal, cuya trayectoria está ligada a la biografía de José Laguillo, su director.

El Liberal es importante tanto a nivel local como autonómico. Cuando empezamos a informarnos sobre el tema, hallamos las escasas investigaciones que existen sobre esta publicación y la gran influencia que tuvo en el futuro del periodismo. José Laguillo tenía gran peso sobre la ciudad a través de las páginas de su diario, estaba muy implicado. Este periódico está inclinado a la izquierda. Tenía una de las tiradas más importantes, superaba de 25.000 ejemplares, este dato es interesante dado el carácter conservador de Sevilla.

José Laguillo Bonilla, redactó unas Memorias, que fueron conocidas por Alfonso Braojos (Álvarez Rey, 2009:200). Se fundó el 6 de enero de 1901 y se publicó ininterrumpidamente hasta el 18 de julio de 1936. Desde que comenzó como director, luchó para que esa publicación progresista fuese independiente e imparcial, como él decía “mediatizado por ciertas influencias, aunque estas no le sometían a vasallaje” (Laguillo, 1979: 40). Todo el equipo de la redacción, que se mantuvo hasta 1936, también son responsables del carácter progresista y avanzado que desprenden sus páginas, “sobre todo en comparación con el tono y enfoques profundamente conservadores habituales en el resto de los diarios sevillanos de los años veinte y treinta” (Álvarez Rey, 2009: 9).

El propósito de nuestra investigación es:

1. Ampliar nuestro conocimiento del periódico El Liberal.
2. Conocer la biografía de José Laguillo.
3. Analizar los cambios que José Laguillo aportó al periodismo.

Metodológicamente investigamos su historia y los aspectos cuantitativos que debe tener un estudio sobre historia de la comunicación, según Checa (2008: 35), son la difusión o audiencia y sus rasgos, la estructura de sus plantillas o las incidencias de las ayudas o subvenciones estatales.

segunda república española | José Laguillo | prensa | Sevilla | El Liberal

## **LO ANDALUZ DESDE EL PERIÓDICO SATÍRICO EL CENCERRO EN LOS AÑOS DEL SEXENIO REVOLUCIONARIO**

**María Román López**

maria.romanlopez@uca.es

Universidad de Cádiz, ES

El presente trabajo se enmarca en el estudio de la participación de la literatura en la construcción de las representaciones, los imaginarios y las narrativas sociales y políticas; concretamente en el proceso de construcción histórica de la noción de lo andaluz en el siglo XIX a través de la producción textual de la prensa de carácter político-satírico del Sexenio Revolucionario. En esta comunicación, concretamente, me centraré en el contenido textual del periódico satírico-político "El Cencerro" (Córdoba, 1869- Madrid, 1874), un periódico de sentir republicano y con carácter anticlerical. Nos interesa por ser el de más amplia tirada — excede los 6.000 ejemplares (Checa, 2016: 56) — y, por tanto, el más popular, el que mayor difusión alcanzó (Bozal, 1979: 134). Se componía de versos, aforismos, coplas, diálogos, etc., casi siempre en tono satírico, siendo aquello que le define y diferencia de otras publicaciones satíricas "que no habla del pueblo, pretende ser el pueblo, el pueblo en primera persona, tosco, brutal en alguna medida, jocoso y caústico..., un portavoz popular" (Bozal, 1979: 134). Una voz singular en el marco de la cultura republicana que enlaza con los incipientes movimientos regionalistas.

El trabajo forma parte del Proyecto «Andalucía y lo andaluz ante el gran público Textos fundamentales para su representación en los siglos XVIII y XIX» (P 18 RT 2763 Programa de ayudas a proyectos de I+D+i destinadas a las universidades y entidades públicas de investigación calificadas como Agentes del Sistema Andaluz del Conocimiento (PAIDI 2020) Modalidad Retos Consolidado.

prensa satírica | imaginarios | Andalucía

## **LA CARTA COMO ELEMENTO NARRATIVO (RE)CONSTRUCTOR DE MEMORIAS: EL CASO DE CRISTÓBAL DEL HOYO**

**Antonio Bellido Castro**

abellcas96@gmail.com

Universidad de La Laguna, ES

Esta propuesta pretende mostrar la importancia de las cartas como (re)constructoras de espacios gracias a su carácter personal discursivo. En el siglo XVIII, unas décadas previas a los albores del género periodístico, la carta se erigió como uno de los grandes difusores culturales, pues las facilidades de su distribución permitían a los escritores de epístolas poder compartir impresiones y relatar cómo eran a grandes rasgos sus vivencias en las sociedades de su tiempo. En este contexto, la figura de Cristóbal del Hoyo desdeñó algunas de las premisas más importantes del género epistolar con el fin de comunicarle a sus allegados los lugares transitados, los pecados de los mismos, y los entresijos de las capitales europeas, entre otras cosas.

Para nuestro estudio hemos tomado como referencia la Carta de Lisboa (1734), y la Carta del Marqués de la Villa de San Andrés respondiendo a un amigo suyo lo que siente de la Corte de Madrid (1745). Estas cartas no dejan de ser las memorias de un autor que dibujó y enarboló gracias al género epistolar un discurso de recreación histórico-literario. Lisboa y Madrid, ciudades de las que el escritor guardó recuerdos bien dispares: la capital lusa, que dejó una grata imagen en su memoria y que usó en numerosas ocasiones para comparar y agravar la mediocridad de la capital española. Ambos documentos, además, ponen de manifiesto los distintos lugares de cada ciudad, convirtiéndose de esta forma en memoriales arquitectónicos, sociales, religiosos, etc.

Nuestro trabajo muestra una variante de lo que es la carta tradicional debido a su dimensión y a las pretensiones de Cristóbal del Hoyo, quien convirtió el uso de la carta en una construcción narrativa de los espacios europeos manteniendo los principios comunicativos del género epistolar. Además, dichas epístolas conforman las vivencias de uno de los personajes más inusuales de la heterodoxia española, por lo que hablamos de textos de doble vertiente: las memorias de las capitales más importantes del siglo dieciocho, y las del ilustrado que las transitó e inmortalizó.

carta | Cristóbal del Hoyo | historia | literatura | memoria

## MEMORIA, MAYORES Y CINE

### Agustín Gómez

aggomez@uma.es  
Universidadde Málaga, ES

### Nekane Parejo

nekane@uma.es  
Universidad de Málaga, ES

Nuestra investigación está centrada en la memoria de los mayores sobre el hecho de ir al cine. Dentro de las Ciencias Sociales, se integra en el área temática de Memorias, representaciones culturales y prácticas políticas en la Historia de la Comunicación. Está relacionada con la Comunicación y nos inscribimos en los Estudios sobre la Memoria (Memory Studies). Tratamos de rescatar a través de la recopilación de testimonios de memoria cómo han vivido la experiencia de ir al cine generaciones nacidas antes de 1958 (mayores de 65 años) que experimentaron unas formas de ir al cine que se están perdiendo.

Esta investigación pretende recopilar a través de la memoria de los espectadores la industria de exhibición cinematográfica española, hasta situarse en las formas de consumo en la actualidad. Aplicamos el término “Memoria Histórica” desde los planteamientos en origen del historiador Pierre Nora (Les lieux de mémoire), quien otorga protagonismo a los recuerdos y experiencias de sus protagonistas. Nuestra hipótesis de partida es que las formas de exhibición del arte cinematográfico no han dejado de cambiar desde que nació en 1895. Durante más de un siglo se mantuvo más o menos con unos mismos parámetros en una sala colectiva a oscuras, pero en la actualidad ha experimentado un cambio brusco. No obstante, existe todavía una memoria viva de lo que ha sido al acto de ir al cine con la que construir un relato para que esas formas vivenciales no se pierdan.

Nuestros objetivos son identificar, analizar y explicar las prácticas relacionadas con el consumo de los mayores de 65 años; elaborar una lista de los cines que existieron en las ciudades de los participantes; establecer sus rutinas de consumo cinematográfico vinculadas con sus primeras experiencias; determinar el proceso evolutivo de las salas de exhibición cinematográfica y precisar la adaptación de los participantes a las nuevas formas de recepción del cine. Emplearemos como método prioritario la historia oral a través de relatos de vida. Desde este planteamiento los métodos de base a emplear serán la entrevista en profundidad a 100 participantes mayores de 65 años y el análisis de contenido a partir de cuatro categorías: la memoria sobre las salas cinematográficas, experiencias de vida del acto de ir al cine, los recuerdos sobre películas y géneros cinematográficos y la percepción de los cambios y evolución del medio. Las conclusiones de esta investigación contribuirán al estudio de las estrategias de comunicación y emprendimiento del envejecimiento activo. Desde esta perspectiva, consideramos que los resultados supondrán la evidencia científica y empírica de la necesidad del envejecimiento activo en un contexto comunicativo, el valor de la memoria cinematográfica y la sistematización del concepto de envejecimiento activo en consonancia con los procesos de consumo, producción y prosumo.

memoria | estudios etários | cine

# **PACTOS EN EL CINE DOCUMENTAL CHILENO: LA HISTORIA, LA MEMORIA Y SUS HIBRIDACIONES**

## **Claudio Salinas**

claudiorsm@u.uchile.cl  
Universidad de Chile, CHL

## **Hans Stange**

hstange@uchile.cl  
Universidad de Chile, CHL

## **Ignacio Del Valle**

elvalledeignacio@gmail.com  
UNICAMP, BR

Esta presentación tiene como objetivo analizar las principales formas de interpretación (pactos interpretativos) del pasado distinguibles en los documentales chilenos sobre las violaciones de los Derechos Humanos cometidas por la dictadura militar en Chile (1973-1990). A partir del estudio de la enunciación de los documentales, postulamos que existen tres pactos o grandes vertientes narrativas. El primero de ellos está asociado con un grupo de documentales que despliegan una preocupación por establecer y probar una verdad histórica relacionada con la detención, tortura y desaparición de miles de chilenos a manos del régimen. El segundo, corresponde a un tipo de documentales cuyo centro de atención es la memoria subjetiva del cineasta respecto de eventos traumáticos del pasado. Se trata de filmes en primera persona realizados por una segunda o tercera generación de familiares de presos políticos, exiliados o desaparecidos. Aquí la narración se enfoca en el espacio íntimo y biográfico. Entre ambos conjuntos, postulamos la existencia de un tercer grupo de documentales en los que se observa una hibridación del pacto interpretativo histórico con el memorístico, que se traduce en una preocupación por la enunciación de una memoria colectiva de las víctimas. Ejemplos de esas tres vertientes pueden ser encontrados en el documental chileno desde los años ochenta del siglo XX. Sin embargo, puede decirse que el primer pacto tuvo una posición dominante desde los años ochenta hasta la primera mitad de los noventa y que, el segundo, ha ocupado esa posición dominante en los últimos veinte años. La tercera vertiente, en cambio, con sus hibridaciones y su transición de la historia a la memoria, tuvo su momento de auge precisamente en los primeros años de transición a la democracia, un momento en que se establecían, de forma gradual y precaria, las primeras discusiones en el espacio público chileno sobre los crímenes de la dictadura. Ese periodo corresponde grosso modo a los años noventa. Presentaremos en esta comunicación las tres vertientes a partir del análisis enunciativo de una película representativa de cada uno de los pactos: *Para no olvidar* (Ignacio Agüero, 1982), en el primer caso; *Allende, mi abuelo Allende* (Marcia Tambutti, 2015) en el segundo; *La flaca Alejandra* (Carmen Castillo, Guy Girard, 1994), en el tercero. Esta ponencia forma parte de un proyecto de investigación financiado por el Fondo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico de Chile (Fondecyt Regular N. 1210153). La metodología utilizada tiene como base el análisis inferencial de un corpus de documentales producidos desde 1980. Seguimos una línea de estudio de las relaciones entre cine e historia que privilegia tanto el análisis fílmico como la observación de las conexiones entre la obra y su contexto extrafílmico (Sorlin, 1977, Morettin, 2007). Como conclusión preliminar,

avanzaremos que, en el caso del documental chileno, la distinción drástica entre historia y memoria es limitada, pues en muchos filmes pueden converger ambas, dando paso a hibridaciones como las presentes en el tercer tipo de filmes señalados. Sin embargo, en diferentes momentos de nuestra cinematografía se ha dado más énfasis a la historia, a la memoria colectiva o a la memoria individual y privada.

documental chileno | historia | memoria | enunciación



## **EL ARCHIVO DESCONOCIDO DE MIGUEL ÁNGEL BLANCO: HISTORIA, CONTENIDO Y VALOR EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA MEMORIA COLECTIVA**

**María Jiménez Ramos**

mjimenezr@unav.es  
Universidad de Navarra, ES

**Antonio Martínez Illán**

amartinez@unav.es  
Universidad de Navarra, ES

El 10 de julio de 1997, la organización terrorista ETA secuestró a Miguel Ángel Blanco Garrido, un concejal de un pequeño pueblo de Vizcaya, y dio al Gobierno un ultimátum de 48 horas para trasladar a los presos de ETA a cárceles vascas. Si no lo hacía, Miguel Ángel sería asesinado. Aunque para entonces ETA acumulaba tres décadas de actividad violenta y más de 700 muertos, aquella acción terrorista generó una oleada inédita de protestas ciudadanas. Se celebraron más de 1500 actos públicos y más de seis millones de personas se manifestaron para pedir la libertad del concejal secuestrado. A nivel comunicativo, hubo un cambio en la cobertura del terrorismo que se resume en la humanización de la víctima a partir del relato de su biografía; y la identificación de la audiencia con la propia víctima y con su familia. A nivel social, la indiferencia generalizada que había rodeado a las víctimas del terrorismo se quebró.

El 12 de julio, ETA cumplió su amenaza e hirió de muerte a Miguel Ángel Blanco. Durante aquellos días, las manifestaciones públicas fueron multitudinarias. Sin embargo, se articuló también una dinámica silenciosa, individual y, hasta ahora, desconocida: decenas de ciudadanos anónimos enviaron cartas a la familia Blanco-Garrido, que las acumuló en un garaje durante veinticinco años. En septiembre de 2022, la familia, a través de la Fundación Miguel Ángel Blanco, donó el archivo intacto e íntegro a la Universidad de Navarra.

Esta comunicación se encuadra en la línea de la memoria y los discursos y guarda relación con el tema de las políticas de archivo y musealización articuladas desde dinámicas sociales y culturales.

memoria | terrorismo | ETA | víctimas | archivo

## **DON LORENZO MILANI Y ESCUELA DE BARBIANA**

VALORAR EL PATRIMONIO HISTÓRICO Y CULTURAL DE LA SCUOLA DI BARBIANA, ACTUALIZAR SU MENSAJE Y DOCUMENTAR LAS ACTIVIDADES QUE LLEVAN ADELANTE SUS VALORES

**Marco Sbardella, Viola Davini, Marta Guarducci, Eugenio Pandolfini, Ilaria Papini, Luca Toschi, Valentina Vespi, Alessandra Anichini**

m.sbardella@iuline.it

Centro Ricerche "scientia Atque usus" per la Comunicazione Generativa ETS, IT

Don Lorenzo Milani (1923 – 1967), como maestro, dio prioridad a la lengua, a la palabra, a la necesidad de poner los últimos en condiciones de comunicar entre sí y con la sociedad para ejercer una ciudadanía plena. Don Lorenzo Milani, como escritor, dio igual prioridad a la documentación, como lo demuestra la gran maestría documental que está a la base de algunos de sus textos más importantes, como Experiencias Pastorales, Carta a una maestra, La obediencia ya no es una virtud.

Partiendo de la centralidad que la comunicación y la formación tienen en su pensamiento y obra, con motivo de las celebraciones del centenario del nacimiento de Don Lorenzo Milani (27 mayo 1923 - 27 mayo 2023), el Centro de Investigación "scientia Atque usus" para la Comunicación Generativa ETS (Centro de Investigación sAu) concibió y diseñó el Centro de Documentación y Comunicación Generativa "Don Lorenzo Milani y Scuola di Barbiana", que se desarrollará en colaboración con la Fundación Don Lorenzo Milani y la Fundación Cassa di Risparmio di Firenze. El Centro estará basado en el Sistema Integrado Atque, desarrollado por el Centro de Investigación sAu, y será presentado a fines de mayo de 2023, cuando se inaugurarán las actividades del Centenario.

El Centro tiene como objetivo ofrecer a todos los interesados un sistema multimedial capaz de promover las muchas experiencias que hoy en día siguen estudiando, practicando, actualizando el pensamiento y la acción de don Lorenzo Milani. Pensamiento y acción que se desarrollaron en ese peculiar contexto sociocultural y político que hizo de Florencia y su territorio un punto de referencia mundial (piensen en figuras como Giorgio La Pira, Don Giulio Facibeni, Padre Ernesto Balducci...). El objetivo principal del Centro, por lo tanto, es fomentar la creación de una comunidad muy articulada que quiera reflexionar - de manera proyectual - sobre cuestiones sociales, culturales y religiosas, inspirándose en el magisterio y el testimonio de don Lorenzo Milani, y que - para conseguir este objetivo - recoja y documente recursos, proyectos y experiencias que actualicen el pensamiento y la obra de don Milani.

En esta perspectiva, el Centro tiene un objetivo más: el de documentar y comunicar la relación entre la experiencia de la Scuola di Barbiana, y la actualización continua de sus valores y prácticas por parte del mundo de la escuela, del voluntariado, del trabajo, de la Iglesia, de la investigación, hasta algunas experiencias internacionales, como la Pedagogía del oprimido de Paulo Freire.

Por ello, la investigación partió del análisis del material documental de la Fundación Don Lorenzo Milani y de la recopilación de entrevistas con quienes vivieron esa experiencia. Al mismo tiempo, se involucraron un grupo de escuelas de todo el territorio nacional con el objetivo de crear nuevos objetos educativos y de producir la documentación relacionada.

Estos dos aspectos (documentación y actualización) son la base a partir de la cual ponemos en marcha proyectos de Comunicación Generativa que involucran a todas las organizaciones (escuelas, centros de investigación, asociaciones, etc.) que actualizan y traducen operativamente esas prácticas y valores en experiencias concretas. En una idea de comunicación que - a partir de la riqueza de saberes contenida en los archivos - genere nuevos conocimientos. Y que ayude a convertir el conocimiento archivado en datos actuales y utilizables para nuevos proyectos.

actualización | documentación | comunicación generativa | Don Lorenzo Milani | Escuela de Barbiana

# **O PERCURSO HISTÓRICO DA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL EM PORTUGAL: UMA ANÁLISE DOS ARTIGOS PUBLICADOS NAS ATAS DA SOPCOM**

**Giselle Costa**

gicandrade.34@gmail.com  
CECS-Universidade do Minho, PT

**Pedro Eduardo Ribeiro**

pedurib@gmail.com  
CECS-Universidade do Minho, PT

Este trabalho propõe-se a traçar o percurso histórico da Comunicação Organizacional (CO) em Portugal a partir de estudos publicados nas atas da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM), desde os anos 2000. Esta associação existe desde 1998 e destina-se a potenciar e a divulgar a investigação em Ciências da Comunicação em Portugal, sendo a maior neste âmbito, contando com mais de 630 pessoas associadas, 12 congressos desde 1999 e várias atas publicadas (SOPCOM, n.d.). Outro dos objetivos é discutir os resultados obtidos com essa recolha, identificando tendências que se inserem no estudo da CO portuguesa. A comunicação no contexto das organizações está em constante mudança (Silva et al., 2020).

Desde a sua emergência, a CO tem-se revelado um campo de estudos em potencial, principalmente pelo destaque que as organizações vêm a assumir nas sociedades contemporâneas, tendo a investigação vindo a empenhar-se na busca de referências no estudo da comunicação nas organizações (Ruão, 2016). Na sua perspetiva histórica, tem-se tornado um campo académico universal, marcado por uma herança diversa, recebida de outras disciplinas, como a Antropologia, a Psicologia Social, a Ciência Política, a Sociologia, a Retórica ou até a Crítica Literária (Taylor et al., 2001). Assim, vem sendo estudada pelas abordagens positivista, crítica, interpretativa e pós-moderna, sendo a mais recente a constitutiva. Tal convivência com múltiplas perspetivas de estudo, variados métodos e diversificados âmbitos de estudo (Silva et al., 2020) vem impactando na sua evolução enquanto disciplina, marcando a sua tradição de investigação. A partir do seu quadro constitutivo, as temáticas organizacionais têm acompanhado as constantes mudanças e cenários desafiadores pelos quais as organizações têm vindo a passar. Essa perspectiva tem-se refletido nos tópicos mais investigados.

Para cumprir o objetivo primário de traçar aquele percurso, optou-se por uma revisão de literatura a partir de artigos publicados nas atas da SOPCOM entre 2005 e 2022. Compondo-se a amostra de vários trabalhos criteriosamente selecionados (Coutinho, 2011), esta seleção baseou-se essencialmente em dois critérios: por meio das palavras 'Comunicação Organizacional' no título e da palavra-chave 'Comunicação Organizacional'. Depois, os trabalhos selecionados foram separados por categorias temáticas, por ano e autoria. Com efeito, ambiciona-se responder à seguinte pergunta de partida: quais são as tendências da CO, presentes nas atas da SOPCOM a partir de 2005, que permitem traçar um percurso histórico daquele campo? Nesse sentido, pretende-se desenvolver uma discussão teórica sobre o campo e contribuir para a documentação histórica da CO em Portugal. Algumas questões preliminares identificadas são: as relações de poder dentro das organizações, o uso das tecnologias digitais, a eficácia organizacional, os relacionamentos entre as pessoas que constituem as organizações e a comunicação nas organizações e reputação.

comunicação organizacional | organizações | Portugal | SOPCOM

## **CONTANDO LA HISTORIA CON LA VOZ DE SU AMO: LA VICTORIA TALKING MACHINE Y LOS PRIMEROS DRAMATIZADOS SONOROS LATINOAMERICANOS- BOGOTÁ, LIMA BUENOS AIRES 1913**

**Eduardo Gutierrez**

gilberto.gutierrez@javeriana.edu.co  
Pontificia Universidad Javeriana, CO

Hacia 1913 Lima Buenos Aires y Bogotá fueron visitadas por un pequeño equipo de expertos de la Victoria Talking Machine que realizaron volúmenes grandes de grabaciones de sonidos locales con énfasis especial en la música, las piezas humorísticas y los dramatizados. Estos archivos que aún se conservan en su totalidad pero que no han tenido gran circulación, son un retrato que revelan el modo en que las tecnologías en expansión, las empresas que las promueven y los procesos de mercado y colonización que llevan implícitos pueden ser comprendidos y develados. Este trabajo recoge las dimensiones de la incidencia de este "nuevo medio", los modos de contar y las determinaciones técnicas que impone y la manera en que constituye un modelo de historia conectada para América Latina y otras regiones bajo procesos de colonización técnica y comunicativa en el mundo. A la vez muestra los contenidos y sus modos de circulación que simultáneamente se ven enmarcados en un dominio técnico y la escucha de la "voz del amo".

drama sonoro | grabación sonora | colonización tecnológica | historias conectadas

## **EL RELATO DE LA TRANSICIÓN ESPAÑOLA: MEMORIA Y OLVIDO DEL CAMBIO DEMOCRÁTICO EN LA TELEVISIÓN**

**Virginia Martín**

virginia.martin@uva.es

Universidad de Valladolid, ES

En el momento en el que se cumplen 50 años de la historia del programa informativo más longevo de Europa: Informe Semanal, esta comunicación estudia el relato que este espacio realizó de lo que fue el paso de la dictadura franquista a la democracia en España. A lo largo de los primeros años de la historia del Informe nos acercaremos a analizar qué memoria colectiva se fue generando a través de sus reportajes, qué era recordado y qué caía en el olvido cuando era noticia la Transición democrática.

Los resultados de esta investigación nos muestran que este programa semanal fue desarrollando un relato basado en un discurso sobre la Transición en el que destaca cómo el Cambio se desarrolló de manera pacífica y en el que el papel que jugaron las mujeres queda desdibujado o, en otras ocasiones, es incluso inexistente.

Televisión | España | Memoria | Transición democrática

# PERIODISMO Y MEMORIA: LA COBERTURA DEL ANIVERSARIO DEL ASESINATO DE MIGUEL ÁNGEL BLANCO EN LA PRENSA ESPAÑOLA Y REGIONAL VASCA

**Roncesvalles Labiano Juangarcía**

rlabianoj@unav.es

Universidad de Navarra, ES

**Lucía Gastón Lorente**

lgaston@unav.es

Universidad de Navarra, ES

Introducción y marco de la investigación: En julio de 1997, la organización terrorista ETA secuestró y asesinó al joven concejal del Partido Popular Miguel Ángel Blanco. Aquella muerte provocó una reacción ciudadana inédita hasta la fecha (López Romo, 2014) y marcó un antes y un después en la respuesta social al terrorismo en toda España. También supuso un cambio periodístico importante en el tratamiento informativo de los atentados de ETA por parte de los medios de comunicación (Caminos, Armentia y Marín, 2013). Ese cambio es relevante, entre otras cosas, por el papel que los medios juegan en la construcción de la memoria cuando hacen uso del pasado para dar sentido a un mundo cambiante a través de la presentación de conexiones e inferencias entre el ayer y el hoy (Zelizer 2004, 2008).

Esa relación periodismo-memoria es especialmente palpable en la cobertura de aniversarios de eventos clave como el que nos ocupa. Cuando un medio decide cubrir un aniversario, está indicando a los ciudadanos qué merece la pena recordar y de qué manera hay que hacerlo. Los temas y los frames escogidos reafirman ciertos valores y deseos para la sociedad (Chu, 2021).

Objetivos del estudio: En esta investigación queremos observar si, con el paso de los años, los medios de comunicación nacionales y regionales vascos de distintas ideologías han recordado o no el asesinato de Miguel Ángel Blanco y de qué manera lo han hecho. Observaremos si la atención y las características de la cobertura han evolucionado, si hay temas y enfoques que permanecen y si hay diferencias entre medios de distintas ideologías. Ello nos permitirá ahondar en el papel de los medios, y en concreto el del periodismo “de aniversario”, como constructores de memoria colectiva.

Métodos/metodología de investigación: Realizaremos un análisis de contenido de la cobertura del aniversario del asesinato de Miguel Ángel Blanco en los principales medios de la prensa española y la regional vasca entre 1998 —el primer aniversario— y 2012 —el año después de que ETA anunciara el final del terrorismo—. El análisis se inspira en los propuestos por Caminos, Armentia y Marín (2013) para la cobertura de los atentados anteriores y posteriores al asesinato de Miguel Ángel Blanco y por Chu (2021) para la cobertura del aniversario del incidente ocurrido en la plaza de Tiananmén, Hong Kong, el 4 de junio de 1989.

memoria | periodismo | terrorismo | aniversario | Miguel Ángel Blanco

# **HISTORIA DE LA TELEVISIÓN COMUNITARIA DE COLOMBIA: DESDE LAS EXPERIENCIAS LATINOAMERICANAS DE LA COMUNICACIÓN PARA EL DESARROLLO A LA PRODUCCIÓN ANALÓGICA Y DIGITAL ACTUAL**

**Lizandro Angulo**

langulo@ut.edu.co

Universidad del Tolima, CO

La televisión comunitaria de Colombia ha sido producto de las luchas latinoamericanas, en el ámbito de la comunicación y el desarrollo después de la Segunda Guerra Mundial hasta nuestros días. Las experiencias de Radio Mineras Libres de Bolivia y Radio Sutatenza en Colombia, los fundamentos del Nuevo Orden Informativo Mundial y la legislación colombiana que las regula desde la década de los 90, han influido notable y notoriamente para su funcionamiento en el capitalismo global y en la era de la sociedad de la información. Esta investigación tiene como propósito determinar cómo ha sido el desarrollo de la televisión comunitaria de Colombia, también conocida como televisión de proximidad, popular o alternativa, en términos de producción propia de contenidos analógicos y digitales, sostenimiento económico y participación ciudadana, mediante el estudio de varios periodos históricos y de la vigencia y derogación de resoluciones y acuerdos legales emitidos por la autoridad nacional de televisión de Colombia. Se emplean métodos cualitativos como la revisión documental y el trabajo de campo. El primero consiste en el análisis de la teoría de la comunicación para el desarrollo, las experiencias mediáticas de Radio Mineras Libres de Bolivia y Radio Sutatenza de Colombia, la influencia del Nuevo Orden Informativo Mundial en la democratización del espectro electromagnético y la legislación vigente y derogada que regula la televisión comunitaria de Colombia (Sentencia de la Corte Constitucional de 2001, Acuerdo 009 de 2006, Resolución 433 de 2013, Acuerdos de Paz de La Habana, Resolución 650 de 2018 y Ley 1978 de 2019). El trabajo de campo consiste en la visita del autor y su equipo de investigación ([www.sociedadredut.com](http://www.sociedadredut.com)) en municipios colombianos donde operan los sistemas de TV comunitaria con el apoyo de herramientas metodológicas como la observación, entrevistas grupos focales, cartografías sociales y etnografías digitales, aplicadas en un periodo de 18 años (2004-2022). Los resultados apuntan a que (1) la perspectiva teórica que mejor explica el nacimiento y funcionamiento de la TV comunitaria es la comunicación para el desarrollo, entendida como la posibilidad de que los medios de comunicación coadyuven el mejoramiento de la calidad de vida de las comunidades vulnerables; (2) el modelo colombiano es autosostenible, en tanto que las comunidades organizadas ofertan el canal comunitario y canales incidentales y codificados, con lo cual desarrollan capacidades organizacionales (tener su propio medio de comunicación) y comunicativas (producción de programas propios con énfasis educativo y cultural). Pese a que estos sistemas son sin ánimo de lucro, cobran por ver mediante el sistema cerrado de TV (cable); (3) la producción de contenidos debe ser propia, sin embargo, tienen dificultades para hacerlo debido a los altos costos en recursos humanos, técnicos y financieros; (4) la participación ciudadana es relativa, esto es, algunas televisiones dan espacios para que las personas intervengan en la gestión, producción y evaluación del medio comunitario y otras no lo hacen permanentemente, a causa de inconvenientes de diverso tipo.

televisión | comunitaria | legislación | desarrollo | Colombia

## **A REVISTA INTERVALO E A MEMÓRIA DA EMERGÊNCIA DA CULTURA TELEVISIVA NO BRASIL NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970**

**Talita Magnolo**

talita.magnolo@yahoo.com.br  
Universidade Federal de Juiz de Fora, BR

**Rosali Maria Nunes Henriques**

rosalih@gmail.com  
NOVA FCSH, PT

A história das revistas especializadas brasileiras é muito rica e diversa. Durante a década de 1950, com o início da televisão no Brasil, o mercado editorial adquiriu uma postura de integração nacional, característica primeira da TV e junto com diversas estratégias enumerou e disseminou modos de sociabilidade que dialogaram com a emergência de uma nova cultura televisiva no país. Uma das revistas mais relevantes para a época foi a publicação Intervalo, da Editora Abril, que circulou entre os anos de 1963 e 1972 no território nacional. Este artigo parte de uma investigação documental, através do acervo da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, que busca compreender como, através de diversas estratégias comunicacionais e editoriais, a revista conseguiu comunicar sobre a nova cultura da TV brasileira, mas, também, estabelecer relações com o seu leitor, que participou ativamente da produção de conteúdos nas páginas do semanário. Através do uso do método simplificado de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009; SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021), organizamos a exposição em três categorias: (1) jornalismo; (2) promoções e sorteios e (3) sentimentos do leitor. Espera-se que, com este estudo historiográfico, seja possível comprovar a importância da investigação através de acervos e arquivos, mas também a construção de uma nova experiência televisiva, através das páginas da revista Intervalo. Além disso, acreditamos que ao final do estudo será possível perceber que a publicação teve um papel pedagógico na formação do público telespectador brasileiro.

Revista Intervalo | memória | cultura televisiva | década de 1960 e 1970 | leitores



## **DE GENTLEMAN A GUADIANA. DE REVISTA DE MODA MASCULINA A SEMANARIO POR LA DEMOCRACIA**

**Juan Andrés García Martín**

[juan.garcia.martin@urjc.es](mailto:juan.garcia.martin@urjc.es)

Universidad Rey Juan Carlos, ES

Esta propuesta estudia la evolución de la opinión del semanario Guadiana entre su fundación en 1973 y su final en 1977. Dicha revista, que en sus orígenes era una publicación mensual de moda masculina bajo el nombre de Gentleman, trató de imitar el éxito del semanario Cambio16 al concluir el ejercicio de Pio Cabanillas como ministro de Información y Turismo. La evolución de esta publicación se definió por su conversión en semanario de información bajo el nombre de Guadiana. La nueva revista defendió con firmeza la implantación de un régimen democrático, criticando la ausencia de reformas dentro del régimen franquista bajo el gobierno de Carlos Arias Navarro. Más adelante, observo con desconfianza la llegada al gobierno de Adolfo Suárez y adopto los planteamientos rupturistas de la oposición democrática.

Para llevar a cabo este estudio, se consultarán los 30 ejemplares de Gentleman y los 116 ejemplares de Guadiana disponibles en la Biblioteca Nacional de Madrid. Para determinar la opinión de la revista, se realizará un análisis de los contenidos prestando especial atención a las portadas, editoriales, artículos de opinión, encuestas y reportajes, pues con ellos se determina la línea de opinión planteada por el semanario entre 1973 y 1977. Del mismo modo, se investigará el posicionamiento de la revista ante las siguientes cuestiones: la limitada reforma ofertada por el gobierno de Arias Navarro; los postulados de la oposición democrática; la denuncia de la ausencia de libertades en España, con especial atención a la denuncia contra la falta de libertad de expresión; y, por último, la defensa de los particularismos regionales.

A través de esta propuesta, se demostrará que Guadiana fue un semanario que, si bien alcanzo unas cifras de venta modestas (24.000 ejemplares vendidos en 1976), fue un importante altavoz de expresión para la oposición democrática, pues esta participo en el semanario a través de artículos de opinión y la propia publicación hizo suyos los argumentos esgrimidos por aquellos. Sin embargo, la explosión y saturación del mercado de los semanarios en 1976 conduciría a su caída un año después, ya que se trataba de una formula sobreexplotada.

Guadiana | Gentleman | semanario | revista

## **LA PRENSA CONSERVADORA IBÉRICA Y LA MEMORIA DE LA REVOLUCIÓN PORTUGUESA**

**Gregorio Sabater**

gsabater@us.es

Universidad de Sevilla, ES

En esta comunicación pretendemos analizar la memoria sobre la revolución lusa en la prensa periódica de centroderecha, desarrollando un enfoque comparativo entre Portugal (con los diarios próximos a la patronal Jornal Novo y A Tarde) y España (con el diario conservador monárquico ABC) en el periodo cronológico comprendido entre 1974 y 1980. Para ello nos valdremos de un estudio sobre la imagen que dichos medios articularon sobre este episodio histórico a través de fuentes hemerográficas.

El carácter revolucionario de los comienzos de la democratización portuguesa, con la compleja adaptación consecuente de los sectores conservadores o de centro, explicaría una memoria diferenciada y poliédrica sobre el Processo Revolucionário em Curso (PREC) en ese sector ideológico. Identificando por tanto dos etapas en el caso de Portugal, una primera donde se basculó entre un discurso inicialmente favorable al cambio y el criticismo a las derivas más transgresoras, principalmente las del verão quente de 1975, y una segunda durante el periodo posrevolucionario donde se fue evolucionando hacia una progresiva impugnación de "Abril", convergiendo en este momento con la memoria previamente existente del lado español, que construyó desde el comienzo un relato de anti modelo de cambio, tratando así de evitar su traslado a una España encaminada a modificar su sistema político.

democratizacion | prensa | centroderecha | memoria | Portugal | Espanha

## **“LA STRADA DELL’INTOLLERANZA”: O JORNALISMO PORTUGUÊS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ITALIANA DURANTE A REVOLUÇÃO DE ABRIL (1974-1976)**

**Marco Gomes**

gomes\_marco78@hotmail.com

Instituto Politécnico de Leiria & CEIS20 – Universidade de Coimbra, PT

Esta proposta de comunicação pretende abordar o enquadramento disseminado pelos principais jornais italianos sobre as práticas jornalísticas em Portugal durante o período de transição para a democracia. O carácter excecional da Revolução de Abril em Itália pode ser aferido através da dimensão quantitativa da cobertura jornalística e do envolvimento dos articulistas italianos no acontecimento (Mesquita & Rebelo, 1994; Vieira & Mónico, 2014). Essa ressonância mediática explica-se pelo encontro síncrono entre, por um lado, o radicalismo, a conflitualidade e o debate sobre o compromisso histórico em Itália e, por outro, a diversidade de temáticas dimanadas da Revolução de Abril, as suas contradições e a pertinência das questões espoletadas (Gomes, 2015). É objetivo desta pesquisa caracterizar, segundo o quadro interpretativo italiano, a narrativa jornalística revolucionária, compreender qual o enquadramento ideológico-doutrário dominante nos jornais, que tipo de influências e pressões são exercidas sobre as redações, que novas práticas censórias imperam e quais os conflitos, no contexto da imprensa portuguesa, que originaram outros acontecimentos em Itália. Metodologicamente, a baliza temporal situa-se entre 25 de Abril de 1974 e a aprovação da Constituição da República, a 2 de Abril de 1976. O objeto de estudo é constituído pelas mais proeminentes publicações italianas de grande informação, de periodicidade diária e hebdomadária, de dimensão nacional e inter-regional. Pretende-se, através da análise textual, estudar processos de formação de ideias que se materializam na forma de textos jornalísticos e identificar o conjunto de ideias-força, de generalizações históricas, construídas sobre as práticas jornalísticas em Portugal. Conclui-se que o batimento da imprensa nacional pulsava ao ritmo das manipulações, das notícias tendenciosas portadoras do gene da agitação, de uma informação que se adequava mais aos desejos de quem a produzia do que propriamente às regras dos noticiários. A maioria dos jornais surge identificada como sendo um leque orientado politicamente à esquerda, existindo uma disposição psicológica manifestada por jornalistas e intelectuais no sentido de se diferenciarem do passado recente.

revolução de abril | jornalismo | Portugal | enquadramento | imprensa italiana

## **LOS VÍNCULOS TRANSNACIONALES DEL EXILIO ESPAÑOL A TRAVÉS DE LA AGENCIA PRENSA LATINA (1962-1971)**

**Patricia Calvo**

pcgonzalez@ubu.es

Universidad de Burgos, ES

La guerra civil española y el posterior régimen resultante obligó a miles de españoles a huir del país, la mayoría a Francia o al norte de África. No obstante, muchos de ellos cruzaron el Atlántico hacia tierras americanas. México, Chile o incluso la República Dominicana fueron algunos de los estados que crearon políticas de recepción para este contingente que, una vez asentado, elevaron su voz desde el exilio para denunciar la situación en la que se encontraba España y sus ciudadanos. Los canales para esta expresión fueron múltiples y, en la década de 1960, la agencia cubana Prensa Latina comenzó a difundir notas que plasmaban las protestas y reivindicaciones de los expatriados españoles. El presente trabajo es un acercamiento cuantitativo y cualitativo a esta circulación de ideas, a través de un medio de comunicación nacido en un contexto revolucionario, con la propaganda y la contrainformación como características fundamentales. Se trata, asimismo, de sentar las bases de una relación entre el exilio español y la nueva izquierda latinoamericana, objeto de estudio en estado embrionario.

exilio español | nueva izquierda | América Latina | prensa latina | revolución cubana

## **RETRANSMITIENDO EL HORROR: LA COBERTURA DEL JUICIO A LAS JUNTAS EN EL DIARIO DEL JUICIO**

**Ana Bartol Gutiérrez**

anita1113@usal.es

Instituto de Iberoamérica, Universidad de Salamanca, ES

El Juicio a las Juntas militares, realizado entre abril y diciembre de 1985, fue un episodio fundamental en la transición democrática argentina tras la última dictadura militar. En él se juzgó a los nueve comandantes en jefe de las tres primeras Juntas Militares del autodenominado "Proceso de Reorganización Nacional" como máximos responsables de los crímenes cometidos durante este periodo. Más allá de la sentencia, en la que hubo tanto condenas como absoluciones, el Juicio escenificó la condena a la violencia represiva del terrorismo de Estado y tuvo importantes efectos simbólicos que afectaron el proceso de restauración democrática y que situaron a Argentina como un ejemplo mundial en materia de Justicia Transicional.

Por tal motivo, se trató de un evento de amplísimo seguimiento por parte de la sociedad argentina que ocupó también en gran medida la atención de la prensa extranjera. Sin duda, fue el gran acontecimiento a cubrir durante 1985 tanto por la prensa nacional como internacional y, debido a su limitada difusión por televisión (tan solo se emitieron unos pocos minutos diarios, sin audio, que apenas dejaban constancia de que el juicio se estaba llevando a cabo), la prensa escrita tuvo un papel protagónico en la comunicación de todo lo que sucedía en la sala de audiencias.

En este contexto, la Editorial Perfil creó, bajo la dirección de Marcelo Pichel, una publicación ad hoc para realizar la cobertura completa del proceso judicial. De periodicidad semanal, El Diario del Juicio alcanzó una circulación masiva y unas importantísimas cifras de ventas y se erigió como la principal fuente de información periodística especializada, que incluía tanto notas sobre los testimonios de esa semana como artículos de carácter general sobre los aspectos más técnicos del juicio, contribuyendo así a hacerlos más accesibles al conjunto de la sociedad. Además, incorporaba en sus páginas finales la versión taquigráfica completa o parcial de algunas de las declaraciones.

Partiendo de la premisa de que los medios de comunicación intervienen sobre la sociedad, esta comunicación aborda el estudio de los treinta y seis números publicados de El Diario del Juicio entre el 27 de mayo de 1985 y el 28 de enero de 1986 para indagar en las formas en que esta publicación contribuyó a la comunicación pública de los discursos sobre el terrorismo de Estado producidos a lo largo de las audiencias del Juicio a las Juntas militares, así como para tratar de establecer qué narrativa sobre el Juicio construye el semanario en su cobertura del proceso judicial.

Argentina | última dictadura militar (1976-83) | Juicio a las Juntas | El Diario del Juicio

## **MEMÓRIAS DA COMUNICAÇÃO BRASILEIRA: UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES DO CONSUMO ENTRE IDOSOS**

**Isabel Feix**

isabelfeix@gmail.com

Universidade Católica Portuguesa, PT

O objetivo central desta comunicação é realizar a análise de algumas transformações econômicas e sociais ocorridas no Brasil, em meados do século XX, com foco principal na consolidação da comunicação e do consumo de massa. Este trabalho faz parte de minha investigação recém concluída, no âmbito de meu doutoramento, sobre a memória de idosos brasileiros sobre comunicação e consumo, realizada a partir de uma etnografia em um residencial de idosos de alto padrão localizado em um bairro nobre do Rio de Janeiro, no Brasil. Conjugando entrevistas e observação participante, proponho uma imersão nos relatos dos informantes com o objetivo de descobrir processos simbólicos que alicerçam as representações coletivas sobre esses temas. Assim, investigo as memórias de um conjunto de pessoas nascidas entre 1924 e 1952, enquadrando-as como um repositório de representações coletivas, em que se revelam ideias imaginadas sobre o período. Ao longo de três meses, em meio a pandemia de Covid, realizei um trabalho de campo, em que frequentei o espaço e realizei entrevistas e observação participante com os residentes, homens e mulheres que nasceram entre 1924 e 1952. O resultado foi uma etnografia das memórias desse grupo, que permitiu a recuperação de imagens, comportamentos e valores que caracterizam o período de 1930 a 1970 no Brasil. A partir dos depoimentos, tive acesso a um repositório de representações coletivas, em que se revelaram ideias imaginadas sobre o período de sua infância e juventude. Para complementar o quadro de análise, optei por não apenas ouvir os idosos residentes, mas também funcionários, cuidadores e seus familiares, buscando entender o seu modo de vida hoje, e o contexto em que se dão essas recordações. Baseada nas ideias expressas pelo conjunto de informantes, vislumbro finalmente analisar as transformações ocorridas em perspectiva, de forma que também se relacionem com a realidade atual. Assim sendo, no recorte de tempo escolhido, eles identificam diversas facetas de suas vidas que foram tocadas pelas transformações tecnológicas e sociais que passou o país, demonstrando uma aliança intrínseca entre a expansão da comunicação de massa e do consumo, em que imagens idealizadas de desenvolvimento e de modernização contribuíram para a consolidação de uma vida imaginada pelo capitalismo. Nesse sentido, se as décadas de 1930 a 1960 são retratadas pelos historiadores como de desenvolvimento econômico e avanço da industrialização, neste trabalho pretendo examiná-las a partir das lembranças desses informantes, que à época eram crianças e jovens curiosos com as novidades e atraídos por uma cada vez mais diversificada oferta de bens e serviços. Diante disso, percebo novas dinâmicas sociais se estabelecendo, entre elas hábitos de distinção e rituais de consumo que foram impulsionados por jornais, rádio, revistas, cinema e televisão. No período estudado, então, é possível identificar uma aliança intrínseca entre a expansão da comunicação de massa e do consumo, em que imagens idealizadas de desenvolvimento e de modernização contribuem para a consolidação de uma vida imaginada pelo capitalismo.

comunicação | consumo | memória | representação | idosos

# LOS DOS ENTIERROS DE FRANCO EN CLAVE FOTOGRAFÍA: PREGNANCIA, REELABORACIÓN Y TRANSGRESIÓN DE LA MATERIALIDAD FRANQUISTA

**Ana González Casero**

avagonzalezcasero@ucm.es

Universidad Complutense de Madrid, ES

Podemos servirnos del fósil como metáfora pretérita de un lugar, El Valle de los Caídos (ahora Cuelgamuros). El Valle es un osario masivo, un esqueleto petrificado edificado a fuerza de horadar una formación rocosa. El monumento tuvo pretensiones memorísticas desde su concepción, pues se trataba de conmemorar “la victoria” y rendir homenaje a los “caídos por Dios y por España”, y por tanto clausurar el recuerdo a través de una materialidad que perviviera en la cotidianidad (Solé, 2019: 299). Si bien es cierto que, en los años 60, se reorientó la significación del monumento como un símbolo de reconciliación, esto fue poco creíble porque el objetivo del discurso franquista era erosionar la memoria de la alteridad y que las víctimas republicanas quedaran eliminadas de cualquier proceso de reconocimiento. En primer lugar, se silenció las vicisitudes de la construcción del complejo por presos políticos en régimen de rendición de penas por trabajo. Por otro lado, se agravó a víctimas del bando republicano con el traslado de sus restos a El Valle desde fosas comunes en “un gesto de absorción limitada y condicionada de republicanos, siempre bajo la ideología nacional-católica” (Ferrándiz, 2011:489), con lo que el franquismo se apropió simbólicamente de los muertos republicanos allí depositados. Quedó latente en el enclave profundas cotas de dolor.

Sin embargo, la significación del lugar muda de piel a través de las políticas memorísticas que se activaron con la Ley de Memoria histórica de 2007 y la Ley de Memoria Democrática de 2021. La propuesta es que deje de ser un lugar de homenaje y apología del franquismo para transformarse en “un lugar de afirmación de la convivencia, la democracia y los derechos humanos, a la vez que, de rechazo de la violencia, la guerra y las dictaduras”. La actuación que inicia este proceso es la exhumación de Franco el 24 de octubre de 2019, evento con una fuerte carga simbólica. El dispositivo mediático supone un “contrarrelato” a las exequias de 1975 (Berthier, 2020: 2023). En esta comunicación examinamos las expresiones audiovisuales que generaron ambos acontecimientos, centrándonos en la fotografía por su capacidad testimonial, de evocación y su competencia en el proceso de resignificación. Frente a otro tipo de imágenes, la fotografía es especialmente propicia para esta tarea por su inmediatez e instantaneidad, por ser capaz de fijar lo que en otros soportes es sucesión. Tomamos como marco interpretativo los estudios de las representaciones narrativas e iconográficas de los escenarios de crímenes de masas y la migración de significados que les llevan a convertirse en “lugares de memoria” (Nora, 1984). La metodología desplegada conlleva un estudio formal y analítico de las imágenes, además de la lectura de los procesos sociales de circulación de las imágenes y su interpretación sobre la conformación de relatos basados en la memoria colectiva.

A partir de esta idea, observamos como el imaginario del pasado es transgredido, reelaborado, sustituido por la nueva producción icónica. Frente al esplendor de las ceremonias fúnebres de 1975 se impone un principio de sobriedad caracterizado por una cobertura limitada que deja fuera de campo el acto central (la exhumación y reinhumación) sellando el pasado de forma alegórica con una imagen ausente (Berthier, 2020: 232).

lugar de perpetración | lugar de memoria | producción icónica | Valle de los Caídos |  
resignificación

## **LA CONSTRUCCIÓN DE LA MEMORIA COLECTIVA DE LOS AÑOS 80 EN ESPAÑA A TRAVÉS DEL PROGRAMA `OCHÉNTAME OTRA VEZ` DE TVE**

**María Purificación Subires Mancera**

purificacion@uma.es

Universidad de Málaga, ES

Los archivos audiovisuales juegan un papel fundamental en la construcción y recuperación de la memoria colectiva de los pueblos y la elaboración de programas de televisión basados en el uso de imágenes de archivo contribuyen al cumplimiento de dicha función. El objetivo de este trabajo es el de analizar el caso de la serie documental `Ochéntame otra vez` de TVE, que combina las imágenes de archivo con entrevistas a personajes públicos que vivieron o tuvieron un papel relevante en la España de los años 80. La metodología de estudio se basa en el estudio de las temáticas abordadas en el programa y el análisis de contenido de una selección de dichos documentales. La muestra se compone de los documentales emitidos en el programa entre los años 2014 y 2020, disponibles en la plataforma RTVE Play (<https://www.rtve.es/play/videos/ochentame-otra-vez/>). A partir del estudio de los documentales debe destacarse la variedad de temáticas abordadas -medios de comunicación, cultura, economía, política, deportes, salud, sucesos, personalidades...-, ofreciendo una visión global y amplia de la cultura y formas de vida de la sociedad española de la década de los 80. Del mismo modo, debe resaltarse la cuidada y pertinente selección de las imágenes y de los testimonios en torno a los que se articula cada documental. Como principal conclusión puede destacarse el importante papel que la serie documental `Ochéntame otra vez` cumple en la construcción de la memoria colectiva de la sociedad española en torno a los años 80 del pasado siglo XX, mediante la recuperación de las imágenes de archivo de la televisión pública y la combinación de entrevistas donde se rememora lo acontecido durante aquella década, desde diferentes visiones y enfoques. El programa no solo contribuye a que las personas que vivieron aquella época puedan rememorarla, despertando -a través de las imágenes- recuerdos perdidos en el fondo de su memoria, sino que también permite que las generaciones más jóvenes, que no vivieron aquellos momentos, puedan conocerlos. Del mismo modo, también contribuye a la construcción de la memoria colectiva en torno a los medios de comunicación, en general, y la televisión, en particular, durante los años 80 en España.

archivos audiovisuales | memoria colectiva | España | años 80 | género documental



## **IMAGINARIOS Y MEMORIA DE LOS ESPECTADORES DE TELEVISIÓN EN ESPAÑA (1990- 2000)**

**Mar Chicharro-Merayo**

mdchicharro2@gmail.com

Universidad de Burgos, ES

Los años noventa supusieron la llegada de los canales privados al escenario televisivo español. Su presencia dio forma a un nuevo sistema dominado por contenidos de carácter comercial y espectacular que, en ocasiones, transgredieron las normas de la más elemental ética de la imagen, recibiendo el nombre de telebasura.

Este trabajo recupera la memoria colectiva de esta relevante etapa de la reciente historia de la televisión (1990-2000). Incide en los recuerdos, valores, imágenes y prácticas televisivas de entonces, utilizando el punto de vista del espectador. Conectando con las investigaciones sobre oralidad y memoria colectiva, el material de análisis utilizado son los discursos extraídos a través de un trabajo de campo propio, aplicando las técnicas cualitativas del grupo de discusión y la entrevista en profundidad.

El análisis de estos textos orales reconstruye un medio que se consumía grupalmente y que realizaba una intensa función de cohesión social. Aquella televisión se valora comparándola con la de hoy y se recuerda como más ingenua y equilibrada. De hecho, su valoración es, en general, positiva. Sin embargo, la memoria de los noventa identifica algunas dinámicas (la simplificación, reducción y sentimentalización de los contenidos, la mostración impúdica de la intimidad, la transgresión moral...) y valores (el machismo, el conservadurismo, el amarillismo...) en torno a la que los espectadores suelen articular una lectura de oposición. Paradójicamente, son estos espacios los que tienen mayor peso en los recuerdos. Se incide, además, en las novedades que se introdujeron y que siguen presentes en la pequeña pantalla contemporánea. Se pone de manifiesto, igualmente, como el debate en torno a los límites y el deber ser de la televisión sigue abierto. De alguna manera, y paradójicamente, los espectadores señalan como el desarrollo histórico del medio es percibido en términos de involución.

televisión | espectadores | España | metodología cualitativa

# **FUENTES PARA UNA NUEVA “MEMORIA TELEVISIVA”: LOS RECUERDOS DEL CONSUMO AUDIOVISUAL DURANTE LA PANDEMIA DE LAS AUDIENCIAS JUVENILES ANDALUZAS EMIGRADAS A EUROPA**

**Juan Francisco Gutiérrez Lozano**

jfg@uma.es

Universidad de Málaga, ES

La reciente emigración juvenil española hacia el extranjero, sobre todo hacia Europa, ha sido un fenómeno demográfico relevante producido a partir de la crisis económica de 2008. El desempleo, las políticas de austeridad y la precariedad del mercado de trabajo, entre otros factores, provocaron lo que se denomina “nueva ola” de la emigración española (Capote y Fernández, 2021). Una migración interior en Europa que recordó, pese a sus diferencias, a la producida durante la segunda mitad del siglo XX, de nuevo protagonizada por las cohortes más jóvenes de la población. También como hecho repetido, algunos países, como España, Portugal o Italia, o algunas regiones en concreto, como Andalucía, fueron destacados puntos de origen. En comunidades como Andalucía, con factores estructurales de atraso y grave afección del paro juvenil, entre 2008 y 2021 el INE contabilizó un total de 53.937 personas andaluzas de entre 20 y 39 años emigradas con destino al extranjero (INE, 2009-2021). Justo en los años anteriores a la pandemia (entre 2016 y 2020) se produjo una desaceleración del proceso, si bien en 2021 comenzó de nuevo a crecer la cifra de jóvenes andaluces que marchaban al exterior, especialmente a Europa y por razones principalmente económicas, aunque ahora con un perfil diverso y que difiere de quienes se marcharon en los años sesenta y setenta.

Objetivos: La literatura académica existente sobre este fenómeno migratorio reciente se dedica desde hace no mucho a analizar las vertientes complejas del mismo, ya no solo económicas y demográficas, sino también comunicativas, de esta diáspora. En este sentido, y continuando con una línea de investigación en torno a la memoria y a los consumos televisivos de toda la emigración española, esta comunicación plantea identificar las prácticas prevalentes entre la actual juventud andaluza emigrada en Europa. El propósito es el de encontrar las similitudes y divergencias con las comunidades de la emigración española en el siglo XX, así como, de manera concreta en esta ocasión, indagar en qué medida la pandemia de la Covid-19 afectó, durante 2020, a sus hábitos de consumo audiovisual (informativo y de entretenimiento), y a la conexión con contenidos procedentes de la televisión española. Metodología: A partir de una estrategia de metodología cualitativa y de entrevistas grupales realizadas de modo presencial con estas personas en sus nuevas localidades de residencia (Londres, París, Berlín), se analizarán los discursos de cerca de una treintena de personas jóvenes residentes durante la pandemia en estas ciudades, para identificar sus prácticas y sus recuerdos televisivos del confinamiento. Las conclusiones esperables buscarán determinar si se puede anticipar que la memoria televisiva de este hecho histórico vendrá condicionada, o no, por las prácticas particulares que la experiencia migratoria agregó a la propia transformación provocada por la pandemia. Esta investigación forma parte del Proyecto de Investigación UMA20-FEDERJA-063 “La juventud andaluza en el exterior y la influencia de los medios de comunicación en la decisión de retorno”, financiado por el Programa Operativo FEDER 2014-2020-Junta de Andalucía.

televisión | memoria | emigración | juventud | Europa

## **DE DÓNDE VENGO YO: DIÁLOGOS ENTRE MEMORIA E HISTORIA DESDE EL AULA DE HISTORIA DE LA COMUNICACIÓN**

**Eduardo Gutierrez**

[gilberto.gutierrez@javeriana.edu.co](mailto:gilberto.gutierrez@javeriana.edu.co)

Pontificia Universidad Javeriana, CO

Desde hace 10 años he tenido la oportunidad de desarrollar como proyecto final de la clase de historia de la comunicación de masas un ejercicio de recuperación de la memoria familiar en el que aparte de responder por la pregunta acerca de la vinculación del estudiante con la comunicación se recupera la memoria familiar desde el inicio del siglo XX y este ejercicio testimonial y de memoria oral no solo se preserva como archivo sino que se convierte en una pieza de comunicación audiovisual en stop motion que responde a la pregunta ¿De dónde vengo yo? Inspirado en el título de la canción del grupo de música del pacífico Chocquibtown y orientado a relatar la propia memoria y la memoria colectiva. La presente ponencia muestra las dinámicas propias del ejercicio de tornarse agente implicado en la construcción de la historia y la memoria, así como recoge la diversidad de narrativas en las que se juega el sentido de los jóvenes sobre su propia historia en el país y en la red de sus vínculos familiares y sociales.

memoria colectiva | historia de la comunicación | enseñanza de la historia de la comunicación narrativas de la memoria

# LA «MEMORIA COLECTIVA» DEL PERIODISMO ESPAÑOL CONTEMPORÁNEO: HORIZONTES Y RETOS PARA SU ESTUDIO, CONSTRUCCIÓN E INTERPRETACIÓN

**Rubén Cabal Tejada**

rubencabalt@gmail.com

Universidad de Oviedo / Sorbonne Nouvelle, ES

Esta comunicación aborda la posibilidad de establecer un programa de investigación dentro de la disciplina de la Historia de la comunicación que tenga como objeto la «memoria colectiva» del periodismo español contemporáneo. El punto de partida de estas reflexiones es una tesis doctoral en cotutela entre la universidad de Oviedo y la Sorbonne Nouvelle defendida en 2020. Este trabajo contaba un doble interés: conocer la historia empresarial de un diario regional, La Voz de Asturias (1923-2012) y, además, aproximarse a lo que se calificó entonces como la «memoria colectiva» de este diario (esto es, las representaciones compartidas sobre su propio pasado, siguiendo la definición de Marie Claire Lavabre, que conserva y enuncia desde el presente su personal de redacción, dirección o administración, etc.). Para este último propósito se recurrió a la metodología de la historia oral, realizándose entonces unas 58 entrevistas. En efecto, durante su desarrollo, así como en su posterior tratamiento y análisis, surgió la hipótesis de estar acercándose de este modo a una realidad más amplia de la que, en principio, pretendía estudiarse. El material recolectado, no se trataba así ya de la «memoria colectiva» de los periodistas de La Voz de Asturias sino de la «memoria colectiva» del periodismo regional asturiano, puesto que muchos de los recuerdos traídos a colación por los informantes excedían el marco de esta organización y conectaban con vivencias compartidas con los redactores de La Nueva España, Región o La Voz de Avilés, entre otros (como, por ejemplo, la aplicación de la censura, la dificultad de las comunicaciones, el avance de los medios técnicos, etc.).

Actualmente, en el contexto de un proyecto de investigación postdoctoral, estoy tratando de aplicar la metodología ensayada en mi tesis al espacio del periodismo madrileño durante el tardofranquismo y la transición en aras, precisamente, de continuar explorando la cualidad de ese conjunto de experiencias que, a falta de una noción más precisa, se ubican en el territorio de lo que conocemos como la «memoria colectiva». Más precisamente, he priorizado dos elementos sobre los que centrar mi atención en esta investigación: el papel de los periodistas madrileños en relación al cambio político (o, más bien, cómo se perfilan los «marcos sociales de la memoria», siguiendo a Halbwachs, en torno a este punto) y la experiencia vivida de la violencia política dirigida entonces hacia este colectivo profesional. Una primera parte de esta comunicación busca así presentar aquellos elementos que, en relación a esta problemática, pueden considerarse como constitutivos de esa realidad emergente que identificamos con la «memoria colectiva» del periodismo español contemporáneo, y, exponer las dificultades, a nivel práctico, que esta labor entraña (entre otras, en relación al hándicap del a posteriori). Por último, me gustaría hacer alusión a la complejidad o al valor de interpretar el material de las entrevistas orales desde una óptica historiográfica tradicional pudiendo plantearse una alternativa a este respecto desde los presupuestos del «giro hermenéutico» de las ciencias sociales.

memoria colectiva | periodismo | giro hermenéutico | tardofranquismo | transición

## **PRENSA LOCAL Y MEMORIA: VOCES Y ACTORES EN EL PUERTO DE SANTA MARÍA (1882- 1938)**

**María del Carmen Montoya Rodríguez**

mcmontoya@us.es

Universidad de Sevilla, ES

Este estudio de caso parte de una investigación sobre los fondos en el Archivo Municipal de El Puerto de Santa María. Se expondrán evidencias sobre el papel de la prensa portuense como vocera de la opinión pública y su vocación preferente de denuncia, en oposición frontal con Revista portuense, el periódico hegemónico de la localidad, de perfil conservador. La metodología crítica permitirá identificar los protagonistas de esta pluralidad de voces y clarificar las funciones de los distintos actores políticos y periodísticos implicados, con el objetivo de desterrar falsos tópicos que pesan sobre la prensa local y las dificultades para consolidar medios que mantienen un discurso crítico con los caciques y los grupos dirigentes. Esta función política, decisiva, esa es la hipótesis, no estuvo reñida con la necesidad de construir proyectos periodísticos solventes y rentables (Laguna-Platero y Martínez-Gallego, 2020). Se indagará en los vínculos económicos que sostienen materialmente esta otra prensa, ajena a los grandes intereses. Se propone, por tanto, una indagación en los vínculos del discurso y la red de poderes, particularmente de estos discursos no hegemónicos.

El estudio del Puerto de Santa María como centro periodístico ha quedado reducido a apreciaciones generalistas, como la enumeración y datación de sus principales cabeceras y su adscripción ideológica (Checa, 2011; Baena, 2009; Langa y Romero, 2009; Bartolomé, 1997) o el análisis de contenidos de alguna cabecera particular en estudios de historia política (Gatica, 2004). La aportación portuense a la historia del periodismo (Montoya, 2023), en un tiempo decisivo para la conformación de la moderna prensa de masas (entre 1882 y 1938), requiere de un estudio más profundo. La memoria local se ha construido sobre la base de una única fuente periodística: el medio local financiado y sostenido ideológicamente por la familia Pérez (Revista portuense). Este trabajo rescata del olvido otras aportaciones del periodismo portuense, otras voces y discursos, que sirvieron de contrapunto en el equilibrio de medios o que, puntualmente, entraron en franca confrontación con los planteamientos allí defendidos.

historia del periodismo | memoria | prensa local | El Puerto de Santa María | Periodistas

# APUNTES PARA LA REPRESENTACIÓN FÍLMICA DE LOS CAMPOS DE CONCENTRACIÓN EN GRAN CANARIA: ANÁLISIS DE PROPUESTAS

**Daniel Barreto González**

danielbarreto2005@yahoo.es

Instituto Superior de Teología de Canarias, ES

**Amaury Santana Marrero**

asmarrero@ufpcanarias.es

Universidad Fernando Pessoa Canarias, ES

El propósito de esta comunicación es iniciar un análisis ético y estético de la representación fílmica de los campos de concentración franquistas de Gran Canaria. El primer paso consistirá en analizar los materiales audiovisuales más relevantes relativos a los dos campos de concentración insulares: el de la Isleta, en activo desde julio de 1936 a febrero de 1937; y el del Lazareto de Gando, en funcionamiento entre febrero de 1937 y octubre de 1940. En próximas investigaciones buscamos convertir los resultados de estos análisis en el punto de partida de una propuesta de ensayo fílmico.

Estos espacios son resultado de decisiones planificadas de una política de Estado para articular un fenómeno represivo en Canarias. La represión cumplió un doble objetivo: desarticular la oposición al golpe de Estado y pacificar la retaguardia. Este aparato represivo se desarrolló dentro de un proceso en paralelo. Por un lado, el planteamiento represivo establecido por las nuevas autoridades a través de sentencias condenatorias y ejecuciones. Por otro lado, la puesta en funcionamiento de infraestructuras carcelarias debido al elevado volumen de detenciones. Entre ellas destacan los centros de internamientos entre los que figuran los campos de concentración de la Isleta y de Gando.

Hay escasas producciones audiovisuales sobre el particular. Destacan dos producciones para televisión, en las que los campos no son el tema central. En primer lugar, la serie documental *La memoria recobrada*, dirigida por Alfonso Domingo en una producción delegada para TVE y emitida en la 2 en el año 2006, donde el capítulo *Huesos* se dedica a los comienzos de la Guerra Civil en Canarias. El segundo documental se titula *El lazareto de Gando*. El albergue del tiempo, producido para Este Canal TV, versa sobre el conjunto de la historia del lazareto y considera la etapa concentracionaria un episodio entre otros.

El criterio interpretativo con el que abordaremos el material audiovisual es la distinción, inspirada en Walter Benjamin, entre memoria cerrada y memoria abierta. La primera representa un pasado concluido y transmite didácticamente la historia. La segunda, en cambio, remite a un pasado móvil, que compromete nuestra responsabilidad hoy.

A través del análisis de ambos ejemplos documentales, nos preguntamos: ¿Qué relación mantienen con el pasado los documentos de los campos de concentración grancanarios? ¿La de una memoria abierta o cerrada? ¿Qué formas fílmicas procuran un tipo de memoria u otra? ¿Qué relación hay entre la idea de patrimonio y la memoria abierta? Estas cuestiones, en el fondo, vuelven a plantear la distinción sugerida por Godard entre el “pensamiento que forma” y “la forma que piensa”.

franquismo | memoria | campo de concentración | documento audiovisual | análisis fílmico

## **LA GUERRA NO ES UN JUEGO: UN ANÁLISIS LUDONARRATIVO DE RECONSTRUCCIÓN Y MATACHINES**

**María Inmaculada Tobar-Fernández**

mtobar@us.es

Universidad de Sevilla, ES

El presente trabajo propone estudiar el videojuego como ejercicio de memoria histórica que permite la rescritura de la memoria la colectiva o forma de recuerdo del pasado a partir de los relatos de vida de las víctimas y las voces silenciadas como fuente histórica principal, frente a las memorias oficiales y la reconstrucción bélica impuesta por los medios de comunicación tradicionales y oficiales. Para ello se realiza un análisis de la experiencia de juego, de la narración y del mundo lúdico/narrativo de los videojuegos Reconstrucción (Pathos Audiovisual, 2016) y Matachines (Ortega et al., 2021). El estudio realizado nos permite afirmar que existen videojuegos, como los que aquí presentamos, cuyas narrativas y mecánicas no pretenden hacer una narración objetiva y apolítica que describa lo que realmente pasó (y sigue pasando), sino una crítica estructural de la realidad de la guerra en general, y en concreto del conflicto armado de Colombia, interpretando el presente y el pasado a partir de diferentes voces y del diálogo entre ellas. Esta legitimación de experiencias de vida promueve una dignidad colectiva que contribuye a sanar las heridas y, a su vez, a que esta violación sistemática de los derechos fundamentales no se repita.

videojuego | guerra de Colombia | memoria colectiva

## **LAS VÍCTIMAS DEL CONFLICTO COLOMBIANO Y EL TERRORISMO EN EL PAÍS VASCO EN EL CINE DE FICCIÓN. UNA REPRESENTACIÓN CONSTANTE CON ALTIBAJOS (1964-2017)**

**Aitor Díaz-Maroto Isidro**

[aitor.diaz@uah.es](mailto:aitor.diaz@uah.es)

Universidad de Alcalá, ES

En este estudio partimos del análisis de la filmografía de ficción que gira en torno a la violencia política en el País Vasco y Colombia (1964-2017) para acercarnos a la forma de representar a las víctimas de esta. Mediante el visionado y reflexión en torno a las víctimas que se presentan en cada uno de los filmes centrada en la construcción del personaje, su rol en la trama (protagonista/antagonista) y su relación con el resto de los personajes, podemos observar una evolución en la figura de la víctima. Partimos de unos primeros ejemplos en los que el victimario llevaba toda la carga protagónica en la trama, quedando la víctima como un personaje secundario o al que no se le debía prestar atención. Lo relevante era representar el por qué el victimario actuaba de aquella manera, sus venturas y desventuras, y el camino que este andaba. Ya en la actualidad, la víctima ha extendido su tiempo en pantalla y ha cobrado una relevancia importante, quedando así demostradas unas similitudes y diferencias entre ambos casos estudiados. Este trabajo nos permite observar que, según han avanzado ambas experiencias de violencia política, las víctimas han comenzado a colocarse en el centro de un discurso histórico y memorial filmico que conlleva una apuesta decidida por reconocerlas como parte indispensable de los escenarios de postviolencia. No obstante, la gran diferencia entre el caso vasco y el caso colombiano estriba en dos líneas muy claras: la presencia de la víctima con roles relevantes en los filmes colombianos y el lento avance del protagonismo de las víctimas en las películas sobre el terrorismo en el País Vasco. Esto ha acabado construyendo una idea muy diferente en ambos casos sobre el rol mismo de víctima: mientras que en Colombia se ha optado por un concepto más amplio y un reconocimiento inmediato (lo que ha permitido ese papel protagónico en la ficción), para el caso vasco nos encontramos con unos constantes vaivenes que, en los últimos años de esta investigación, parecen haberse decantado por una relevancia y protagonismo total de la víctima de terrorismo.

cine | víctimas | Colombia | País Vasco | ficción | violencia política



# GLÓRIA – UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA PORTUGUESA

**Luana Parisius de Lima**

[luana9797@gmx.de](mailto:luana9797@gmx.de)

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Universidade Católica Portuguesa, PT

**Catarina Duff Burnay**

[cburnay@ucp.pt](mailto:cburnay@ucp.pt)

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Universidade Católica Portuguesa, PT

A ficção histórica é um meio popular através do qual indivíduos se informam sobre o passado. É parte de um processo contínuo através do qual a memória coletiva pode ser criada, reforçada e reconstruída. Ao abordar questões e assuntos que não são discutidos na esfera pública de uma forma recorrente, encoraja os espectadores a refletir criticamente e a tomar consciência do seu passado.

Partindo da análise da série Glória, primeira produção portuguesa para a Netflix, procura-se compreender o papel da ficção audiovisual na construção de uma ideia partilhada de memória coletiva através da criação de um mundo histórico (histosphere, Greiner, 2021). A série decorre em 1968 e tem como epicentro a Raret, centro de retransmissão em Portugal que difundiu propaganda anticomunista para o bloco de Leste de 1951 a 1996 e cuja existência não é do conhecimento geral da população portuguesa. Para além disso, retrata as experiências quotidianas das vivências durante o Estado Novo, através de tramas paralelas e personagens tipificadas.

A investigação teve por base a realização de uma análise de conteúdo à série e a realização de entrevistas a três agentes pertinentes para a produção da série: Pedro Lopes (criador e argumentista da série), Miguel Nunes (protagonista), e Carolina Amaral (personagem central), permitindo compreender opções narrativas e as soluções estéticas e artísticas.

Embora se trate de um estudo de caso, logo, sem ambição de generalizações, a sua análise leva-nos a concluir que “Glória” desempenha um papel ativo na contribuição para a (re)construção da memória coletiva portuguesa através da construção de um mundo histórico (histosphere) pouco conhecido, situando as personagens fictícias dentro dele e teorizando como eles lidariam com os desafios da época. Isto permite ao público imergir na histosphere, perceber os desafios dos personagens e tomar consciência das experiências de indivíduos de diferentes grupos sociais que viveram num determinado período, reforçando o papel sócio-cultural dos conteúdos audiovisuais.

ficção histórica | memória coletiva | Glória | Raret | Estado Novo

# LA MEMORIA DE 2021, “AÑO DE LA INDEPENDENCIA Y LA GRANDEZA DE MÉXICO”: CONMEMORACIONES Y RELATOS DEL PASADO

**Inmaculada Verdú Sánchez**

inmaaverdu@gmail.com

Universitat de València, ES

La presente comunicación tiene como objeto de estudio las políticas de conmemoración desarrolladas en México con motivo del Bicentenario de la consumación de la Independencia en 2021 por cuanto suponen una excelente oportunidad para indagar en la creación de memoria colectiva y el uso que de ella se realiza para la afirmación de la identidad nacional. Esto se debe a que el proceso histórico de la independencia mexicana es el pasado referencial a partir del cual se ha construido e inventado una determinada idea de nación cultural e históricamente homogénea, la cual se vio interpelada durante las conmemoraciones de 2021.

El caso mexicano presenta, además, una particularidad con respecto al resto de países iberoamericanos que también celebraron su Bicentenario por esas fechas: en 2021 se celebraron no sólo los doscientos años de la consumación del proceso de Independencia, sino también los quinientos años de la caída de México-Tenochtitlan. De ahí que el 2021 fuera anunciado como el “Año de la Independencia y la Grandeza de México”, pues las conmemoraciones de ese año tuvieron un sentido especial, al presentarse como un momento idóneo para que la sociedad mexicana reflexionara sobre el pasado, el presente y el futuro de la nación.

El presente trabajo tiene en cuenta la perspectiva analítica de Pierre Nora en su pionera obra *Les Lieux de Mémoire*, en la cual planteó la necesidad de atender a los mecanismos de construcción de las memorias colectivas de las sociedades para comprender cómo se institucionaliza la historia nacional. Su estudio se ha convertido en un referente para realizar una historia crítica de la memoria a través de los principales puntos en los que ésta cristaliza, esto es la construcción de un modelo de relación entre la historia y la memoria. Con el concepto *Lieux de Mémoire*, el historiador francés buscaba analizar la historia nacional, sus representaciones y símbolos.

El objetivo, pues, es abordar los diferentes discursos políticos y de nación que, en el contexto de la celebración del Bicentenario de la Independencia mexicana, fueron elaborados por el ejecutivo federal. Con ello se pretende analizar de qué forma la conmemoración histórica ha sido un momento esencial para actualizar la memoria colectiva de los mexicanos, en la medida que la Independencia es un auténtico *lieux de mémoire*. Del mismo modo, también permite estudiar los usos públicos que de la historia nacional se produjeron durante la celebración bicentennial, dando lugar a una utilización partidista del pasado nacional. En definitiva, se trata de indagar en la relación que la historia y la memoria tienen a la hora de construir un presente que se cimiente sobre un discurso del pasado y con el objetivo de analizar los usos públicos que desde nuestro prisma actual ofrece el estudio de la historia.

México | conmemoración | independencia | nación

# **O GOLPE FRACASSADO DE 8 DE JANEIRO DE 2023: ANÁLISE SONORA DAS NOTÍCIAS DO ATAQUE À DEMOCRACIA BRASILEIRA NAS RÁDIOS PÚBLICAS NACIONAL (BRASIL) E ANTENA 1 (PORTUGAL)**

**Izani Mustafá**

[izanimustafa@gmail.com](mailto:izanimustafa@gmail.com)

Universidade Federal do Maranhão – Imperatriz, BR

**Erivelto Amarante**

[novo.eri@gmail.com](mailto:novo.eri@gmail.com)

Universidade Federal do Paraná, BR

Em 8 de janeiro de 2023, grupos bolsonaristas extremistas invadiram as sedes dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário em Brasília, capital do Brasil, e destruíram escritórios e monumentos públicos, saquearam armas e obras de arte e praticaram uma série de crimes contra a República e a ordem democrática. Os ataques aos Três Poderes tinham como objetivo principal o fim do Estado de Direito e a volta do regime autoritário (1964-1985), por meio de uma intervenção militar. O episódio fez lembrar a invasão do Capitólio dos Estados Unidos, em 6 de janeiro de 2021, e também ganhou repercussão internacional imediata. Embora sendo um acontecimento recente, este evento está diretamente relacionado com a história política do Brasil, que atravessou uma ditadura militar sangrenta na maior parte da segunda metade do século XX. Mesmo após mais de 35 anos de democracia, o autoritarismo ainda deixa marcas no tecido social e testa a força das instituições políticas. Diante desse contexto, esta pesquisa pretende analisar a cobertura sonora dos ataques extremistas aos Três Poderes de 8 de janeiro de 2023 em Brasília (BR) nas duas principais emissoras públicas do Brasil e de Portugal: a Rádio Nacional de Brasília e Antena 1 de Lisboa (PT), respectivamente. A escolha dos objetos também nos permite tratar do serviço público de radiodifusão oferecido pelos dois países, operados pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC) e Rádio e Televisão de Portugal (RTP). Nosso principal objetivo é identificar as semelhanças e diferenças no conteúdo editorial das transmissões informativas dos dois países. Para tanto, foram definidos para a amostra os programas “Repórter Nacional”, da Rádio Nacional de Brasília – que também vai ao ar em rede as demais rádios da EBC –, e “Noticiário Nacional”, da Antena 1. Ambos são veiculados às 18 horas, horário local. O recorte temporal será entre 9 e 13 de janeiro. O dia 8 não será analisado, pois o noticiário brasileiro não vai ao ar aos domingos. Para a metodologia, vamos utilizar o referencial da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin. Entre as categorias, vamos verificar o tempo ocupado em cada jornal e os personagens mais citados. A pesquisa encontra-se em seu estágio preliminar, de catalogação e arquivamento do material, que está disponível para consulta on-line no website das emissoras. Por esta razão, ainda não dispomos dos resultados e das conclusões.

Rádio Nacional de Brasília | Antena 1 | 8 de janeiro de 2023 | democracia | jornalismo

## **REPRESENTACIONES CULTURALES Y DISCURSOS EN TORNO A LA CONVENCION REVOLUCIONARIA. IMÁGENES FOTOGRÁFICAS Y CARICATURAS DE PRENSA DURANTE LA GUERRA DE FACCIÓNES EN MÉXICO (1914-1915)**

**Luciano Ramírez Hurtado**

lramirez@correo.uaa.mx

Universidad Autónoma Aguascalientes, MX

Aunque existen numerosos trabajos sobre el proceso de la llamada Revolución Mexicana, una de sus fases como lo es la Soberana Convención Revolucionaria ha recibido escaso interés de parte de los historiadores, sobre todo desde el punto de vista de las imágenes. La Convención, debe entenderse como el período en que los distintos movimientos y fuerzas revolucionarias –una vez que derrocaron al régimen del general Victoriano Huerta, a mediados de 1914- empezaron con discordias entre ellas, amenazaba una nueva guerra civil ahora de carácter intra revolucionario; quienes aborrecían la posibilidad de lucha entre “hermanos revolucionarios” –y los hubo en todas las facciones- se reunieron para convenir el futuro del país, acordar la forma de gobierno y buscar la manera de realizar cambios drásticos de carácter social, económico y político; tales propósitos quedaron en buenas intenciones, no hubo acuerdos duraderos porque los caudillos o líderes no estuvieron dispuestos a perder sus posiciones de poder y las facciones revolucionarias se aprestaron a disputarse el dominio por la vía armada; se enfrentaron, en realidad, dos ideas de Revolución, dos proyectos de nación. En este trabajo me propongo analizar fotografías y caricaturas de prensa publicadas en revistas y diarios controlados por la facción constitucionalista (liderada por Venustiano Carranza), interesada en desprestigiar a su adversaria, esto es, al gobierno de La Convención (sostenido con las fuerzas de Francisco Villa y Emiliano Zapata). Busco demostrar que a la par que se buscaba derrotar al enemigo en los campos de batalla, también hubo guerra de imágenes en los medios impresos de propaganda política de la época; la manipulación de los discursos textuales en relación con una cuidadosa selección de las imágenes fotográficas y la caricatura de prensa, en aras de una legitimidad política, ganar adeptos para su causa y el ejercicio del poder queda de manifiesto durante la llamada guerra de facciones revolucionarias a finales de 1914 y hasta mediados de 1915, siendo una vencedora la carrancista o constitucionalista, cuyo uso de medios impresos ilustrados sumamente agresivos y mejor organizados tuvieron claro que había que destruir al enemigo con todos los medios que tuvieron a su alcance. La facción derrotada, la de la Convención, fue relegada muchos años al olvido institucionalizado.

prensa escrita | revolución | imágenes | manipulación | discurso

# ECOLOGIA DA MÍDIA E MOMENTOS DE RUPTURA SOCIO POLÍTICA NO BRASIL: UM PARALELO ENTRE O PASQUIM E MÍDIA NINJA

**Vinícius Zuanazzi**

[zuanazzivinicius@gmail.com](mailto:zuanazzivinicius@gmail.com)

Universidade do Minho, PT

**Moisés de Lemos Martins**

[moisesm@ics.uminho.pt](mailto:moisesm@ics.uminho.pt)

Universidade do Minho, PT

O presente artigo propõe uma investigação de síntese histórica qualitativa e comparativa sobre a mudança que a Ecologia da Mídia/ecossistema midiático apresentou entre os séculos XX e XXI, tendo como pano de fundo a comunicação alternativa no Brasil. Ou seja, nos referimos à imprensa alternativa surgida a partir do final dos anos 1960, que teve seu auge nos anos 1970 e ainda atingiu resquícios de abrangência durante os 1980; e a posterior mídia alternativa digital, que pode ser considerada, de certa forma, como uma continuidade do que foi a anterior.

Para fins de melhor compreensão e exemplificação dos recortes temporais, foram escolhidos dois veículos de mídia que representam cada período, sendo O Pasquim um marco da comunicação alternativa durante o Ato Institucional Número 5 (AI-5) da ditadura militar; e a Mídia Ninja, uma referência na cobertura das manifestações de rua ocorridas no Brasil, em 2013, conhecidas como Jornadas de Junho. Ambos os veículos se destacaram em momentos de ruptura sociopolítica brasileira, e mostraram vanguarda ao produzir jornalismo. Assim sendo, será construída uma síntese histórica sobre o início destes, inseridos em diferentes ecossistemas midiáticos.

A Ecologia da Mídia vem transmutando-se desde a segunda metade do século XX até o século XXI. Com o avanço da internet, dos dispositivos móveis digitais e, conseqüentemente, das redes sociais digitais/Web 2.0, um mundo novo emergiu dentro do ecossistema midiático, com reflexos diretos nos veículos de comunicação. Valendo-se dos dois produtos midiáticos já citados como pontos de referência para uma análise comparativa, este artigo analisou dois momentos antagônicos com relação às ferramentas da Ecologia da Mídia, mas aproximados na instabilidade política vivida no Brasil. A estagnação da mídia hegemônica observou surgir, em ambos os casos, novos atores dentro do jornalismo, que trouxeram com eles novos modus operandi, resultando em quebras no andamento e no futuro que se traçou da profissão jornalística a partir de seus marcos iniciais.

mídia alternativa | ciências da comunicação | ecologia da mídia | O Pasquim |  
mídia ninja

## TRANSICIÓN POLÍTICA URUGUAYA Y MEMORIA SONORA (1980 – 1984)

**Antonio Pereira**

[antonio.pereira@fic.edu.uy](mailto:antonio.pereira@fic.edu.uy)

Facultad de Información y Comunicación/UDELAR, UY

Esta presentación aborda el uso de los casetes de audio como medio de comunicación no formal durante la transición política uruguaya entre 1980 y 1985. Se enmarca en un proyecto de mayor alcance que se denomina Sonidos en Transición 1980 – 1990, que busca rescatar y analizar parte de la memoria sonora de la historia reciente del Uruguay, y que se desarrolla desde el año 2018 en la Facultad de Información y Comunicación de la Universidad de la República (FIC-UDELAR). En esta ponencia se hace foco en el estudio de dos casetes de audio que fueron realizados en ocasión de la celebración del día de los trabajadores el 1 de mayo de 1983. Este fue el primer acto de estas características autorizado desde el golpe de Estado en 1973. En estos dos casetes encontramos: por primera vez la grabación completa del discurso del acto del día de los trabajadores que fue grabado para ser enviado a los integrantes de la Mesa de la Convención Nacional de Trabajadores (CNT) en el exilio. El segundo es un casete que recopila información sobre el acto desde que fue hecha pública su convocatoria, hasta las repercusiones en los días posteriores. Este último fue producido por el Comité de Defensa de los Derechos Humanos en Uruguay – Toronto. La presentación reflexiona sobre la forma en que las nuevas tecnologías han colaborado con el acceso a diferentes fuentes históricas que permiten ampliar y complementar la mirada sobre distintos procesos históricos. En el caso del Uruguay la modalidad de crear y conservar registros sonoros por diferentes actores políticos y sociales se convirtió en una práctica habitual durante de su última dictadura cívico militar (1973 -1984). El uso de casetes como forma de comunicación política se utilizó desde el inicio del período dictatorial, pero producto que durante la primera mitad de la década de los ochenta se dieron varios hitos en torno al proceso de transición democrática - sumado al desarrollo de la tecnología y el abaratamiento de los costos- hicieron que el uso del casete como medio de comunicación adquiriera un lugar relevante en el entramado comunicacional que transitó el país hacia la apertura democrática. El grabar, reproducir, e intercambiar: noticias, informaciones, opiniones y discursos se convirtieron en un elemento significativo del debate sobre la vida política del país convirtiéndose en una práctica comunicacional relevante en el período estudiado. A lo largo del trabajo se las analiza en función de su contexto de producción, en especial porque en un contexto de censura la posibilidad material de grabar y compartir audios no solo fue una forma de transmitir información, sino que además permitió cierta experiencia compartida entre emisores y receptores. Esto llevó a desarrollar una serie de ritualidades y rutinas que estaban asociadas a una nueva forma de oralidad, y a nuevas prácticas de escucha por parte de los oyentes, constituyéndose en parte de la memoria histórica del período de transición democrática en el Uruguay.

historia | medios de comunicación | transición democrática | memoria

## **A CASA DA GISBERTA: RUÍNAS DE UMA TRANSEXUAL BRASILEIRA EM PORTUGAL**

**Maria Livia Roriz**

[marialiviaroriz@gmail.com](mailto:marialiviaroriz@gmail.com)

Escola de Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, BR

O trabalho objetiva mostrar como os jornais portugueses Público e o Observador lembraram o caso da transexual brasileira Gisberta, sobretudo no décimo aniversário de sua morte, momento considerado como síntese para a reinstauração da memória do acontecimento trágico. Procuraremos evidenciar de que forma os periódicos revisitam o acontecimento e como o trágico se apresenta como nexos narrativos das notícias. O foco recai sobre a questão das ruínas, como elemento de reatualização e transformação do passado no presente. A morte de Gisberta representou um marco na luta por leis que protegessem a população LGBTQIA+. Pode-se dizer que a ruína de uma vida que foi massacrada por mãos humanas no concreto do prédio, ainda hoje em ruínas, deu origem a movimentos de visibilidade a uma população que já vivia nos escombros. Foi a morte de Gis que fez brotar uma série de ações protetoras e humanas. A construção desse trabalho é parte de uma pesquisa maior realizada na cidade do Porto com a população de mulheres transexuais brasileiras. Durante a estadia pode-se realizar tanto uma imersão no local do assassinato, o prédio Pão de Açúcar, como entrevistas com as transexuais brasileiras que vivem em Portugal. Além disso, observamos, a partir da publicação de notícias nos jornais portugueses, como as transexuais apareciam ali representadas. Para este artigo, optamos pela análise concentrada nos jornais o Público e o Observador, já referidos anteriormente.

transexualidade | memória | Gisberta | Portugal | ruínas

# O JORNALISTA DIANTE DA MORTE: MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA NA COBERTURA DA COVID-19 NO BRASIL

**Vanessa Maia**

[vanesssamaia@gmail.com](mailto:vanesssamaia@gmail.com)

Universidade Federal de São João del-Rei/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, BR

**Marialva Barbosa**

[marialva153@gmail.com](mailto:marialva153@gmail.com)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, BR

Em tempos que ainda não de vir, quem há de guardar a memória do que foi a Covid-19 no Brasil? As centenas de famílias enlutadas ou os que narraram a tragédia, nas milhares de páginas de jornais e horas de transmissão televisiva e radiofônica? Esta questão revisita a problematização de Paul Ricouer (2007) sobre a memória pessoal e a memória coletiva e é o tema chave deste trabalho que pretende estudar a cobertura da Covid-19 pelos jornalistas brasileiros que estiveram diante da morte durante a pandemia que assolou o país. Interessa a este estudo investigar se existe uma memória comum a um grupo que seja capaz de diferenciá-los dos demais. Ainda no âmbito das questões que norteiam a pesquisa, pretende-se entender se um acontecimento partilhado seria capaz de reforçar sentimentos de pertencimento. Tomando como base os estudos de Maurice Halbwachs (1968), a memória coletiva teria a capacidade de funcionar positivamente, no reforço da coesão social pela adesão afetiva. Dai forja o termo “comunidade afetiva”. (POLLAK, 1989). Lembranças e esquecimentos não estão dissociados nos eventos traumáticos. Atônitos, assistimos diariamente o horror da Covid no Brasil, mas como espectadores, tínhamos a possibilidade de mudar de canal ou folhear outras páginas para conseguirmos continuar vivendo. Esta possibilidade não existiu para os jornalistas responsáveis pela atualização dos fatos, uma vez que existe na relação memória-esquecimento (Halbwachs, 1968; Pollak, 1989) um processo de ‘negociação’ para que a memória coletiva e a memória individual se beneficiem uma da outra em um mútuo e contínuo processo de retroalimentação. A metodologia a ser utilizada será a da autoetnografia, que se diferencia autobiografia porque o pesquisador não fala só de si. Ele usa suas memórias e esquecimentos para pensar as complexidades da narração dos fenômenos por aqueles que noticiaram a Covid-19, uma vez que as produções narrativas estarão sempre presentes na construção do mundo social que, por sua vez, está enredado em outras questões. Como técnica de pesquisa serão utilizadas entrevistas abertas com jornalistas, pesquisas a sites noticiosos dos jornais e pesquisa bibliográfica. A memória sobre o que foi a pandemia de Covid-19 no Brasil está cindida. De um lado, estiveram os jornalistas trazendo relatos terríveis de pessoas morrendo sufocadas como peixes, exército investigando municípios brasileiros com territórios para abrir covas, idosos amarrados na cama por falta de respiradores. Por outro lado, estavam pessoas imersas em falsas notícias divulgadas pelo WhatsApp que diziam que alguns medicamentos não produzidos para a Covid seriam eficientes, que a máscara não resolvia, que o distanciamento social era bobagem. Ministros da saúde foram substituídos porque o presidente negacionista não concordava com os protocolos da ciência. A morte nunca teve tanta ajuda no Brasil. Afinal, já estamos chegando na casa dos 700 mil mortos. A conclusão preliminar deste estudo, a partir das pesquisas bibliográficas em Ricouer (2007) é de que os jornalistas tiveram que trabalhar com a tessitura de uma memória individual - dor de cada família é uma - e, ao mesmo tempo, coletiva, uma vez que a pandemia atingiu indistintamente toda uma nação.

jornalistas | mídia | memória



## O JANEIRINHO – A MEMÓRIA DE UM JORNALISMO PARA CRIANÇAS

Ana Cátia Ferreira

[anacatiaferreira@fcsb.unl.pt](mailto:anacatiaferreira@fcsb.unl.pt)

Universidade Fernando Pessoa / ICNOVA-NOVA FCSH, PT

A prática da imprensa jornalística especializada para crianças em Portugal tem raízes em publicações periódicas antigas, especialmente a partir do século XIX. Eram produzidas com caráter lúdico, sem ainda serem de facto produtos jornalísticos, destinadas a um público mais novo, pertencente a uma camada mais abastada dos grandes centros urbanos. No século seguinte vários jornais e revistas publicaram suplementos infantis, como foi o caso de ABC-zinho (1921) - sendo considerada a primeira revista infantil portuguesa -, Página Infantil (1922, seção da Ilustração Portuguesa), Notícias Miudinho (1924, Diário de Notícias), Pim-Pam-Pum (1925, O Século), Correio dos Pequenininhos (1927, Correio da Manhã), O Comércio Infantil (1928, O Comércio do Porto) e Tiroliro (1929, A Voz). Os conteúdos eram mais informativos e destinados a um público mais alargado. Em paralelo ao fenómeno dos suplementos, a partir da década de 30, a rádio apostou em programação infantil e em algumas parcerias com jornais infantis, como o Tic Tac e o Papagaio. Em televisão, somente em 1984 estreou o primeiro programa informativo infantil, O Jornalinho, na Rádio e Televisão de Portugal (RTP). Neste enquadramento histórico geral dos media tradicionais, o foco deste estudo é apenas a Imprensa. A importância de resgatar as publicações jornalísticas para crianças reside como parte da história do jornalismo português, na criação de um novo gênero de jornalismo de especialidade, no seu papel na formação de um público distinto com opinião e participação social e na promoção de novos leitores. Para colmatar a escassez de estudos sobre a compreensão do jornalismo infantojuvenil na história da imprensa em Portugal, esta pesquisa apresenta o perfil de O Janeirinho, suplemento semanal infantil que era encartado no jornal diário português O Primeiro de Janeiro e que circulou entre 1989 e 2008. Não havendo referências investigativas desta publicação, pretende-se salvaguardar a memória da sua existência em papel, que atualmente permanece em arquivos. O Janeirinho não só promoveu a imprensa jornalística especializada para o público infantil, mas também teve um papel histórico relevante para o jornalismo regional e local, com a prática de proximidade e de participação. O resgate histórico do suplemento analisa as mudanças das características desta produção, início e do término, no que se refere ao conteúdo (capa e interior), dimensão gráfica (imagem e banda desenhada), dinâmica publicitária e formato. Além disso, pretende compreender a relação de proximidade com as crianças, estando, portanto, associada ao processo histórico do conceito de infância. Para o efeito, realizou-se uma entrevista à jornalista fundadora e a análise de conteúdo a quatro edições: lançamento do n.º 1 em papel de jornal (1989), último número publicado neste formato (1990), lançamento do n.º 1 em formato e papel de revista (1990) e último número do suplemento (2008).

Os resultados deste estudo contribuem para o registo da memória e do melhor conhecimento do trajeto histórico do jornalismo infantojuvenil em Portugal, bem como abrem caminho a mais pesquisas sobre o passado em direção ao presente e ao futuro.

Jornalismo | História | Jornalismo Infantojuvenil | O Janeirinho

## **«¿PERO ES QUE NADIE VA A PENSAR EN LOS NIÑOS?»: CONSTRUCCIÓN DEL CANON LITERARIO EN ONDAS ANIMADAS DE RNE DURANTE EL PRIMER FRANQUISMO (1939- 1959)**

**Esther Márquez Martínez**

emarquez3@us.es

Sorbonne Université/Universidad de Sevilla, ES

**José Emilio Pérez Martínez**

joseempe@ucm.es

Universidad Complutense de Madrid, ES

Desde sus orígenes como medio de comunicación de masas, la radio ha sido una de las instituciones fundamentales para el mantenimiento del orden social. Durante la dictadura franquista tuvo un papel importante, en tanto que aparato ideológico, en la producción y reproducción ideológica del régimen, por lo que el estudio de los contenidos de sus parrillas nos ayuda a desvelar valores y discursos que trataron de legitimarse entre el público general para, así, implantar un sentido común dominante.

El objetivo de esta comunicación es analizar la construcción del canon literario desde Ondas animadas, uno de los principales programas infantiles de Radio Nacional de España, durante el primer franquismo (1939-1959). De este modo, pretendemos ahondar en su uso como herramienta pedagógica y medio de difusión de los ideales afines al régimen. Para ello, en primer lugar, rastreamos en las páginas de las revistas especializada –como Radio Nacional– las programaciones de Ondas animadas para catalogar las obras que se retransmitieron. En segundo lugar, analizaremos la interpretación y la lectura que pudo hacer la emisora estatal de estos textos. Finalmente, examinaremos el papel que tuvieron estas emisiones en la educación infantil y juvenil del primer franquismo.

radio | Franquismo | literatura infantil | literatura juvenil

# HISTÓRIA DO TELEJORNALISMO EM PORTUGAL. O ESTRANHO CASO DOS LOCUTORES DA RTP: AS VEJETAS DO JORNALISMO QUE NÃO PODIAM SER JORNALISTAS

**Jacinto Godinho**

jacinto.godinho@gmail.com

ICNOVA-NOVA FCSH, PT

Quando se iniciaram as emissões regulares da televisão, em 7 de Março de 1957, foram dois locutores dos quadros da RTP, quem apresentou o Noticiário, Gomes Ferreira e Luís Arnaut Pombeiro. Tinham sido contratados, apenas um mês antes, em fevereiro de 1956 num concurso para locutores, realizado em 1956. Foram selecionados juntamente com Manoel Caetano (irmão de Marcelo Caetano que na altura ainda era o Ministro da Presidência do Conselho de Ministros), Fialho Gouveia e Arménio Duarte. Gomes Ferreira foi um dos mais conhecidos e carismáticos “rostos” da informação televisiva durante todo o período do Estado Novo. Durante 18 anos ele foi o rosto mais jornalístico da informação da RTP, sendo e mas sem nunca ter sido considerado jornalista. Os locutores da RTP, como o nome diz, deviam apenas ler os textos, não os podiam redigir nem sequer alterar uma vírgula. Por isso, estes autênticos ídolos do público, também eram conhecidos dentro da RTP como os “papagaios”. O papel paradoxal dos locutores não deixa de lançar mais uma interrogação ao modelo informativo da RTP. Porquê ter locutores, vedetas, rostos fundamentais para a imagem da RTP e depois privá-los de acesso à redação dos textos no Telejornal? A situação ainda é mais contraditória se pensarmos que grande parte dos redatores da RTP, não aparecia nos ecrãs e eram por isso desconhecidos do grande público. O prestígio e o sucesso da imagem da RTP dependiam dos seus “rostos”, das vedetas do ecrã que eram os locutores, mas internamente não lhes confiavam sequer a escrita de um texto, o que indicava um estatuto subalterno. Para muitos portugueses os apresentadores de televisão eram os únicos jornalistas que julgavam conhecer. Mas esta primeira representação do jornalismo começa com um equívoco que deixou profundas marcas na cultura jornalística em Portugal. Para a maioria dos portugueses os jornalistas sempre foram “os locutores”, que liam notícias, mas também eram conhecidos como “artistas” do entretenimento. Eram comunicadores globais, de um processo mediático que punha num mesmo corpo físico, uma mistura complicada de informação e entretenimento. Ainda hoje está por avaliar o impacto que o caso dos “locutores da RTP” teve na cultura jornalística do povo português onde, em termos de literacia a imagem do jornalista sempre foi muito confusa, muito ligada ao comunicador que se destaca mais pelas qualidades formais, a aparência física e a colocação de voz, do que pela competência para investigar notícias e fazer reportagens.

história da televisão | telejornalismo | jornalismo | censura | Estado Novo

# ENTRE LIVROS, ENTREVISTAS E SITES: MEMÓRIA E HISTÓRIA DA RADIODIFUSÃO EM ANGOLA PELOS SEUS PROTAGONISTAS

**João Pedro Lourenço**

jplourenco76@gmail.com

Instituto Superior de Ciências da Educação – ISCED/Luanda, AO

Em 2023, a história da radiodifusão em Angola completa 92 anos e com ela, factos relacionados com a colonização, a luta anticolonial, a transição para a independência, a guerra civil, as conquistas desportivas, a busca e o alcance da paz, entre outros. Em todos os eles, a rádio teve um papel relevante enquanto meio de comunicação, por sua posição privilegiada na sociedade e pelo papel estratégico que os diversos intervenientes sempre lhe atribuíram como meio de informação e de propaganda. Entre os seus protagonistas, há aqueles que se preocuparam e se preocupam em deixar “vestígios” da sua experiência de vida no mundo da rádio por meio da memória, sendo a publicação de livros, a concessão de entrevistas e o recurso às novas tecnologias (criação de sites e blogs), estão entre os principais mecanismos usados para esse fim. Como se reportam às diferentes gerações, esses testemunhos constituem memórias de grupos diferentes de radialistas, embora já muitos casos de protagonistas que por causa da longevidade no mundo radiofónico são pontos de interseção entre as mesmas. Esse trabalho tem como objectivo olhar e compreender para essa forma de construção da memória histórica da rádio angolana que coloca à disposição dos investigadores, fundamentalmente, fontes escritas e audiovisuais, quer seja através dos meios “tradicionais” ou por meios “inovadores”. Nos livros, individuais ou colectivos, predominam as narrativas na primeira pessoa, onde a estrutura básica é aquela que mostra a paixão precoce pela rádio ou o encontro accidental, a primeira experiência e a trajectória profissional e os momentos altos e baixos. Nos sites e blogs, há uma combinação de textos, fotografias, postais, áudios e vídeos que os tornam arquivos informais e de acesso aberto, mas também em espaços de diálogo das comunidades online e em plataformas de construção da memória da rádio angolana. As entrevistas resultam dos programas criados com o propósito de reunir as vivências radiofónicas dos profissionais, colocando ao dispor dos estudiosos valiosas fontes orais. Esses testemunhos são deixados com o objectivo de “não deixar esquecer” e de “deixar para memória futura”, assim explicam. A metodologia dessa investigação é a análise e o cruzamento dessas formas de construção da memória, baseada nos seguintes casos de estudos: a) livros, Angola: história e estórias da informação de Sebastião Coelho, Rádio em Angola: como eu a vivi de Pereira Monteiro, 50 Anos de Rádio em Angola de José Maria Pinto de Almeida e No ar. Contributos para a História da Rádio em Angola coordenado por Luísa Fançony e Guillherme Mogas; b) sites, Rádio Ecclesia “memories” 1954-1975 e Radiodifusão em Angola: 1937-1975; c) programas radiofónicos, Memórias da Rádio (2015) e Vozes da Rádio (2017) ambos da Rádio Nacional de Angola. A leitura, a compreensão e análise dessas memórias radiofónicas e as suas narrativas são, seguramente, importantes para o conhecimento do papel desse meio de comunicação na construção da identidade e da memória colectiva dos angolanos.

livros | sites | entrevistas | rádio | memória histórica

## **ESTUDO COMPARATIVO DOS DISCURSOS DOS JORNAIS DIÁRIO DO RJ E O ESPELHO DIAMANTINO, SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DAS MULHERES NO BRASIL (1827)**

**Juliana da Costa Feliz**

jufeliz@gmail.com

Universidade Fernando Pessoa, PT

**Samanta Souza Fernandes**

samantasf31@gmail.com

Universidade Fernando Pessoa & ICNOVA-NOVA FCSH, PT

A escolarização feminina no Brasil tem se elevado, hoje superando os homens em todos os níveis de ensino. A inversão aconteceu nos anos 1990, colocando as mulheres entre a população mais escolarizada do país. Nesse contexto, a questão-chave da pesquisa foi elucidar de que modo O Espelho Diamantino (1827-1828), primeiro periódico feminino brasileiro, e o Diário do Rio de Janeiro (1821-1878), trataram o tema no momento em que era publicada a primeira legislação educacional brasileira. Para isso, foram analisadas as edições dos dois jornais impressos publicadas entre 1827 e 1828, período referente à regulamentação da Lei Geral, de 15 de outubro de 1827. A nova lei instituiu a educação pública no Brasil e determinou que fossem criadas escolas em todo o país, mas ainda com distinção no ensino de algumas disciplinas conforme o gênero, como alguns tópicos de matemática e geometria, exclusivas para os meninos. Pela primeira vez na história, as meninas puderam frequentar a escola regular, um marco para os direitos femininos no Brasil. O objetivo do estudo foi analisar o discurso de O Espelho Diamantino sobre a educação da mulher, em termos quantitativos e qualitativos, e compará-lo ao do Diário do Rio de Janeiro no mesmo período. Como objetivos específicos do estudo: a) verificar se o tema educação da mulher surge na cobertura; b) averiguar quais os subtemas abordados e a relevância discursiva; c) observar o tom da cobertura; d) indagar o gênero de quem escreveu os textos; e) verificar quais foram as fontes e protagonistas dos textos; e f) identificar como a cobertura se posicionou diante do advento da nova legislação. A metodologia utilizada foi a Análise do Discurso Hermenêutica, numa vertente cultural e histórica, que enfatiza a interpretação textual. Os parâmetros metodológicos para as análises do discurso foram construídos tendo como referência Barbosa (2020), Bardin (2006), Benetti e Lago (2007), Duarte e Barros (2011), Iñiguez (2004), Mota e Porto (2017), Sousa (2006) e Wimmer e Dominick (1996), adaptados às especificidades da investigação. O estudo também se dedicou a um levantamento histórico sobre o período e os jornais analisados, traçando um paralelo com a realidade sociocultural do Brasil, bem como a situação dos direitos das mulheres no contexto investigado.

jornalismo impresso | análise do discurso | educação da mulher | história da imprensa | gênero

# O AVANTE! DE 1919: CLASSES TIPOGRÁFICAS, IMPRENSA OPERÁRIA E JORNALISMO

**José Matos**

[josematos@fcsn.unl.pt](mailto:josematos@fcsn.unl.pt)

ICNOVA-NOVA FCSH, PT

Em finais de maio de 1919, os operários da CUF iniciaram uma greve de solidariedade com dois militantes sindicais despedidos sob acusação de roubo por parte da administração da empresa, sob direção de Alfredo da Silva. Num contexto político, social e económico marcado pela agudização dos conflitos entre sindicatos e patronato, no contexto da aprovação de leis de proteção de trabalho (nomeadamente a lei das oito horas), os efeitos deste acontecimento arrastar-se-iam a todo o país ao longo de várias semanas, multiplicando-se as greves e os lock-outs. O setor da imprensa não seria imune a esta dinâmica. Dias antes da greve geral então decretada, as sedes da União dos Sindicatos Operários, da União Operária Nacional e do seu órgão de informação, o diário A Batalha, seriam encerradas por forças policiais.

Pouco tempo antes destes eventos, a Federação do Livro e do Jornal, essencialmente composta por classes tipográficas, havia apresentado às casas de obras e às empresas de jornais os princípios base de um convénio de trabalho. A resposta do governo à declaração de greve acabaria, literalmente, por interromper o processo de negociação em curso. Ao tomar conhecimento da selagem da sede d'A Batalha por parte das autoridades durante a reunião com representantes das empresas, o delegado deste diário informou que, naquele mesmo dia, nenhum jornal seria composto ou impresso pelas classes gráficas enquanto A Batalha fosse impedida de circular, decisão que levou os industriais dos jornais a decretar o lock-out de imediato. No dia seguinte, à exceção d'O Século, cujos quadros tipográficos não se juntaram à iniciativa da FLJ, nenhum jornal sairia às ruas.

É neste contexto que, paradoxalmente, surgiria um novo diário, O Avante, organizado por um conjunto de operários gráficos como resposta ao conflito no seio da imprensa. Publicado ao longo de vários meses, este jornal seria não só responsável pela cobertura de vários acontecimentos, como a greve dos trabalhadores ferroviários em julho desse mesmo ano ou o Congresso Sindical de Coimbra, responsável pela criação da Confederação Geral do Trabalho, como de uma análise do papel da imprensa e da política de informação do Estado Republicano nas lutas económicas, sociais e políticas travadas entre sindicatos e empresas.

O objetivo desta comunicação reside no estudo desta publicação, visando em particular a análise: a) do papel das classes tipográficas na criação e desenvolvimento da imprensa operária; b) das suas posições relativamente ao jornalismo informativo das empresas de jornais; c) do tipo de cobertura jornalística realizada em torno de alguns acontecimentos, nomeadamente greves; d) da política de informação do Estado Republicano relativa a este e outros órgãos da imprensa operária.

tipógrafos | imprensa operária | empresas de jornais

## **AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS: INOVAÇÃO, ESTEREOTIPAÇÃO, REAÇÃO**

### **Paula Lopes**

plopes@autonoma.pt

Universidade Autónoma de Lisboa/LabCom/NIP-C@M, NOVA FCSH, PT

### **Jaime Lourenço**

jlourenco@autonoma.pt

Universidade Autónoma de Lisboa/ICNOVA/NIP-C@M, NOVA FCSH, PT

### **Bruno Carriço Reis**

breis@autonoma.pt

Universidade Autónoma de Lisboa/LabCom/NIP-C@M, NOVA FCSH, PT

### **Carlos Pedro Dias**

cpdias@autonoma.pt

Universidade Autónoma de Lisboa/OBSERVARE/NIP-C@M, NOVA FCSH, PT

Nesta comunicação, trataremos de reconstruir o papel preponderante que teve a Agência Portuguesa de Revistas no mercado editorial português, no período em que vigorou a sua intensa atividade comercial (1948-1987). Possuidora de mais de 50 publicações, cujas tiragens mensais superavam o milhão de exemplares, entre as quais O Mundo de Aventuras, a Plateia, a Cinema, a Crónica Feminina, a Crónica Masculina, a Crónica Desportiva, a Álbum dos Artistas, a TV-Magazine, a Álbum da Canção, a Pop-Cine ou a Revista do Povo (sem esquecer as inúmeras coleções de cromos ou as fotonovelas da Agência), foi um marco comunicativo incontornável na sociedade portuguesa de então. Pese a ser um fenómeno cultural de grande relevância, exíguas foram as abordagens académicas capazes de enquadrar a atividade da agência no marco geral da história dos meios de comunicação em Portugal. Pretendemos colmatar tal lacuna, recorrendo a história oral como abordagem metodológica que permita recuperar as memórias e experiências dos protagonistas da agência. Iremos para o efeito recolher testemunhos biográficos de herdeiros dos responsáveis da editora e solicitar aos nossos interlocutores a partilha de materiais que nos permitam reconstruir o tempo histórico em que operaram no mercado comunicacional.

agência portuguesa de revistas | imprensa | história oral

## **AGÊNCIA LUPA: JORNALISMO E LITERACIA MIDIÁTICA COMO FERRAMENTA PARA INFORMAR, FORTALECER A DEMOCRACIA E AGIR SOBRE A MEMÓRIA HISTÓRICA**

**Cristiane Lindemann**

lindemann.cristiane@gmail.com  
Universidade de Santa Cruz do Sul, BR

**Ana Cláudia Munari Domingos**

ana.c.munari@gmail.com  
Universidade de Santa Cruz do Sul, BR

A proposta desta comunicação é discutir como a Agência Lupa, a primeira brasileira de fact-checking, faz uso da midialidade para informar, fortalecer a democracia e, assim, agir sobre a construção da memória histórica. Criada em novembro de 2015, ela objetiva corrigir notícias imprecisas e destacar informação correta veiculadas em diferentes meios de comunicação. Engajada em projetos internacionais, como o consórcio mundial The Trust Project, cujos preceitos defendem a transparência jornalística e a acessibilidade ao conteúdo, expandiu suas ações para a Educação, focando no ensino de técnicas de checagem e na sensibilização sobre as consequências da desinformação para a sociedade. Partimos do pressuposto de que este posicionamento coaduna com a literacia midiática - lembrando que em 1995 a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) definiu literacia como a “capacidade para entender e usar a informação escrita no dia-a-dia, em casa, na escola, e na comunidade de forma a conseguir os objetivos pessoais e a desenvolver o próprio conhecimento e as capacidades próprias”. No cenário contemporâneo, impactado pelas constantes mudanças nas tecnologias da comunicação e da informação, é preciso atualizar esta caracterização, visto que esses novos processos exigem novas competências e habilidades por parte de produtores de conteúdo e também de consumidores, considerando os múltiplos recursos, em diferentes linguagens, que hoje fazem parte da rotina dos cidadãos. Assim, a partir de uma abordagem qualitativa, fizemos uso da pesquisa bibliográfica e da análise de conteúdo exploratória, com olhar voltado para os conteúdos veiculados nas diferentes plataformas digitais em que a Agência Lupa atua. Buscamos verificar seu potencial de atuação como agente social que informa, resgata e fortalece a democracia e, assim, atua positivamente sobre a memória histórica. Nossa intenção com esse estudo, dentro de um projeto maior de pesquisa, é pensar como agências como essa podem contribuir com a literacia midiática na Educação Básica. O estudo evidencia que é preciso ter cautela em relação às tecnologias digitais de comunicação e informação, evitando uma postura determinista. Ao mesmo tempo em que ampliam as possibilidades de produção e fluxo de conteúdo, com apresentações e formatos intermediais bastante diversos e atrativos, estas ferramentas têm potencial para disseminar desinformação, impactando negativamente o sistema democrático e, assim, agindo sobre a memória histórica. Nesse sentido, a equipe da Lupa mostra o quando a literacia midiática assume papel primordial para que os cidadãos saibam fazer uso adequado de softwares e hardwares nas interações comunicacionais - e - o mais importante - sejam capazes de filtrar aquilo que consomem. Educar para a leitura das mídias é cada vez mais importante para a sociedade.

Agência Lupa | literacia midiática | democracia | memória histórica |  
intermedialidade



## **EL HOMBRE ANTES DEL TRADUCTOR: JUAN G[ONZÁLEZ-BLANCO]. DE LUACES. UNA DÉCADA DE GRANDES ESPERANZAS (1925-1936)**

**Marta Ortega Sáez**

marta\_ortega@ub.edu

Universitat de Barcelona, ES

Juan González-Blanco de Luaces (1906-1963), quien firmaba sus textos como Juan G. de Luaces, fue un destacado traductor de la posguerra española. Es frecuente encontrar su rúbrica en numerosos textos vertidos al español en las primeras dos décadas del franquismo. Su corpus traductológico está compuesto por 242 títulos de traducciones, principalmente de textos originalmente publicados en lengua inglesa, aunque también se encuentran versiones de obras en francés, italiano, alemán, entre otros idiomas, que fueron comercializadas por diferentes editoriales en España entre 1942 y 1968. En esta época también sometió a censura previa algunas obras de creación propia, aunque de manera muy residual, experimentando la prohibición de dos de sus textos, mientras que la traducción se convirtió en la principal fuente de ingresos de su familia tras la victoria del bando franquista y la imposición de la dictadura. Mucho más heterogénea fue su actividad como hombre de letras en el periodo comprendido entre 1925 y el estallido de la guerra civil española, momento en el que su trayectoria profesional quedaría truncada, debido principalmente a su afinidad con tendencias políticas no afines al nuevo régimen. En esta franja temporal su trayectoria profesional se desarrolló en tres direcciones diferentes: la de escritor, la de periodista y la de fundador y director de publicaciones periódicas. Como escritor, cultivó tanto la poesía como la prosa y, en una primera etapa, sus creaciones literarias fueron publicadas en periódicos en los que colaboraba como periodista. Como periodista, se encargó de redactar crónicas internacionales, llevó a cabo varias entrevistas, contribuyó con artículos de opinión y ejerció de crítico de cine y literatura. En tercer lugar, fundó y dirigió una serie de publicaciones periódicas de diverso talante como Las Clases Medias, Izquierda, Madrid Nocturno, Hojas técnicas y Madrid Ilustrado. Durante algo más de diez años, de manera infatigable, Luaces encadenó actividades y proyectos, muchos de forma simultánea, al mismo tiempo que aumentaba su visibilidad política a partir de 1930, llegando a ocupar puestos de relevancia en el Partido Republicano Democrático Federal, presidido por Eduardo Barriobero, y participando en la fundación del Movimiento Nacional de las Clases Medias. Cabe recordar en el desarrollo profesional de Luaces que pertenecía a la saga familiar de los González Blanco, de la intelectualidad de orígenes asturianos, lo que le proporcionó un amplio capital social, como punto de partida, que desarrolló y cultivó a lo largo de la década.

En esta presentación se examinará la actividad de Juan G. de Luaces en la década previa a la guerra civil española, cuando inició su carrera como hombre de letras a nivel profesional. Asimismo, se observará de qué manera se establece un diálogo entre las diferentes facetas que cultivó en el primer estadio de su trayectoria dentro del campo literario y periodístico español.

Juan G. de Luaces | fundación y dirección de publicaciones periódicas | publicaciones literarias en la prensa | activismo político | segunda república española

## **EL COMUNICADOR MANUEL GONZÁLEZ ORIA: MEMORIA VIVA DE LA COSTA DE HUELVA EN LOS AÑOS 60**

**Isabel María González Muñoz**

igonmun945@iestriana.com

Universidad de Sevilla, ES

Para la Generación de los años 50 y 60 la radio supuso “receptor” de sueños, imágenes, emociones y sonidos que decoraron la insípida banda sonora de la vida en la mitad de la travesía del desierto de la Dictadura. El período 1950 - 70 constituye la Edad de Oro de la radio, una opinión ampliamente difundida y aceptada entre los estudiosos del medio. Un pasado que nos remite a una época en la que fue el único medio audiovisual existente y le permitió una enorme presencia social y familiar, semejante a la que tendría la televisión desde principios de los años 70. Y constituye, al mismo tiempo, unos años de verdadero cambio sociocultural y económico para los habitantes de una pequeña población de la costa de la provincia onubense, situado en la franja costera denominada Costa de la Luz. Lepe (Huelva), en los años sesenta del siglo XX despierta de su letargo decimonónico, y encuentra en el sector terciario unas nuevas vías de enriquecimiento económico. Para conseguir este cambio de mentalidad, se encuentra, en la radio su vehículo fundamental. Se contaba con la imprescindible ayuda del comunicador local, Manuel González Oria, que tirando de ingenio, fue capaz de poner en antena varios programas semanales o diarios, que llevaban a la audiencia las claves para que interpretara los mensajes de modernidad y comprendiera y reflexionara sobre los beneficios de un cambio radical. Hoy, cincuenta años después de aquella odisea, el turismo es junto a la producción de frutos rojos, la principal fuente económica del mayor municipio de la provincia de Huelva.

Con esta ponencia pretendo poner en valor el esfuerzo titánico realizado por aquellos valientes. Especialmente, analizando el contenido de las crónicas radiofónicas emitidas en esos programas que se conservan en los archivos de la Familia González Muñoz. Para ello contamos con un corpus de más de trescientas crónicas radiofónicas así como de los guiones publicitarios que sustentaban los programas emitidos. Con un análisis pormenorizado de los mismos conseguiremos abordar los dos objetivos generales propuestos: 1.- Poner en valor la función de memoria colectiva de la difusión de la radio en la provincia de Huelva durante los años 60. 2.- Analizar y valorar el impacto de esa función particularizando en el caso concreto de Lepe (Huelva), municipio de más peso económico de toda la provincia en la actualidad gracias al despegue económico de los años 60. Para llegar a este punto, previamente, estudiaremos las crónicas radiofónicas de Manuel González Oria (I) y la peculiar forma de comunicarla a través de las ondas (II).

Manuel González Oria | Costa de Huelva | década de los 60

# UMA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DO TELEJORNALISTA POTIGUAR: MEMÓRIA E HISTÓRIA PROFISSIONAL POR MEIO DA HISTÓRIA ORAL

**Valquiria Aparecida Passos Kneipp**

[valquiriakneipp@yahoo.com.br](mailto:valquiriakneipp@yahoo.com.br)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, BR

Este estudo se propõe a identificar o processo de profissionalização do telejornalista Potiguar, por meio de um mapeamento ao longo dos 50 anos de atuação do telejornalista no Rio Grande do Norte. A partir de uma divisão em décadas serão entrevistados os profissionais que atuaram e que ainda atuam em telejornalismo no Estado. A pesquisa está dividida em cinco décadas, sendo a primeira de 1972 até 1982; a segunda de 1983 até 1992; a terceira 1993 até 2002; a quarta de 2003 até 2012 e a quinta de 2013 até 2022. A pesquisa se faz necessária como uma forma de registrar a chegada e o desenvolvimento desta atividade profissional no estado, para contribuir com estudos da mídia regional e por se tratar uma mídia de comunicação de massa e presente na vida da sociedade. Apesar da TV ter sido implantada no Brasil em 1950, por Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, em São Paulo foram necessários mais 22 anos para ser implantada a primeira emissora com produção regional no RN. A pesquisa pretende identificar como se deu a trajetória de formação do telejornalista Potiguar ao longo de 50 anos de funcionamento da televisão no Estado. Identificar e mapear as fases de formação do telejornalista na região desde a formação e as transformações ocorridas, no fazer jornalismo dentro de emissoras de tevê. Analisar o processo histórico que levou ao telejornalismo contemporâneo no RN. Refletir sobre a história da TV no RN e formação do profissional. Para compor o instrumental metodológico selecionou-se várias técnicas e estratégias. Desde a pesquisa bibliográfica, documental, nos jornais da cidade, em publicações, até entrevistas com os profissionais, realizadas a partir de alguns preceitos da história oral, com a gravação de entrevistas em vídeo. O uso da história oral, como metodologia se justifica no desenvolvimento desta pesquisa por se tratar de um fenômeno contemporâneo em pleno desenvolvimento, e de acordo com Meihy (2005, p. 17) a História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento de estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos. E também neste caso porque não existem registros bibliográficos sobre a temática. Ela é sempre uma história do “tempo presente” (grifo meu) e também reconhecida como “história viva” (grifo meu). A partir do gênero história oral temática, esta pesquisa busca entrevistados, das diversas emissoras do estado do Rio Grande do Norte para relatar a experiência e o processo de formação profissional. A partir disso, iniciou-se a formação da colônia, ou seja, da escolha dos entrevistados. O conceito de colônia está relacionado exclusivamente ao fundamento da identidade cultural do grupo; são os elementos amplos que marcam a identidade geral dos seguimentos dispostos à análise. Classe social, gênero e etnia são pontos básicos do conceito de colônia (MEIHY, 2005, p. 177). Até o momento foram realizadas quatro entrevistas, com telejornalistas que trabalharam nos anos de 1970 (1- Colônia 1ª - entrevistados de 1972 até 1982), ou seja, no momento de implantação da televisão no Rio Grande do Norte.

telejornalista | trajetória | memória | televisão | Rio Grande do Norte

# RECICLAGEM E HIBRIDIZAÇÃO DE GÊNEROS: MARCOS DE UM TEMPO LÍQUIDO E INCERTO

**Ana Teresa Peixinho**

apeixinho71@gmail.com  
Universidade de Coimbra, PT

**Clara Almeida Santos**

clara.santos@uc.pt  
Universidade de Coimbra, PT

O objetivo desta comunicação é fazer uma abordagem à história dos media e da comunicação contemporâneos, sob uma perspetiva discursiva. Entende-se que o estudo dos géneros discursivos e das práticas comunicacionais a eles inerentes são instrumentos adequados para compreender a evolução dos dispositivos de mediação, bem como as práticas culturais dela decorrentes (e respetivas dimensões institucional, profissional e comunicacional).

O conceito de género discursivo carrega duas marcas relevantes para a tese que aqui se defende: por um lado, i) a sua historicidade (Bakhtine, 1984; Todorov, 2018), que dita que os géneros do discurso são entidades flutuantes, que evoluem e se moldam aos contextos e às práticas discursivas, numa espécie de relação dialética com o tempo, o espaço, a formação discursiva e a evolução tecnológica dos dispositivos de mediação; por outro lado, ii) a sua inexistência enquanto categoria pura, já que o género é uma categoria teórica abstraída da prática textual, um arquétipo, fundamental na gestão das expectativas da comunicação e no desenho de quadros de leitura (Silva, 2012).

Partindo do princípio de que historicidade e arquétipo são marcas dos géneros, independentemente do campo discursivo, facilmente se aceita que, em qualquer formação discursiva, os géneros são entidades dinâmicas que evoluem, se transformam e se reinventam. A discussão teórica sobre géneros discursivos, acelerada na década de 70 do século XX, sobretudo pela afirmação da pragmática e da linguística sistémico-funcional (Halliday, 2004), é longa e não isenta de contradições. Em todo o caso, assume-se, neste estudo, que um género de discurso tem um forte enraizamento social e histórico - que determina os seus critérios de constituição - e emana das práticas discursivas, assentando em critérios sociocomunicativos não exclusivamente linguísticos. Por outro lado, o género tem uma dimensão modelar e reguladora, já que é um “dispositivo de estabilização de parâmetros para diferentes planos de organização textual” (Silva, 2012).

De acordo com investigações recentes, a reflexão sobre a pós-verdade, as desordens informativas, a comunicação digital, características da modernidade líquida, ganha em fazer-se em função de uma tríade: a relação entre géneros (“como convenções deliberadamente escolhidas para permitir uma comunicação eficiente” (Ryan, 2021, p. 276), media (na qualidade de substâncias semióticas e tecnologias de representação que abrem possibilidades), e verdade.

Desde o advento do digital, têm ocorrido transformações significativas no quadro dos géneros discursivos, sobretudo decorrentes dos avanços tecnológicos dos dispositivos de mediação e da alteração das práticas comunicacionais com forte impacto na construção da textualidade: ora reciclando antigas práticas discursivas (Santos & Peixinho, 2016), ora criando géneros novos (Santos & Peixinho, 2017), ora miscigenando géneros e

subgêneros.

Na multiplicidade de plataformas digitais em que a comunicação ocorre, procura-se elencar e ilustrar cibergêneros com presença significativa nos media, nomeadamente newsletters, explicadores, fact-checkers e infografia. Conclui-se que existem evidências da existência de cibergêneros com marcas próprias, derivados frequentemente de gêneros discursivos já existentes. Há também fluxos de sentidos variados entre diferentes práticas profissionais que têm a comunicação como fulcro, como o jornalismo e a comunicação estratégica.

digital | novos gêneros do discurso | jornalismo e comunicação | reciclagem |  
liquidez

## **JOSÉ MARÍA CAO Y PEDRO DE ROJAS. LA MEMORIA DE UNA GENERACIÓN DE DIBUJANTES ESPAÑOLES EN ARGENTINA**

**Alejandra Viviana Ojeda**

jandra.alejandra@gmail.com

Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe (IEALC)

Universidad de Buenos Aires, AR

**Laura Tarasiuk Ploc**

lauratarasiukploc@gmail.com

Universidad Nacional de Lanús, AR

La figura de José María Cao Luaces (Lugo, España, 1862- Buenos Aires, Argentina, 1918) ha sido estudiada en su rol de ilustrador, relacionado principalmente con el éxito pionero y masivo de la revista Caras y Caretas. Por otro lado, Pedro de Rojas (Sevilla, España, 1873 – Buenos Aires, Argentina, 1947) fue escasamente abordado a pesar de su prolifera y distinguida producción gráfica. Sus figuras, empero, trascienden largamente, pues como dibujantes e ilustradores protagonizaron una gran cantidad de experiencias editoriales, tanto de circulación masiva como en espacios subalternos de producción y consumo. Por su parte, Cao fue periodista y editor de publicaciones, que produjo contenidos tanto en las revistas en las que participó como en diarios, llegando a dirigir uno de circulación local que fue pionero en la zona de Lanús, al sur de Buenos Aires, donde fue un activo agente social progresista en distintos espacios de la sociedad civil. En tanto Rojas llegó a la Argentina con una avalada trayectoria desarrollada en medios de Madrid y Barcelona, encontrando en nuestro territorio no solo una inmediata inserción en múltiples medios relevantes de la época, sino que adoptando roles de dirección artística y aportando una gran cantidad de producciones que forman parte de los inicios del comic en Argentina. En este trabajo se presenta el recorrido biográfico y profesional de Cao y Rojas desde sus inicios en España hasta sus respectivos fallecimientos en Argentina, interrogando las innovaciones que produjeron, así como las diferencias en sus experiencias de inserción en el campo editorial. Se indaga el paso de Cao por la actividad asociativa, y por los distintos oficios ligados a las industrias editoriales, como así también el rol de Pedro de Rojas en la consolidación del comic en Argentina y su adaptación inmediata al género costumbrista en el que supo encontrarse con la cultura rioplatense. Se compara, finalmente, sus casos, con otros españoles del mismo oficio que encontraron en Argentina dificultades equivalentes en su inserción, y cuya memoria se encuentra insuficientemente trabajada en la historia cultural de ambos países, tanto en relación con trabajos historiográficos como en relación con políticas de la memoria en espacios públicos y de resguardo cultural.

José María Cao | Pedro de Rojas | comunicación visual | España y Argentina | migración

## **ABOLICIONISTA, FEMINISTA E REPUBLICANA: O JORNALISMO DE/PARA MINORIAS DE NARCISA AMÁLIA NO BRASIL DO SÉCULO XIX**

**Jasmine Aparecida Horst dos Santos**

[jashorst@gmail.com](mailto:jashorst@gmail.com)

Universidade Estadual do Centro-Oeste, BR

**Nincia Cecília Ribas Borges Teixeira**

[jasmine\\_horst@hotmail.com](mailto:jasmine_horst@hotmail.com)

Universidade Estadual do Centro-Oeste, BR

Os meios de comunicação agem como ferramentas de representação social, ou seja, por meio da análise de determinado jornal ou revista de qualquer época podemos ter uma ideia geral de como se comporta uma sociedade naquele período, onde estão presentes seus costumes, sua ideologia, seus hábitos, formas de vida e costumes. O objetivo da pesquisa é dar visibilidade à produção jornalística de Narcisa Amália de Campos, no Brasil do século XIX. Narcisa foi a primeira jornalista profissional do país e escreveu para diversas revistas e jornais, destacando-se “O sexo feminino” e “O gazetinha”. A jornalista assumia publicamente uma postura muito diferente do que era socialmente esperado das mulheres daquela época, tratava de assuntos ligados ao feminismo, à democracia e à abolição dos escravos, o que, por muito tempo, fez com que ela fosse ligeiramente apagada dentro da história da comunicação e também da literatura. Portanto, a pesquisa tem como foco principal explicar a produção jornalística de Narcisa Amália, esmiuçar as temáticas por ela tratadas, e trabalhar os conceitos de Representação, de Chartier (2002), Memória, de Halbwachs (1990), Identidade, de Hall (2006) e Bauman (2005), além de tratar da questão feminina no discurso jornalístico, utilizando os conceitos de Teixeira (2009) e (2008), tudo isso dentro dos Estudos Culturais.

estudos culturais | identidades | jornalismo | memória

## **MUJER, MEMORIA Y REIVINDICACIÓN INTELECTUAL: TATI (ALIAS MILAGROS POLO LÓPEZ)**

**Carmen Morales García**

cmorales@ufpcanarias.es

Universidad Fernando Pessoa Canarias (UFPC), ES

**Araceli Ventura Morales**

Universidad Nacional de Educación a Distancia, ES

Dentro de la ingente Memoria invisible que a día de hoy sigue correspondiendo a la presencia femenina borrada del devenir histórico, surge la necesidad de rescatar a aquellas mujeres condenadas al espacio privado durante siglos; sujetos históricos que vivieron bajo la dictadura de roles categorizados como femeninos, sea, por tradición cultural, sea, por la perspectiva androcéntrica dominante del espacio público. Conviene y es necesario, sacar a la luz las piezas de este engranaje histórico que contribuyeron a la presencia intelectual y académica de la mujer contemporánea. Largo, lento y duro andar que conforma, finalmente, los espacios visibles e invisibles del "ser femenino". Quizás, ninguna generación sea tan clara en esta lucha como aquellas mujeres que fueron testigos tanto del Franquismo como de la Transición Española. En ellas se aúnan el final de roles femeninos propios de un sistema autoritario y católico (madre, esposa), confinados en el espacio privado, con el ejercicio en nuevos espacios públicos que traen los aires libres de la Transición. Mujer, Memoria y Reivindicación Intelectual. Nadie como Milagros Polo, "Tati", (1932-2015), principal sujeto de esta comunicación, personifica el compromiso del mundo femenino (visible e invisible) con la restitución del ser mujer, del ser intelectual y del ser político. Poliédrica en haberes y disciplinas: profesora de Literatura de la Facultad de Comunicación de la Complutense de Madrid, crítica literaria de Diario 16, especialista de la obra de Valente y anónima poetisa. Confluyen en ella, literatura y filosofía, plasmándolas en los medios de comunicación que en cada momento la vida le provee (escritura íntima, docencia y finalmente, periodismo). A través de su vida (compromiso con la libertad de cátedra) y de su obra, (estudio del "Ateísmo Femenino" y del concepto de "Lugar" frente a Nacionalismos y desarrollo de la Globalización), podemos configurar no solo la dicotomía del "ser" y "estar" de la mujer en la España de los años 50-60; sino, también, su conquista del espacio público a través del análisis de los años de su esplendor académico, (80-90). Un ejercicio que desarrollará en el espacio que conquista desde las tribunas que le otorga su docencia en la Facultad de Comunicación, (conferencias, investigaciones...) como en sus colaboraciones como crítica literaria en el "Cultural" de Diario 16. Pródiga producción literaria (Tati) y académica (Milagros Polo) que nos mostrará a veces una Milagros Polo versus Tati (espacios visibles versus espacios invisibles, condenados a convivir en el espacio privado, propios de tiempos autoritarios) para culminar, como ella misma firmaría en su obra "Cuarteto y fuga para un espacio desierto" (1995), en Tati (Alias Milagros Polo López).

La presente comunicación tiene como objetivo principal la recuperación de la memoria femenina personalizada en la figura de Milagros Polo López, la presentación de sus principales preocupaciones y reivindicaciones personales e intelectuales. Las fuentes documentales extraídas del Archivo privado de la familia Zaera Polo, los artículos publicados en Diario 16 (Biblioteca Nacional) y los testimonios de amistades y colaboradores configuran una amalgama de huellas documentales que la restituyen y rescatan del olvido. Demos voz, pues, a su obra.

memoria femenina | historia de género | feminismo intelectual s. XX | Diario 16  
Milagros Polo



# **O CASO DE BEATRIZ FERREIRA, CABELEIREIRA, SALAZARISTA E REPÓRTER FOTOGRÁFICA D'O SÉCULO E DO SEMANÁRIO O SÉCULO ILUSTRADO**

**Filomena Serra**

fil.serra@fcsh.unl.pt

IHC-NOVA FCSH / IN2PAST, PT

**Filipa Subtil**

fsubtil@escs.ipl.pt

ESCS-IPL & ICNOVA-NOVA FCSH, PT

O trabalho das mulheres repórteres fotográficas portuguesas de inícios do século XX, ou, mais tarde, o das fotojornalistas que ousaram fazer dessas actividades o seu métier é ainda invisível. Ao contrário das mulheres-jornalistas cuja presença nos jornais foi tímida, mas cujo acesso à profissão, nos anos 80, rejuvenesceu um ofício até aí predominantemente masculino e pouco qualificado, a integração das mulheres foto-repórteres foi mais lenta. Apesar da inexistência de dados fidedignos nacionais, as investigações internacionais sugerem que a sua presença é ainda escassa. Um inquérito ao prémio da World Press Photo (2015) diz-nos que 85% dos concorrentes eram homens (Hadland, Campbell et al, 2015).

O objectivo deste estudo é, pois, discutir a invisibilidade e a reconfiguração dessa profissão, tardiamente reconhecida, através da desocultação do caso de Beatriz Ferreira (1916-1996), foto-repórter d'O Século e do Século Ilustrado, entre 1947 e 1977, onde também foi responsável pelos serviços fotográficos.

Beatriz Ferreira, filha de um pescador de Sesimbra e de uma funcionária municipal, teve uma infância de pobreza e trabalho. Aos dezasseis anos, após um casamento infeliz, chegou a Lisboa e fez-se cabeleireira. Entretanto, conheceu o seu futuro marido Ismael Ferreira, repórter fotográfico e chefe de serviços n' O Século até à data da sua morte em 1960. Ao acompanhar o trabalho do marido apaixonou-se pela fotografia, aprendendo as técnicas fotográficas. Conhecida por D. Beatriz Ferreira, vem a trabalhar naquele jornal e no Século Ilustrado, entre 1947 e 1977. Em 1949, entra oficialmente para a redacção do jornal, tornando-se sócia efectiva do Sindicato dos Jornalistas, em 1956. Seria ainda colaboradora da revista Modas e Bordados. São dela inúmeras foto-reportagens dedicadas a visitas de chefes de governo estrangeiros e viagens presidenciais às colónias e ao Brasil; da visita da rainha de Inglaterra a Portugal em 1957; uma reportagem sobre Humberto Delgado e a Maria Callas, em 1958, e muitas outras. Realizou também fotografias mais intimistas, de crianças, amigos e conhecidos da Cova do Vapor, na margem sul na Foz do Tejo, onde possuía uma casa.

Com a morte do marido em 1960, Salazar, segundo afirmou, ter-lhe-ia oferecido protecção enquanto viúva, facto que nunca esqueceu. Faria também amizade com a família do Presidente Américo Tomás, do qual fez inúmeras foto-reportagens. Talvez por esses factos, após o 25 de Abril de 1974, viria a sofrer um processo atribulado, acusada por colegas de ser uma informadora da PIDE/DGS e da Legião Portuguesa, o que não foi provado.

Como metodologia de trabalho investigámos vários arquivos para conhecer a sua biografia. Fizemos o levantamento das reportagens fotográficas mais significativas d'O Século Ilustrado, os temas abordados e uma análise semiótica das imagens. Além da discussão dos aspectos ligados à invisibilidade da profissão e do seu contexto histórico-social e internacional, discutiremos os seus pontos de vista e se existirá um olhar específico feminino e humanista nos temas abordados.

Beatriz Ferreira | biografia | repórter fotográfica | O Século | O Século Ilustrado

